Pasquale Lemmo

HISTÓRIA DOS VALDENSES

Crescer + mais

Pasquale Lemmo

HISTÓRIA DOS VALDENSE

Por trás dos elevados baluartes das montanhas, ali, durante mil anos, testemunhas da verdade, mantiveram a antiga fé.

CONTEÚDO

Cap. 1. Os cristãos - da época dos apóstolos até Constantino.....04

Cap. 2. De Constantino a Justiniano - 312 a 538 d.C.....35

Cap. 3. A antiguidade dos valdenses - documentos históricos.....49

Cap. 4. Os valdenses no período de 538 à 1165 d.C.....73

Cap. 5. Um reformador do século XII - Pedro Valdo.....90

Cap. 6. De Pedro Valdo à reforma do século XVI.....105

*Expansão missionária dos valdenses pela Europa;

*Preparam o caminho para a reforma

Cap. 7. As terríveis perseguições que os valdenses sofreram.....117

Cap. 8. Caráter, fé e doutrina dos valdenses.....160

*Um povo peculiar - depositário da fé primitiva.

*Lâmpada da verdade que permaneceu acesa por mil Anos

Conclusão.....215

Bibliografia 217

CAPÍTULO 1

OS CRISTÃOS - DA ÉPOCA DOS APÓSTOLOS ATÉ CONSTANTINO

De acordo com o historiador Gibbon, no final do primeiro século o mundo civilizado tinha cerca de 100 milhões de habitantes. Sob a administração firme e expansionista dos imperadores Domitiano (81-96 d.C.) e Trajano (98-117 d.C.), o Império Romano estava no pináculo da sua glória, estendendo suas conquistas até regiões distantes e mantendo o domínio sobre todas essas regiões - de perto e de longe - com mão de ferro.

O paganismo, com todo aquele vasto sistema que envolvia a religião pagã - seus templos, sacerdotes, oráculos sagrados, objetos de adoração, festas religiosas, divindades incontáveis cultuadas e a mitologia que envolvia os deuses, ofertas e sacrifícios, jogos, os filósofos e escolas que buscavam sustentar a teoria da adoração pagã, etc - era a religião oficial do império.

O paganismo do império romana englobava todos os deu - ses e suas mitologias que eram adoradas pelas nações conquista das. O Panteon, um dos monumentos da antigüidade preservados

em Roma, atesta claramente a inclusão dos deuses dos povos derrotados na veneração e respeito de seus adoradores dentro do império.

Mas o paganismo do primeiro século já estava em decadência. Uma classe de adoradores sentia um vazio na fervorosa busca de alcançar a paz com as divindades, ou obter a esperança e consolação prometidos aos adoradores. Uma outra classe achava-se envolvido no sistema de culto pagã por razões de conveniências e interesses econômicos, sociais, políticos e religiosos. Havia ainda uma grande classe que participava das festas e cultos patrocinados em devoção aos deuses, meramente por tradição e formalismo. Em todas essas classes havia multidões que ansiavam por uma religião que preenchesse esse vazio social e espiritual do coração.

Quando a fé da religião cristã, fundamentada nos ensinos dos profetas e apóstolos, e tendo como pedra angular o Senhor Jesus Cristo - Sua vida de perfeita obediência, Seu ensino sobre a verdade, Sua morte expiatória em nosso favor, Sua ressurreição e ascensão ao Céu, Sua intercessão no santuário celestial (Ef. 2:17-22) - começou a ser proclamado em todas as partes do império, aos de perto e aos de longe, a consciência de muitos foi despertada para raciocinar a respeito da verdadeira religião, o verdadeiro Deus e a maneira pelo qual podiam reconciliar-se com Ele e alcançar a paz.

O impulso missionário iniciado pelos apóstolos foi continuado por genuínos cristãos que se convertiam ao cristianismo. A exemplo do apóstolo Paulo, esses novos conversos ao evangelho, não mediam esforços para alcançar terras distantes, povoados isolados, enfrentando perigos inúmeros, para pregar a salvação de Deus àquelas regiões obscurecidas pelas trevas espirituais e mo-

rais, levando as boas novas da reconciliação com Deus mediante Jesus Cristo. O evangelho das boas novas pregado, como nos explica o apóstolo Paulo, fundamentava-se no "arrependimento para com Deus e fé em Jesus Cristo"(Atos 20:21); a pregação clara do Deus Criador, Aquele Deus que gregos e romanos não conheciam e que em Atenas haviam edificado um altar ao deus desconhecido (Atos 17:16-31) - o Deus que nos dá vida, respiração e tudo o mais... pois nEle vivemos, e nos movemos e existimos... Ora não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora porém, notifica aos homens que todos em todas as partes se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça."

Cerca de 30 anos após Cristo ter oferecido Sua vida para nos resgatar,pagando a nossa dívida, para resgate daqueles que crêem:"O Justo morreu pelos injustos para nos reconciliar com Deus (1 Pe.3:18); o apóstolo Paulo declara aos crentes de Colossos, que o evangelho da graça e amor de Cristo havia sido pregado a todo o mundo (Col. 1:23). Multidões tinham ouvido falar do verdadeiro Deus e dos méritos do sacrifício de Cristo como único meio de reconciliação com Deus.

Como resultado, uma classe de desiludidos pagãos que almejavam uma paz e esperança de salvação, abraçou com entusiasmo as verdades proclamadas pela fé cristã.

Eles sentiram o poder transformador dessa fé na vida, eram renovados na conduta social e moral, tinham a bús-

sola da esperança cristã de uma recompensa de glória, prometida àqueles que seguem o caminho e são fiéis aos preceitos e ensinos pregados por Cristo.

Onde quer que famílias ou pequenos grupos de cristãos eram formados, a sociedade via a diferença: em famílias bem ordenadas, jovens obedientes e isentos de vícios e paixões corruptas; membros da família cristã manifestando profundo amor fraternal, sempre dispostos a ajudar os necessitados, pobres e doentes da sociedade; tendo como guia de vida, fé e conduta as Escrituras Sagradas; que preservava a instituição matrimonial como sagrada e indissolúvel; que manifestavam regozijo, pureza e santidade em seu culto de adoração a Deus etc. - tudo isso apelava, atraía e cativava as afeições de pagãos sinceros que aspiravam conhecer a verdadeira religião, fé e esperança de salvação; o verdadeiro Deus, e aqueles genuínos princípios de conduta que devem ser demonstrados na vida. E muitos deles abraçavam a fé e moldavam suas vidas em harmonia com a esperança e princípios da fé cristã.

A religião cristã, diferente do sistema religioso do paganismo, apresentava-se como uma fé peculiar, singular, que não aceitava princípios de crença e conduta do paganismo. Pregava contra a veneração de incontáveis divindades, considerando-o degradante e idolatria. Condenava as festas, jogos e paixões degradantes da sociedade como pecado gravíssimo. Apregoava com fervor que somente a religião cristã tinha a verdade sobre Deus e a salvação, e que todos os outros sistemas eram falsos. Declarava que os escritos e defensores desses sistemas transviavam multidões do caminho certo. Os cristãos condenavam com veemência e não se submetiam a qualquer tipo de veneração e adoração que eram prestados aos imperadores.

A política do Império Romano era ser tolerante com respeito aos deuses venerados pelas nações subjugadas. Esses deuses e suas mitologias não apenas tolerados, mas também incorporados aos deuses respeitados e venerados no império. Os devotos de um culto de adoração a uma divindade, não condenavam nem achavam errado a veneração e culto a outras divindades.

Mas a religião cristã apresentou-se de maneira bem peculiar, como já foi descrito. Além disso, os cristãos revelavam-se missionários ardorosos, que convenciam para a fé cristã, pessoas de todas as classes da sociedade. Os templos pagãos eram freqüentados cada vez por menos devotos; suas festas, jogos, procissões, amuletos, oráculos sagrados, etc, - estavam caindo em descrédito popular.

Tudo isso fez com que as forças do paganismo se unissem na tentativa de quebrar a força do cristianismo que avançava e criava raízes por toda parte. Portanto, sacerdotes dos templos pagãos, os artesões, os comerciantes, os líderes de jogos e diversões; os patronos de casas de embriaguês, de glutonaria e de eventos de paixões corruptas; os magistrados corruptos - finalmente uniram suas forças para combater a fé cristã e seus discípulos. Decretos foram promulgados e executados - alguns deles restringindo-se a algumas Províncias, outros aplicados em todo o Império.

A apologia de Tertuliano ao imperador Severo Sétimo, cerca do ano 200, revela o panorama da época, o crescimento dos cristãos e as calúnias e perseguições que eles foram vítimas:

"É verdade que somos apenas de Ontem, e no entanto temos enchido todas as vossas cidades, vilas, ilhas, castelos, concílios, exército, cortes, palácios, Senado, Tribunais. Temos deixado para vós apenas os vossos templos... Estamos mortos para todas

as idéias de dignidade e honras mundanos. Nada é mais estranho para nós do que atividades políticas, todo o mundo é nossa República.

"Somos um Corpo unidos em um laço de religião, disciplina e esperança. Nos reunimos em nossas assembléias para oração. Somos compelidos a recorrer aos oráculos divinos por prudência e meditação em todas as ocasiões. Nutrimos nossa fé pela Palavra de Deus. Fundamentamos nossa esperança, fixamos nossa confiança, fortalecemos nossa disciplina, mediante a contínua assimilação dos preceitos das Escrituras, exortações e correções, e pela exclusão quando esta for necessária. Esta última (exclusão) é muito séria, e solene advertência do juízo vindouro de Deus, se alguém proceder de forma escandalosa a ponto de ser impedido da santa comunhão. Aqueles que presidem entre nós, são pessoas idosas que são destingüidos, não pela riqueza, mas pela virtude de caráter...

"Se a cidade é sitiada, se qualquer coisa errada ocorre no exército, na lavoura, nos campo, imediatamente os pagãos clamam: "Isto é por causa dos cristãos." Nossos inimigos tem sede do sangue de inocentes, cobrindo o ódio do coração com o slogan: "Que os cristãos são a causa de toda a calamidade pública." Se o rio Tiber inunda acima dos muros; se o Nilo não transborda para fertilizar os campos; se os céus alteram o curso das estações; se há um terremoto, fome, uma praga, imediatamente se levanta o clamor: "Lançai os cristãos aos leões." Portanto que as mandíbulas das feras selvagens nos despedacem e seus pés nos pisem, enquanto nossas mãos estão estendidas para Deus; que cruzes nos suspendam; que fogos nos consumam; que espadas atravessem nosso peito - um cristão que ora é uma estrutura que suporta qualquer coisa. O sangue dos

cristãos é uma semente, quanto mais é derramado, mais crescemos e nos multiplicamos."

OS TEMPOS DE TERRÍVEIS PERSEGUIÇÕES

Os genuínos cristãos sofreram perseguições e o cumprimento das predições de que a aceitação da fé os levaria a padecer todo tipo de aflições:"Acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas sinagogas; por Minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. E quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer; visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós." Mateus 10:17-20.

"Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus, serão perseguidos." (2 Tm. 3:12). Mas dos fiéis cristãos que preservaram a fé nesse tempo de turbulência e aflição, o apóstolo João declara que:"Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram; e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida." Apocalipse 12:11. Toda a artimanha e métodos de perseguições inventados por Satanás foram impotentes para remover dos cristãos piedosos a esperança da fé evangélica.

Por diversos períodos por cerca de quase 300 anos, aqueles que preservavam sua fidelidade a Cristo e Seus ensinos, foram amargamente perseguidos motivadas por seus inimigos que os afligiam por diversas razões.

Houve perseguições de todo tipo: filosófica, social, política,

ameaça de prisão, aprisionamento, tortura, e finalmente levados ao martírio. Contudo, centenas de milhares de cristãos, e mesmo alguns milhões, preservaram a fé, dando testemunho em defesa da salvação em Cristo, mesmo a custa de suas próprias vidas.

Algumas perseguições foram afetaram apenas algumas Províncias do Império, como por exemplo, sob os imperadores: Nero, (54-58); Domitiano, (81-96); Trajano, (98-117); Marcos Aurélio, (161-180); Maximino (235-238); Valeriano, (254-260), Aureliano, (270-275).

Houve três grandes perseguições gerais: Severo Sétimo, (193-211); Décio, (249-251); Diocleciano, (302-311).

A seguir apresentamos uma descrição histórica do panorama e das aflições a que os cristãos foram submetidos no tempo dos imperadores: Nero, Décio e Diocleciano.

A PERSEGUIÇÃO DE NERO - CERCA DO ANO 68 D.C.

A descrição é do historiador romano Tácito. Falando de Nero e do incêndio de Roma, ele afirma: "Para desviar a suspeita que caia sobre ele, Nero atribuiu criminalmente e ficticiamente a autoria do crime a outros; e com isto em mente, infligiu as mais terríveis torturas naqueles homens, que, sob a denominação popular de cristãos, eram já vistos com merecida infâmia. A confissão daqueles que eram presos, descobriu uma grande multidão de cúmplices, e eles foram todos condenados, não pelo crime de incendiar a cidade, mas porque odiavam a raça humana.

"Eles morreram em tormentos, amargurados pelos insultos e zombarias. Alguns foram crucificados, outros costurados em peles de animais selvagens e expostos à fúria dos lobos, outros foram

encharcados com material combustível e usados como tochas para iluminar a escuridão da noite. Os jardins de Nero foram reservados para este melancólico espetáculo, que foi acompanhada por uma corrida de cavalo e honrado com a presença do imperador, que se misturou com a população no vestuário e atitude de um que guiava a carruagem.

"A culpa que os cristãos receberam foi uma punição exemplar. Mas o ódio da população mudou-se em compaixão, da compreensão que estes infelizes miseráveis foram sacrificados, não pelo rigor da justiça, mas pela crueldade de um tirano ciumento."

A PERSEGUIÇÃO DE DÉCIO - 249-251 D.C.

"Tão logo Décio assumiu o trono (diz o historiador Hurst) e uma tempestade se ergueu na qual a fúria da perseguição sobreveio de forma terrível sobre a igreja de Cristo. Quer por falta de compreensão dos cristãos ou por um violento zelo pelas superstições de seus ancestrais, não sabemos. Mas é certo que ele promulgou editos da espécie mais sanguinária, ordenando os pretores, sob pena de morte, ou extirpar toda a congregação dos cristãos, sem exceção, ou forçá-los mediante tormentos, retornar à adoração do culto pagão.

"Portanto, em todas as Províncias do Império, durante o espaço de dois anos, multidões de cristãos foram mortos pelas formas mais horrendas de castigo que o barbarismo podia inventar. Este período de provações continuou com maior ou menor intensidade, durante os reinados de Gallus, Valeriano, Diocleciano, etc."

"O Dr. Chandlers' - History of Persecution, descrevendo o período de Décio, afirma:

"As mais terríveis barbaridades foram infligidas em todos que não blasfemassem de Cristo e oferecessem incenso aos deuses imperiais. Eles eram publicamente açoitados. Amarrados a carruagens e arrastados através das ruas e cidades, esmagados até que todos os ossos do corpo se deslocassem. Seus dentes removidos, nariz, orelhas e mãos cortados. Arames introduzidos através das unhas. Eram torturados com alumínio derretido jogados em seus corpos nus. Seus olhos arrancados.

"Eram condenados a trabalhos forçados nas minas. Eram moídos entre pedras, apedrejados até a morte. Queimados vivos. Lançados dos edifícios elevados. Atravessados com lanças pontaguda. Destruídos pela fome, sede e frio. Lançados às bestas selvagens. Fervidos em caldeirão com fogo lento com fogo lento. Lançados no abismo do oceano. Crucificados. Remoção da pele até a morte com facas afiadas. Esmagados com o rolar de árvores pesadas sobre o corpo. Em uma palavra, destruídos por todos estes métodos que mentes diabólicas podiam inventar."

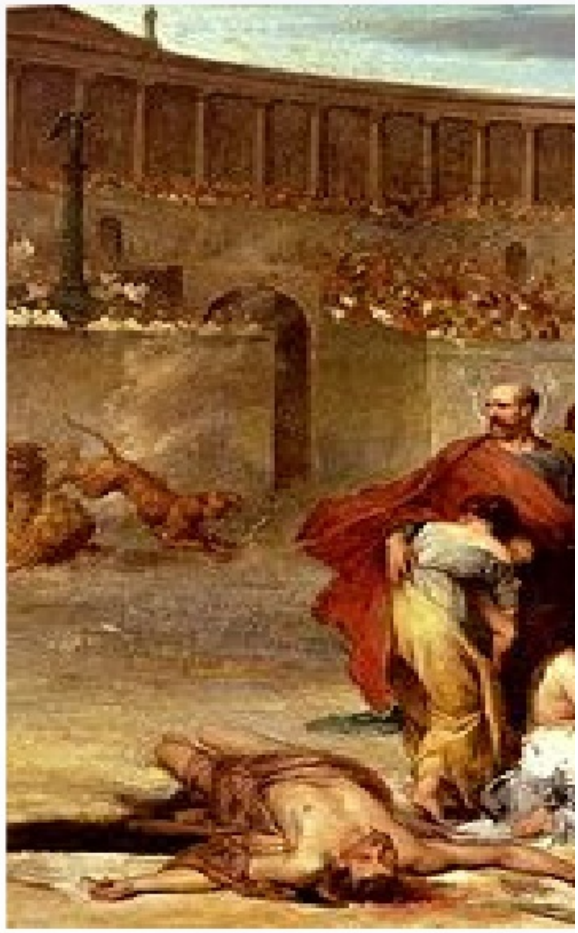
A PERSEGUIÇÃO DE DIOCLECIANO - 303-312 D.C.

Os dez anos de perseguição aqui mencionados é um cumprimento fiel da predição de Jesus em Apocalipse 2:10:"Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar alguns dentre vós na prisão, e tereis tribulação de dez dia"(um dia em profecia equivalendo um ano, de acordo com o princípio de interpretação profética em Ezequiel 4:7). E a exortação de Cristo ao Seu povo, foi atendida pelos fiéis:"Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida."

O historiador Mosheim, na sua História Eclesiástica, descreve

este período e os quatro terríveis decretos que foram promulgados:

"Os sacerdotes pagãos estavam alarmados com o crescimento do número de cristãos em todo o império, e temiam que a religião cristã se tornasse triunfante. Sob estes temores de perder sua própria autoridade, eles se dirigiram ao imperador Diocleciano, que eles sabiam ser de disposição crédula e temeroso; e por meio de oráculos fictícios e outros estratagemas falsos, esforçaram-se para levá-lo a perseguir os cristãos.



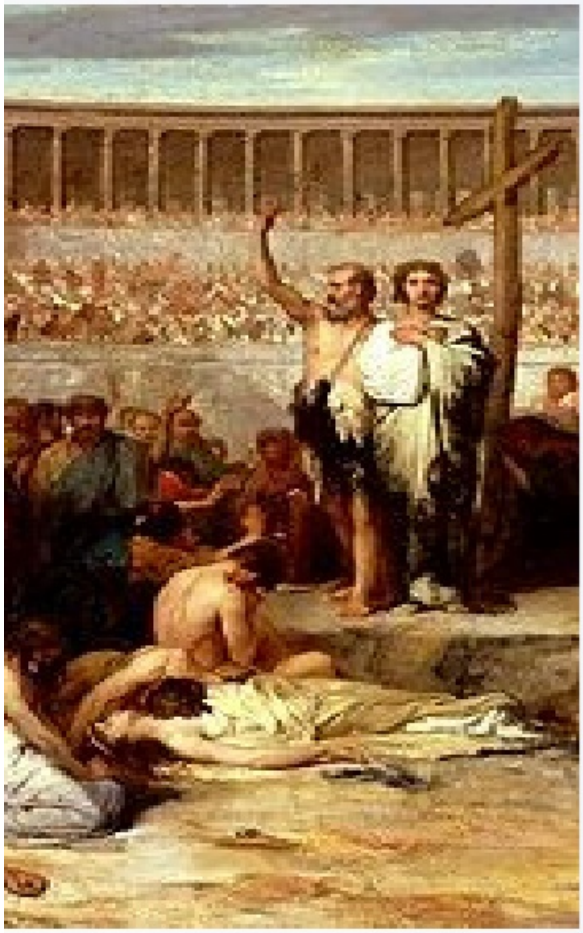
"Diocleciano permaneceu por algum tempo inflexível, sem se deixar levar pelas traiçoeiras artimanhas desses supersticiosos e egoístas sacerdotes.

"Quando os sacerdotes perceberam o insucesso de seus cruéis esforços, dirigiram-se agora a Maximiano Galério, um dos Césares, e também genro de Diocleciano, a fim de alcançar seus propósitos. Este príncipe de temperamento ruim e selvagem foi o instrumento para executar os maldosos desígnios dos sacerdotes. Galério solicita a Diocleciano, com urgência e infatigável importunação que promulgasse um edito contra os cristãos, obtendo finalmente seu desejo horrível.

"Em 303 d.C. - quando o imperador estava em Nicomédia, uma ordem foi obtida dele. O Decreto do Ano 303, ordenava: Destruir as igrejas dos cristãos; queimar todos os seus escritos; remo-

ver deles todos os seus direitos e privilégios civis, tornando-os incapacitados para qualquer honra e promoção civil.

"Este primeiro edito, embora rigoroso e severo, não atingia a vida dos cristão, pois Diocleciano era extremamente contrário à matança e derramamento de sangue. Contudo foi fatal para muitos cristãos, particularmente para aqueles que recusavam entregar os sagrados livros nas mãos dos magistrados. Muitos cristãos e entre eles alguns bispos e presbíteros, vendo as conseqüências desta recusa, entregaram todos os livros religiosos, e outras coisas sagradas que possuíam, a fim de salvar suas vidas. Esta conduta foi altamente condenada pelos mais firmes e resolutos cristãos, que olhavam para esta condescendência como sacrilégio, e estigmatizavam aqueles que se tornavam culpados com o ignominioso título de traidores.



"Muito tempo depois da publicação deste Primeiro Decreto contra os cristãos, um fogo irrompeu por duas vezes no palácio de Nicomédia, onde Galério estava alojado com Diocleciano. Este fogo diz Lactâncio, foi provocado por instigação secreta do próprio Galério a fim de acusar os cristãos de o haverem praticado e instigar Diocleciano contra eles.'

"Este terrível estratagema foi bem sucedido, pois nunca houve uma perseguição tão sangrenta e desumana como esta que Diocleciano moveu contra os cristãos. Os cristãos foram acusados

por seus inimigos como os autores deste incêndio, e o crédulo imperador Diocleciano, tão facilmente persuadido da autenticidade desta acusação, causou vasto número deles sofrer, em Nicomédia, a punição devida aos incêndios, e a serem atormentados de maneira mais desumana e abominável.

"Por aquele tempo, surgiram tumultos e sedições na Armênia e na Síria, que também foram atribuídos aos cristãos pelos seus implacáveis inimigos, que se aproveitaram destes distúrbios para inflamar a ira do imperador.

"Diocleciano, por um novo decreto: Ordenou que todos os bispos e ministros da igreja de Cristo fossem lançados à prisão.

"Nem terminou aqui está desumana violência, pois um terceiro decreto foi promulgado, no qual estipulava-se: que toda sorte de tormento devia ser empregado, e as mais insuportáveis punições inventadas, para forçar estes respeitáveis cativos a renunciar sua profissão e sacrificar aos deuses pagãos; pois tinham esperança que, se os presbíteros e doutores da igrejapudessem ser levados a ceder, seus respectivos rebanhos seriam facilmente induzidos a seguir seus exemplos.

"Um grande número de pessoas extraordinariamente distinguidos por sua piedade e cultura, tornaram-se vítimas deste cruel estratagema por todo o Império Romano, com a exceção da Gaulia, sob o controle do brando e imparcial domínio de Constâncio Chorus: Alguns eram punidos de maneira tão vergonhosa que as regras da decência nos obriga a ficar em silêncio. Alguns eram levados à morte após terem sido continuamente provados por vagarosas e inexprimíveis torturas. Alguns foram enviados às minas para viver o restante da vida em miséria, pobreza e escravidão.

"No segundo ano desta terrível perseguição, 304 d.C., um

Quarto Edito foi promulgado por Diocleciano, por instigação de Galério e outros implacáveis inimigos de Cristo. Por este Decreto os Magistrados eram ordenados e comissionados: a forçar todos os cristãos, sem distinção de classe ou sexo, a sacrificar aos deuses; e eram autorizados a empregar toda sorte de tormentos a fim de levá-los a este ato de apostasia. A diligência e zelo dos magistrados romanos na execução deste desumano edito, levou milhares e milhares a confessar a Cristo sofrendo todo tipo de tortura e morte."

E. G. WHITE COMENTA OS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS DE PERSEGUIÇÃO:

"Estas perseguições, iniciadas sob o governo de Nero, aproximadamente ao tempo do martírio de Paulo, continuaram com maior ou menor fúria durante séculos. Os cristãos eram falsamente acusados dos mais hediondos crimes e tidos como a causa das grandes calamidades -- fomes, pestes e terremotos. Tornando-se eles objeto de ódio e suspeita popular, prontificaram-se denunciantes, por amor ao ganho, a trair os inocentes. Eram condenados como rebeldes ao império, como inimigos da religião e peste da sociedade. Grande número deles eram lançados às feras ou queimados vivos nos anfiteatros. Alguns eram crucificados, outros cobertos com peles de animais bravios e lançados à arena para serem despedaçados pelos cães. De seu sofrimento muitas vezes se fazia a principal diversão nas festas públicas. Vastas multidões reuniam-se para gozar do espetáculo e saudavam os transes de sua agonia com riso e aplauso.

"Onde quer que procurassem refúgio, os seguidores de Cristo eram caçados como animais. Eram forçados a procurar es

conderijo nos lugares desolados e solitários. "Desamparados, afligidos e maltratados, dos quais o mundo não era digno, errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da Terra." Hebreus 11:37,38. As catacumbas proporcionavam abrigo a milhares. Por sob as colinas, fora da cidade de Roma, longas galerias tinham sido feitas através da terra e da rocha; o escuro e complicado trama das comunicações estendia-se quilômetros além dos muros da cidade. Nestes retiros subterrâneos, os seguidores de Cristo sepultavam seus mortos; ali também, quando suspeitos e proscritos, encontravam lar. Quando o Doador da vida despertar os que pelejaram o bom combate, muitos que foram mártires por amor de Cristo sairão dessas sombrias cavernas.

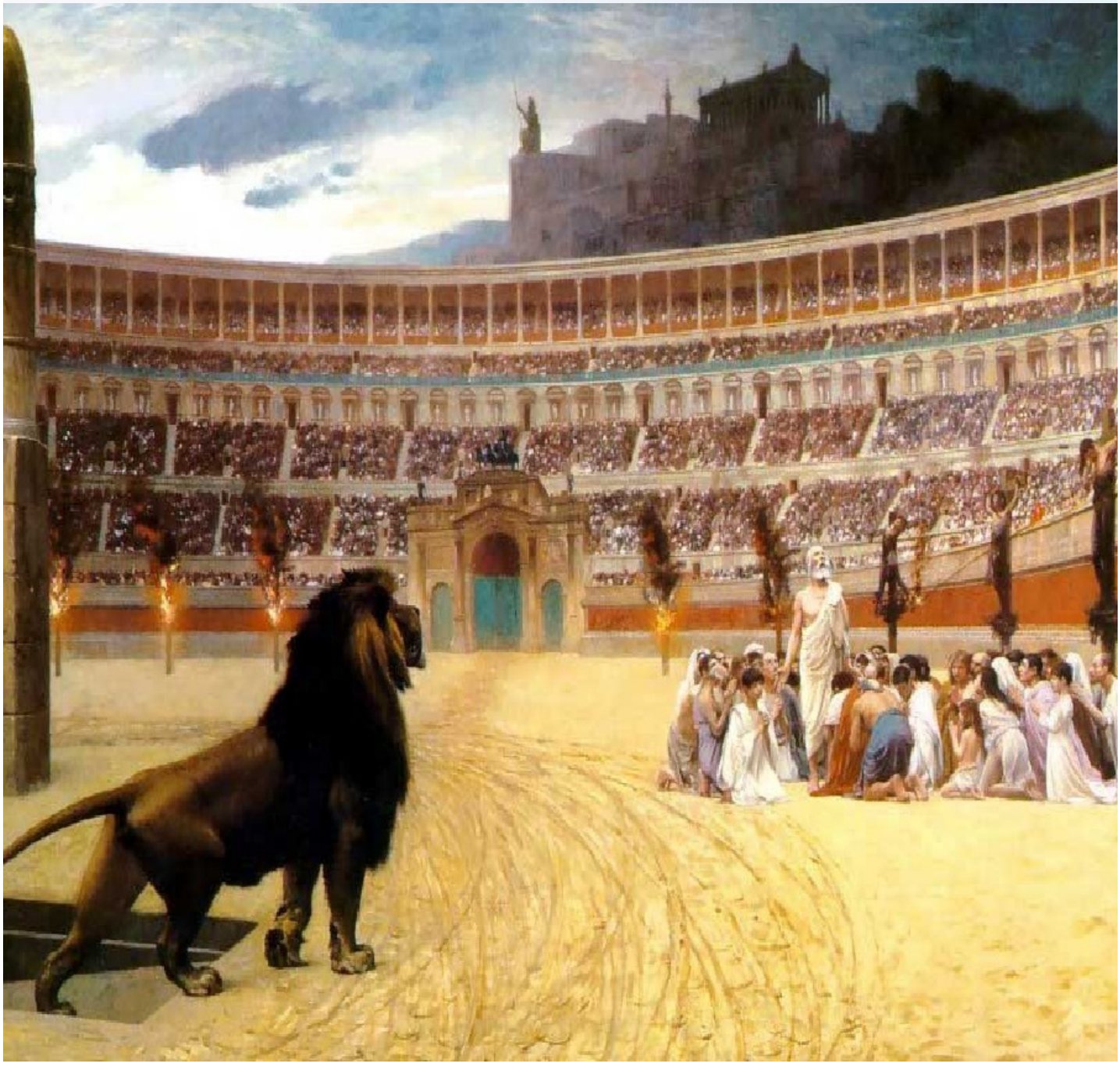
"Sob a mais atroz perseguição, estas testemunhas de Jesus conservaram incontamidada a sua fé." -- O Grande Conflito, 37

PERSEGUIÇÃO - UM MEIO DE REVELAR O CARÁTER E AFASTAR OS VACILANTES E APÓSTATAS

Nos períodos de calma, multidões aceitavam a fé cristã. Muitos deles, porém, eram meio convertidos. Em épocas de perseguição, os meios convertidos apostatavam, renunciavam a fé e voltavam à adoração dos ídolos.. Freqüentemente, muitos desses apóstatas, quando a perseguição terminava, buscavam novamente a igreja cristã, e, em muitos lugares onde os presbíteros eram vacilantes, estes apóstatas eram recebidos eram recebidos pela igreja, sem serem rebatizados e sem demonstração clara de arrependimento genuíno. Esta foi uma das causas que motivou a reação de uns poucos remanescentes fiéis -- chamados pelos nomes de: Montanistas, Novatianos, Donatistas etc.

Este ciclo, de aceitação da fé em tempo de paz e apostasia em tempos de perseguição, ocorria com freqüência, e foi muito acentuado durante o reinado de Severo Sétimo, (193-211), e cla ramente visível a partir da perseguição de Décio, (249-251), até a perseguição de Diocleciano, (303-312).

Contudo, as perseguições de um modo geral, impediram o desenvolvimento da apostasia avançar rapidamente."Assim, en quanto durou a perseguição, a igreja permaneceu comparativa mente pura." E. G. White, O Grande Conflito, 41.



AVANÇA O PROCESSO DE CORRUPÇÃO DA FÉ E DA DOUTRINA NOS SÉCULOS I, II, e III.

Cerca do ano 52 Paulo declarou aos crentes em Tessalônica , que o mistério da iniqüidade já estava operando em seus dias (2 Tess. 2:3-8), esperando oportunidade e circunstâncias favoráveis para o crescimento.

Cerca do ano 60, a caminho de Jerusalém, Paulo convoca os pastores de Éfeso para virem a Mileto. Em sua solene exortação ele os exorta a cuidarem bem do rebanho de Deus, sobre o qual o Espírito Santo os constituiu presbíteros (pastores), e depois acrescentou: "Porque eu sei, que depois de minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não poupará o rebanho. E que dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos após si." Atos 20:30.

Cerca do ano 66 Pedro escreve de uma classe de insubordinados que interpretavam mal o ensino de Paulo sobre a salvação, como também deturpavam as demais Escrituras para sua própria perdição (2 Pe. 3:15-17).

Perto do final do século, o apóstolo João descreve uma classe de pregadores na igreja inclinados ao misticismo, que entre outras coisas negavam a Encarnação de Cristo e Sua Divindade (1 Jo. 2:18-23).

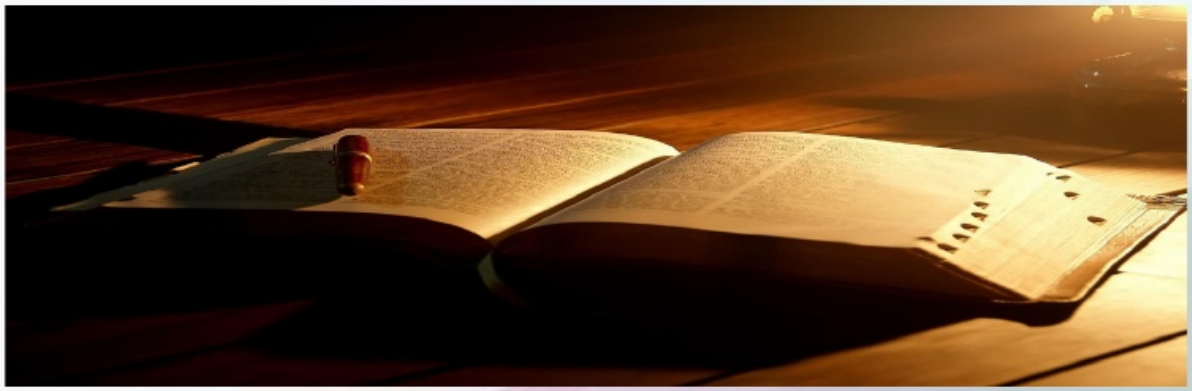
Assim o processo de corrupção da fé ia surgindo e pouco a pouco se fortalecendo, de vários setores dentro da igreja:

Os conversos ao cristianismo vieram de vários setores e classes do paganismo : Filósofos, comerciantes, camponeses, da classe pobre e da classe rica. Vieram de diferentes filosofias da vida cultural social e religiosa do paganismo. Receberam iluminação com

respeito à verdade, foram convencidos, aceitaram a fé:"Tornaram-se participantes da obra do Espírito Santo no coração; provaram a boa Palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro."Hb. 6:4,5. E, pela graça de Deus, não poucos deles conservaram a fé primitiva até o fim, e mesmo até o martírio.

Mas uma classe entre esses milhares de conversos, pouco a pouco foi perdendo as impressões da verdade como ela é descrita nas Escrituras. Perderam a simplicidade da fé, e os antigos princípios de sua educação anterior, pareciam harmonizar-se e mesmo fundir-se com os princípios do evangelho. Esta classe começou a interpretar as claras doutrinas da fé, da expiação de Cristo na cruz, da Divindade e humanidade de Cristo, os requisitos dos Dez Mandamentos, o estado pecaminoso natural no coração do não convertido, etc -- tudo foi interpretado sob a luz do misticismo da filosofia grega e de modo especial de Platão -- na tentativa de mesclar a Bíblia e sua doutrina com os ensinos dos filósofos e princípios do misticismo grego. Não poucos foram enredados nessas vãs filosofias.

Quatro Escolas Teológicas formaram missionários e moldaram a fé dos cristãos durante os Séculos II, III, IV, e V. A Escola de Alexandria; a Escola da Ásia Menor: a Escola de Antioquia e a Escola do Norte da África. Hurst, em sua História Eclesiástica, descreve os princípios dessas escolas e a influência que exerceram:



A ESCOLA DE ALEXANDRIA

"A primeira dessas escolas foi de Alexandria. Seu modelo estava fundamentado na escola filosófica grega. A opinião mais provável da srcem da escola de Alexandria é que ela foi criada como uma instituição de catequese, onde jovens e adultos que recentemente assumiram os votos cristãos eram instruídos nos princípios da igreja cristã.

"A elaborada exegese da escola de Alexandria, enfatizava o ensino oral no ensino filosófico grego. Não havia espaço para o estudo do registro das Escrituras. A Bíblia para os mestres dessa escola era meramente um monte de pedras polidas, e o arquiteto pode construir mediante elas qualquer templo que seu gosto pela alegoria pudesse sugerir.

"O período de atividade da escola de Alexandria, cobriu cerca de dois séculos, desde meados do Século II ao século IV. Pantaenus e Clemente permaneceram à frente no Século II. Orígenes, Heracles e Dinísio, no Século III, Dídimi, o cego, no Século IV. Em acréscimo a estes precisamos incluir Gregory Taumaturge, Petras, Pamfilo e Eusébios.

"Pantaenus foi o fundador da escola de Alexandria. Era de Atenas e antes de abraçar o cristianismo era um filósofo estóico. Tinha um zelo ardente de um evangelista. Fez um giro pela Índia cerca do ano 190.

"Clemente de Alexandria escreveu muitas obras e exerceu grande influência.

"Orígenes foi o mais ilustre professor da escola. Ele reconhecia no Platão reavivado uma poderosa ajuda para o cristianismo. Usou a filosofia grega como uma plataforma pela qual atraía seus

ouvintes para o templo do evangelho. Tinha grande popularidade na Síria. Sua influência e filosofia moldou centenas e centenas de missionários.

"Orígines cria que em todo o mundo abundava a verdade; que faíscas da verdade haviam caído sobre todas as nações e animado todas as melhores religiões. Cristianismo, de acordom Orígenes, é o conquistador universal. Em qualquer campo hostil a verdade pode ser encontrada, e que ela seja então apropriada e usada para novas conquistas."

Esta filosofia teológica altamente especulativa, formaria a consciência de centenas de missionários e exerceria grande influência sobre a interpretação da Bíblia e suas doutrinas. Esta foi uma fonte de corrupção da fé cristã e da apostasia de muitos e da introdução de princípios e festividades do paganismo rebatizadas com vestes de cristianismo que penetrou na professa igreja cristã nos séculos que se seguiram.

A ESCOLA DA ÁSIA MENOR

"A Ásia Menor constituía um grupo de escritores e professores de Teologia. Não havia um centro formal de educação teológica. Aquela região fora distinguida desde o apóstolo Paulo por sua fidelidade à doutrina e disciplina na igreja.

"No Século II entre os seus homens mais eminentes e notáveis destacam-se: Policarpo, Papias, Melito de Sardes, Hegesippo.

A inclinação teológica enfatizava a fé primitiva e apostólica. No Século III tornou-se um forte baluarte contra as filosofias gnósticas. Irineo, Hopolito e Júlio Africano, foram os principais representantes da Ásia Menor.

A ESCOLA DE ANTIOQUIA

A Escola Teológica de Antioquia, estava engajada principal - mente na doutrina teológica e na busca da exegese correta do Texto Sagrado.

"Esta escola distinguiu-se por desenvolver a faculdade do raciocínio na compreensão das questões doutrinárias e pelo zelo em propagar as duas naturezas separadas de Cristo. Seus funda dores foram Doroteu e Luciano. Doroteu foi grande teólogo exe gético e morreu cerca no ano 290. Luciano prestou o serviço de uma nova edição crítica da Septuaginta, e morreu como mártir na Numidia cerca do ano 311 na perseguição de Maximino.

"O período de prosperidade da escola de Antioquia extende-se de 300 a 429. Destacam-se como seus representantes principais: Teodoro, Eusébio de Emessa, Ciril Apollinaris, Efraem, Diodoro, João Crysostom e Teodoro Mopsuetica.

"Desde Antioquia outras escolas foram estabelecidas, e a principal delas foi Edessa na Mesopotâmia.

A ESCOLA DO NORTE DA ÁFRICA

"A Escola do Norte da África moldou a teologia Latinas até as primeiras décadas do Século III. A igreja ocidental olhava mais para Cártago do que para Roma em questões de fé. Tertuliano, cujas primeiras obras foram em grego foi o principal agente do desenvolvimento dessa escola. Sua fama entre as igrejas alcançava também o oriente.

"Tertuliano, Cipriano, Manucius Félix, Arnobios e Lactan - cio, constituem seus principais representantes. O período de pros

peridade desta escola estende-se do ano 200 à morte de Lactancio em 330 d.C."

A vida é moldada pela fé. Uma fonte doutrinária saudável forma cristãos que permanecem na plataforma da verdade. Em grande medida este foi o legado da escola de Antioquia, da Ásia Menor e da escola do Norte da África até a morte de Tertuliano. Uma fonte doutrinária filosófica, especulativa molda cristãos fundamentados na tradição humana, na filosofia grega e na mescla de princípios do paganismo. Este foi o legado da Escola de Alexandria, da escola do Norte da África depois da morte de Tertuliano.

A CRESCENTE INFLUÊNCIA DO BISPO DE ROMA

Pouco a pouco o Bispo de Roma foi se erguendo em prestígio e influência. Especialmente a partir do bispo Victor, cerca do ano 200, força e vigor ia sendo acrescentada às ambições de predomínio do bispo de Roma, que posteriormente foram fundamentadas na conversão nominal de Constantino (311-335), e concretizadas pelo edito do imperador Justiniano em 533, proclamando o bispo de Roma como:"O cabeça das igrejas e o corregedor dos hereges."

Nos Séculos II e III, as sementes foram semeadas daqueles dogmas e tradições que posteriormente foram aceitos pelo cristianismo nominal e formaram o arcabouço do cristianismo durante toda a Idade Média. Nos Séculos II e III, aqueles que estavam sendo moldados por princípios errôneos de fé e interpretação filosófica das Escrituras, foram levados a aceitar aquele falso cristianismo que predominou a partir do Século IV: Confiar na observância externa de cerimônias; mesclar princípios do cristianismo com princípios do paganismo.

UM FIEL REMANESCENTE EM MEIO ÀS ONDAS DE APOSTASIAS NOS SÉCULOS II e III

Na visão o apóstolo João contempla Jesus no meio dos castiçais, símbolo da igreja, segurando em Sua mão direita as sete estrelas, símbolo dos mensageiros fiéis(Apc. 1:12,16,20). Cristo proveu graça e meios para preservar a fé genuína entre os poucos que constituíam o remanescente, em todas as épocas de apostasia generalizada. O surgimento remanescentes fiéis verificou-se nos Séculos II e III, quando ondas de mundanismo, apostasia da fé, e doutrinas e princípios errôneos de interpretação da Bíblia, procuravam adentrar e moldar a fé dos cristãos. Um remanescente se levantou em protesto contra esta deturpação da fé, e para levantar a bandeira da verdade.

A Escola de Antioquia, tornou-se o centro da verdadeira fé, um farol da verdade que formou missionários que continuaram a preservar a fé primitiva dos apóstolos. O Senhor sempre preservou e levantou um fiel remanescente em meio às grandes apostasias. Portanto, a história confirma que um fiel remanescente lutou con-

tra os erros que começavam a penetrar na igreja durante os Séculos II e III. Eles formaram congregações separadas espalhadas em todas as Províncias do Império. Foram chamados por diferentes nomes: montaneses, novatianos, puritanos, etc, e suas igrejas, cultos e fé peculiar foram testemunho da verdade durante os Séculos III, IV, V, e mesmo até a época do imperador Justiniano.

MONTANISMO

"Montanismo", diz o historiador Hurst," foi uma reação contra o espírito de mundanismo e a frouxidão da disciplina eclesiástica que aparecia na igreja durante os intervalos das perseguições. Montanismo via chegar erros de caráter sério, e propôs reanimá-los mediante um ensinamento mais rigoroso e o exemplo de abnegação. Montanismo foi em última análise uma reação em favor do cristianismo primitivo."

O movimento montanista surgiu na segunda metade do século II, na região da Frígia, espalhou-se por muitas partes do oriente. Apesar de ser condenado por vários concílios, algumas congregações montanistas até a época de Justiniano. Dessa época em diante não são mais vistos pelos historiadores eclesiásticos. No Norte da África , com a adesão de Tertuliano, os montanistas sobreviveram por muito tempo sob o nome de Tertulianistas.

"Sua última aparição acima da superfície" diz o historiador Schaff, "foi no reinado de Justiniano. Ele promulgou dois editos contra os montanistas, um em 530 e o outro em 532 d.C. Após esta data o movimento montanista saiu de cena para reaparecer sob vários nomes e formas e em novas combinações: novatianos,donatistas, montanheses, puritanos etc."

Os montanistas enfatizavam: A obra e os dons do Espíri - to Santo como uma urgente necessidade para manter a pureza da igreja e de seus membros; pregavam uma disciplina mais rígida por parte da igreja em relação aos vacilantes e apóstatas; conde navam o segundo matrimônio como sendo contrário ao plano de Deus e não se harmonizar com a pureza da vida cristã no Espírito Santo; defendiam a importância de não negar a fé mesmo diante do matírio; enfatizavam também a importância das profecias.

O testemunho de João Wesley em favor do movimento montanista:"Pelas melhores informações que podemos colher na queles tempos distantes parece que, Montano não somente foi um bom homem, mas um dos melhores homens que viveu sobre a Ter - ra, e que seu crime foi que ele severamente reprovava aqueles que profundamente se diziam cristãos enquanto que não estavam em Cristo nem andavam como Cristo andou, mas se conformavam, tanto no temperamento como na prática, à presente geração per - versa."

O MOVIMENTO NOVATIANO

O movimento novatiano surgiu na época da grande perse - guição do imperador Décio, cerca dos anos 251,252. Robert Robin - son, em sua importante obra: Pesquisas Eclesiásticas analisando o movimento Novatiano, afirma:

"Novatiano, um pastor da igreja de Roma, um homem de grande conhecimento, publicou vários livros em defesa da fé. Sua pregação era eloqüente e cativante, e sua moral irrepreensível. Ele viu com grande dor a depravação intolerável da igreja. Os cristãos num espaço de uns poucos anos eram tolerados por um impera

dor e perseguidos por outro. Nas épocas de prosperidade muitas pessoas aceitavam a igreja por propósitos banais. Em tempos de adversidade estes negavam a fé, e voltavam à idolatria. Quando passava o perigo, estes voltavam novamente à igreja com todos os seus vícios para corromper outros pelo seu exemplo.

"Os bispos amantes do proselitismo, encorajavam tudo isto; e transferiam a atenção dos cristãos da antiga plataforma da virtude para as vãs formalidades de um culto exterior e cheio de pompa, com doutrinas adulteradas ou mescladas com o paganismo.

"Na morte do bispo Fabiano, Cornélio, um pastor e zeloso defensor de aceitar uma multidão de relapsos, foi apontado como candidato. Novatiano se opunha a ele. Mas Cornélio conseguiu ser eleito. E como Novatiano não via nenhuma perspectiva de Reforma, antes pelo contrário, uma onda de imoralidade introduzida na igreja, ele se separou, e com ele uma grande multidão.

"Novatiano formou uma igreja e foi eleito presbítero. Um grande número seguiu seu exemplo, e em todo o império igrejas puritanas foram constituídas e floresceram através dos 200 anos que se seguiram. Posteriormente quando as leis penais os obrigaram a ficar no anonimato, e adorar a Deus em secreto, eles se distinguiram por uma variedade de nomes, e a sucessão deles continuou até a época da Reforma do Século XVI.

"Os inimigos de Novatiano dizem que ele foi o primeiro anti-papa; e no entanto não havia nenhum papa naquela época, no senso moderno da palavra.

"Eles dizem que Novatiano é o autor da heresia do Puritanismo; e no entanto eles sabem que Tertuliano havia se separado da igreja cerca de 50 anos antes pela mesma razão. E Privatus, que era um homem velho no tempo de Novatiano, tinha, com alguns

outros repetidamente condenado as alterações que estavam ocorrendo, e que, por não serem ouvidos, se desligaram e formaram congregações separadas.

"Eles estigmatizam Novatiano de ser o pai de uma inumerável multidão de congregações de puritanos por todo o império; e no entanto ele não tinha nenhuma outra influência sobre qualquer uma delas, a não ser seu bom exemplo. As pessoas por toda parte tinham as mesmas reclamações e suspiravam por alívio. E quando um homem tomou sua posição pela virtude, chegou a crise. As pessoas observaram o remédio proposto, e aplicavam os mesmos meios para obter alívio.

"Eles culpam este homem e todas estas igrejas pela severidade de suas disciplinas. No entanto esta disciplina rigorosa, era a única regra das igrejas primitivas, e o exercício desta tornava a coerção civil desnecessária.

"Alguns exclamavam: é uma disciplina bárbara recusar readmissão de pessoas na comunhão cristã, porque vacilaram na idolatria e vício. Mas Novatiano dizia: Podeis ser admitidos entre nós pelo batismo, ou se algum católico foi batizado antes, pelo rebatismo. Mas se você cair na idolatria, nós o separaremos de nossa comunhão, e de forma alguma vos readmitiremos. Que Deus não permita que injuriemos quer vossa pessoa, propriedade ou caráter, ou mesmo julgar a verdade de vosso arrependimento ou vosso estado futuro.

"Os novatianos eram chamados de puritanos, um nome que não foi escolhido por eles mesmos, mas que foi aplicado a eles pelos seus adversários. Disto podemos concluir que o comportamento deles era simples e irrepreensível.

NOVATIANO - ESCRITOR

"Novatiano parece ter possuído muitos talento. Mosheim fala dede como "um homem de incomparável eloqüência e conhe cimento."

"Ele escreveu várias obras, das quais duas foram preserva - das. Uma delas fala sobre o assunto da Divindade.É dividido em trinta e uma seções. As primeiras 8 relatam o Pai, trata de Sua natureza, poder, bondade, justiça, etc, e a devida oração a Ele. As seguintes 20 seções falam sobre Cristo. O que os profetas do Anti go Testamento predisseram concernente a Ele, o cumprimento de suas profecias, a natureza de Cristo, e como as Escrituras provam Sua Divindade. Refutação aos argumentos dos sabelianos. Mos tra que foi Cristo que apareceu aos patriarcas Abrão, Jacó, Moisés, etc. A seção 29 trata sobre o Espírito Santo. Como foi prometido e dado por Cristo. Seu ofício e operações sobre o coração e na igreja. As últimas duas seções recapitulam os argumentos anteriormente apresentados. A obra parece ter sido escrita no ano 257, seis anos depois de ter-se separado da igreja.

"O outro tratado é sobre o assunto das cerimônias Judaicas, endereçado na forma de carta a suas igrejas e escrito durante seu exílio ou escondido no tempo de perseguição. Fala da natureza tí pica da lei cerimonial apontando para Cristo, mas adverte os cris tãos contra o comer coisas sacrificadas aos ídolos." Dr. A. Clarke's - A Literatura Sagrada na História.

A VINDICAÇÃO DOS NOVATIANOS:

"Dr. Lardner em Sua Credebility of the Gospel History, Cap.

47, aborda com grande erudição e clareza o assunto dos novatianos. Dionísio, bispo de Alexandria escreveu muitos tratados contra os novatianos, e isto revela que sua disciplina rigorosa era nutrida por muitos. Fábio, bispo de Antioquia foi um dos amigos que favorecia os novatianos. Mariano, bispo de Arles, era firme nos princípios novatianos na época que Estevão foi bispo de Roma. Uma igreja foi formada em Cártago da qual Máximo foi pastor.

"Sócrates, o historiador, fala de suas igrejas em Constantinopla, Nice, Nicomédia e Cotioeus na Frígia, todas no Século IV - estas ele menciona como seus principais lugares no Oriente, e ele supõe que os novatianos eram igualmente numerosos no Ocidente. Qual era o número deles nessas cidades não somos informados, mas ele calcula que os novatianos tinham 3 igrejas em Constantinopla.

A EXPANSÃO DOS NOVATIANOS

"Os novatianos tinham entre eles algumas pessoas notáveis e de talentos nobres. Entre estes destacam-se - Agejius, Acesius, Sirinnius e Marciano, todos em Constantinopla. Sócrates menciona um Marcos, presbítero dos novatianos na Sintya, que morreu no ano 439.

"Em realidade os tratados escritos contra eles por vários autores da igreja católica, tais como: Ambrósio, Paciano e outros; as observações feitas por Basil e Gregório Nazianzen sobre eles; e os relatos de Sócrates e Sozomen em suas Histórias Eclesiásticas - são provas que os novatianos eram numerosos, e que igrejas desta denominação eram encontrados na maior parte do mundo nos Séculos IV e V.

"A grande extensão do movimento novatiano, diz Dr. Lard - ner, é manifestada dos nomes dos autores que os mencionam e de escritos contra eles, e das muitas partes do império romano onde os novatianos eram encontrados." Lardner Works, Vol. II, pág.57.

A FUGA DO FIEL REMANESCENTEPARA LUGARES ISOLA-DOS - SÉCULOS II e III

A atmosfera de corrupção e mundanismo que penetravam na igreja; a grande aflição entre os cristãos provocada pelo edito de Décio (249-251); e o desejo de adorar a Deus segundo os ensinos de Cristo e confirmado pelos apóstolos -- impeliu muitos genuí- nos cristãos a fugir dos tumultos e perigos das grandes cidades, da crescente onda de editos e perseguições por parte do império, -- para buscar refúgio da perseguição em lugares retirados, em lugares desolados e afastados, tanto no Oriente como no Ocidente.

No Ocidente, como atestam muitas autoridades imparciais, pequenos grupos a partir da perseguição do imperador Décio,

saíam de tempos em tempos, do tumulto das grandes cidades e centros de controvérsia, para tomar refúgio na região montanhosa do Piemonte. Esta concentração de fiéis remanescente se fortaleceu com a chegada de outros grupos depois da terrível perseguição de Diocleciano (303-312), e da união da professa igreja cristã com o império durante o bispado de Silvestre.

Desse período e não da época do grande reformador Pedro Valdo (1165-1180) a tradição antiga valdense atribui a srcem da igreja valdense. Documentos históricos, e a profecia da igreja fugindo para o deserto (Apc. 12:6,14), onde foi sustentada durante o período de 1260 dias proféticos, ou seja 1260 anos literais (Ez. 4:7), confirma a grande antiguidade dos Valdenses.

Nos lugares retirados tanto no Oriente como no Ocidente, o fiel remanescente chamados de puritanos, novatianos, montaneses, cristãos dos vales do Piemonte -- louvavam e adoravam a Deus no Espírito Santo e na verdade; baseavam sua fé nas Escrituras Sagradas e não na Tradição; conservavam a fé de justificação unicamente nos méritos da expiação de Cristo; apegavam-se com zelo à observância da lei de Deus, conservando como sagrado o dia de repouso do sábado; tinham claro entendimento do plano da salvação e da obra do Pai, de Cristo e do Espírito Santo em nossa redenção; dedicavam-se a copiar manuscritos da Bíblia, a ensinar e praticar seus ensinos.

CAPÍTULO 2

OS CRISTÃOS DA ÉPOCA DE CONSTANTINO A JUSTINIANO - 312 a 538 d.C.

Este período foi de turbulência e sacudidura na igreja cristã. Satanás formulou outros planos. A perseguição movida por quase três séculos havia tão somente fortalecido a firmeza dos genuínos cristãos. Satanás portanto, procurou hastear sua bandeira dentro da própria igreja cristã. E. G. White descreve o panorama e os resultados da união da igreja cristã com o império:

"O grande adversário se esforçou então por obter pelo artifício aquilo que não lograra alcançar pela força. Cessou a perseguição, e em seu lugar foi posta a perigosa sedução da prosperidade temporal e honra mundana. Levavam-se idólatras a receber parte da fé cristã, enquanto rejeitavam outras verdades essenciais. Professavam aceitar a Jesus como o Filho de Deus e crer em Sua morte e ressurreição; mas não tinham convicção do pecado e não sentiam necessidade de arrependimento ou de uma mudança de coração. Com algumas concessões de sua parte, propuseram que os cristãos fizessem outras também, para que todos pudessem unir-se sob a

plataforma da crença em Cristo.

"A igreja naquele tempo encontrava-se em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos em comparação com isto. Alguns cristãos permaneceram firmes, declarando que não transigiriam. Outros eram favoráveis a que cedessem, ou modificassem alguns característicos de sua fé, e se unissem aos que haviam aceito parte do cristianismo, insistindo em que este poderia ser o meio para a completa conversão. Foi um tempo de profunda angústia para os fiéis seguidores de Cristo. Sob a capa de pretenso cristianismo, Satanás se estava se estava insinuando na igreja, a fim de corromper-lhe a fé e desviar-lhe a mente da Palavra da verdade.

"A maioria dos cristãos finalmente consentiu em baixar a norma, formando uma união entre o cristianismo e o paganismo... Alguns houve, entretanto, que não foram transviados. Mantinham-se ainda fiéis ao Autor da verdade e adoravam a Deus somente...

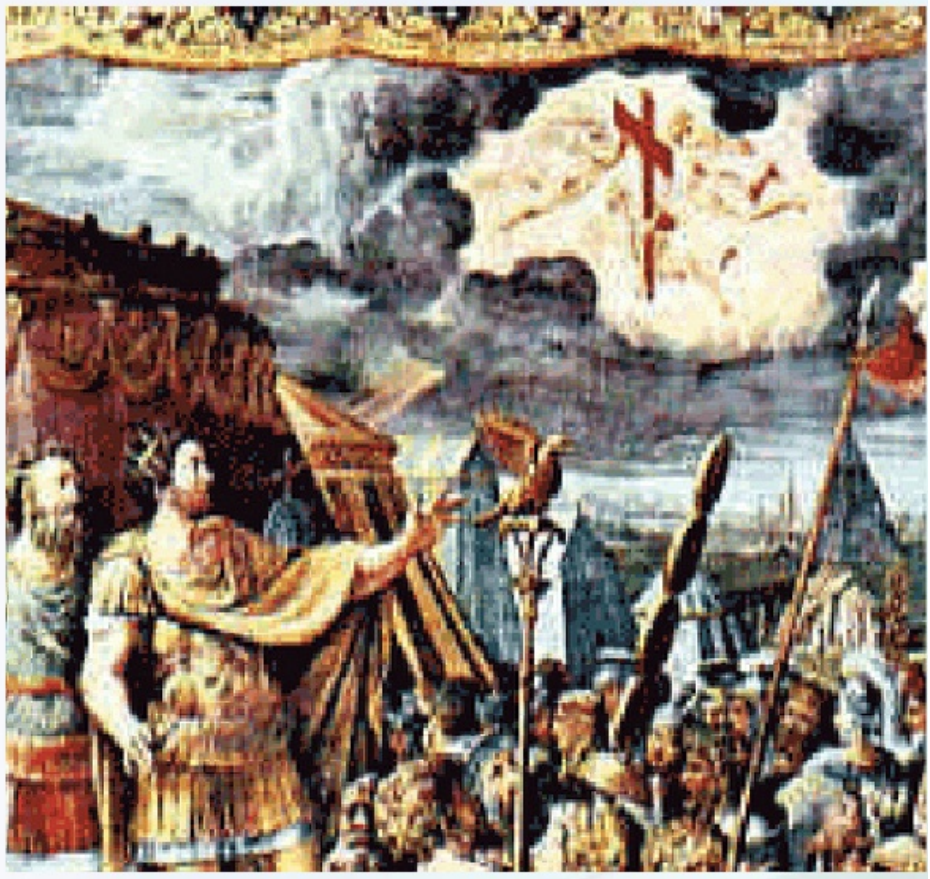
"Satanás exultou em haver conseguido enganar tão grande número dos seguidores de Cristo. Levou então seu poder a agir de modo mais completo sobre eles, e os inspirou a perseguir aqueles que permaneceram fiéis a Deus. Ninguém compreendeu tão bem como se opor à verdadeira fé cristã como os que haviam sido seus defensores; e estes cristãos apóstatas, unindo-se a companheiros semi-pagãos, dirigiram seus ataques contra os característicos mais importantes da fé de Cristo.

"Foi necessária uma luta desesperada por parte daqueles que desejavam ser fiéis, permanecendo firmes contra os enganos e abominações que se disfarçavam sob as vestes sacerdotais e se introduziram na igreja. A Escritura Sagrada não era aceita como a norma de fé. A doutrina da liberdade religiosa era chamada here

sia, sendo odiados e proscritos seus mantenedores." E.G. White, O Grande Conflito, págs 39-42.

A igreja cristã,portanto, a partir de Constantino tornou-se a religião oficial do império. A observância do domingo é exaltado em lugar do dia de repouso do sábado bíblico, e outros costumes e observâncias do paganismo são introduzidos na igreja e re-batizados com outros nomes. Esse panorama produziu uma sacudidura na igreja:

"Depois de longo e tenaz conflito, os poucos fiéis decidiram-se a dissolver toda a união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse liberta-se da falsidade e ido latria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se desejavam obedecer à Palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais a sua própria alma, e dar exemplo que pusesse em perigo a fé de seus filhos e netos. Para assegurar a paz e unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão coerente com a fidelidade para com Deus, mas acharam que mesmo a paz seria comprada demasiado caro com sacrifício dos princípios. Se a unidade só se pudesse conseguir comprometendo a verdade e a



justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as conseqüentes lutas." E.G.White, O Grande Conflito, pág. 42.

UM VISLUMBRE DESSE PROCESSO DE SACUDIDURA

À medida que se fortalecia a união da igreja e o império, pequenos grupos ou famílias de cristãos genuínos, buscavam refúgio nos recantos mais isolados, para adorar a Deus de acordo com a fé primitiva:

* Os dogmas e tradições promulgados no Concílio de Nicéia e outros Concílios que se seguiram nos Séculos IV e V, eram agora impostos por leis imperiais, e impostas como regra a todos os cristãos. Aqueles que não aceitavam esses costumes e dogmas oriundos ou mesclados com o paganismo, preferindo seguir fielmente o ensino bíblico, eram estigmatizados como hereges, e sofriam todo tipo de perseguição. Esta foi outra causa de separação e sacudidura. À medida que as pressões aumentavam, pequenos grupos de todas as Províncias do Império, preferiam o anonimato e os lugares isolados.

* No Ocidente, as constantes invasões de tribos bárbaras no final do Século IV e por todo o Século V, na própria Roma e Províncias adjacentes em toda a Itália e Europa, criou um clima de grande instabilidade e insegurança social, política e religiosa. Esta foi outra causa que impeliu pequenos grupos de cristãos ao isolamento e lugares retirados. Os vales entre as montanhas do Piemonte foi um desses lugares de refúgio.

Durante os Séculos IV e V, levantaram-se reformadores, que ergueram suas vozes contra os males que eram aceitos na igreja, e clamavam em defesa da genuína fé cristã.

OS DONATISTAS

Donato, ordenado bispo em 313, tornou-se o grande representante do movimento denominado donatistas. Levou a causa deles com grande zelo e habilidade. Seu sucesso entre o povo comum era muito grande. A principal plataforma do movimento era: Eles combatiam veementemente a união da igreja com o império , a interferência do império em assuntos de fé, e a imposição por força imperial aos cristãos as decisões dos Concílios. A controvérsia estendeu-se por todo o século IV e chegou ao auge quando Agostinho entra na batalha contra os donatistas.

"A princípio" diz o historiador Hurst," Agostinho usou medidas mansas para fazê-los voltar à igreja, mas este método teve pouco sucesso. Enquanto alguns retornaram, a grande maioria recusou persistentemente voltarem à igreja novamente.

"O Sínodo de Cartago, 405 d.C. apelou para o imperador Honório a força-los a submissão. Ele os oprimiu tão fortemente quanto Constantino o havia feito, e então os convocou para defender suas teses em uma Polêmica Pública. Este debate com os donatistas ocorreu em Cartago no ano 411.

"Os donatistas foram representados com aproximadamente o mesmo número dos ortodoxos: 286 ortodoxos; 279 donatistas. O representante imperial decidiu contra os donatistas. Em 416 d.C. o imperador declara que todos que atendessem aos seus serviços o fariam com penalidade de morte. Uma pacificação foi alcançada com a invasão do norte da África pelos vândalos.

"Mas com o passar do tempo os donatistas fracassaram no seu objetivo principal. É seguro afirmar que a fonte da separação do movimento donatista era sua visão mais firme da pureza que

deve caracterizar os cristãos." Hurst.

Apesar do movimento donatista ter iniciado com uma mes - cla de princípios religiosos e políticos, no final de uma longa con trovérsia de 200 anos, um grupo remanescente dos donatistas é mencionado por Mosheiam, em sua História Eclesiástica, denomi nado de Montanheses. Eles viviam isolados em montanhas, viviam do trabalho árduo do campo, e adoravam a Deus na simplicidade da fé cristã.

NESTÓRIO

"Nestório, primeiramente um monge e então um presbítero de Antioquia, pela força de sua ardente eloqüência tornou-se, no ano 429, Patriarca de Constantinopla. Ele via o perigo do arianis mo, e preparou-se com toda a força de seus talentos e posição con tra seus defensores.

"Nestório foi atraído em direção a Pelágio devido a ênfa - se que o livre arbítrio ocupava em sua teologia. O termo "mãe de Deus" que havia sido freqüentemente aplicado a virgem Maria pela Escola de Alexandria, e por tais mestres como Orígenes, Atanásio, Basil e outros, lhe era ofensivo, sob o fundamento que Maria podia ter dado à luz à Cristo mas não à Divindade. E Nestório se opôs a essa idéia com grande veemência.

"Depois de várias batalhas e concílios onde suas idéias fo - ram condenadas, e abandonado por aqueles que antes o haviam apoiado, o representante da Escola de Antioquia ficou desampara do. Ele foi banido e morreu na obscuridade.

"As Opiniões de Nestório:

"Há Três Pessoas na Divindade, e uma divina essência.

Cristo possuía duas naturezas, a divina e a humana. O termo mãe de Cristo era o termo melhor do que mãe de Deus, pois este termo, mãe de Cristo, expressa a Divindade do Filho de Deus." Hurst.

ERIUS - UM REFORMADOR DA ARMÊNIA

"No Século IV, Erius, um monge presbítero forma um novo movimento. Suas idéias foram espalhadas "diz o historiador Mosheim, "através da Armênia, Pontos e Capadócia.Sua principal doutrina era que os bispos não distinguem-se dos presbíteros por qualquer direito devido, e que de acordo com a instituição do Novo Testamento; seus ofícios e autoridade são as mesmas.

"Esta idéia, sabemos com certeza era altamente acalentada por muitos bons cristãos que não mais suportavam a tirania e arrogância dos bispos do Século IV. Havia outras coisas que Erius diferia das idéias de seu tempo: Ele condenava as orações pelos mortos, os jejuns estipulados pela igreja, a celebração pomposa da festa da Páscoa.

"Seu grande objetivo era levar o cristianismo à sua primitiva piedade, um propósito nobre e louvável." Mosheim

JOVINIANO

"O avanço da superstição no Século IV, e as idéias errôneas que prevaleciam concernente à verdadeira natureza da religião, estimularam o zelo e os esforços de muitos para opor-se a corrente. Mas seus labores apenas os expuseram à infâmia e menosprezo.

"Destes dignos opositores das superstições reinantes o mais notável foi Joviniano. Um monge italiano que próximo do fim do

Século IV, ensinou primeiro em Roma e posteriormente em Milão que:

"Todos aqueles que mantinham os votos que haviam feito com Cristo no batismo e viviam de acordo com as regras da pieda de e virtude estabelecidas no evangelho, estavam intitulados para a recompensa futura;

"e que, conseqüentemente, aqueles que passavam seus dias em celibato, severas mortificações e jejuns, não eram, em virtude disto, mais aceitáveis aos olhos de Deus do que aqueles que viviam virtuosamente na aliança matrimonial, e nutriam seu corpo com moderação e temperança.

"Estas prudentes e piedosas opiniões que muitos começa - vam a adotar, foram primeiramente condenadas pela Igreja de Roma, e posteriormente por Ambrósio, em um Concílio efetuado em Milão no ano 395.

"O imperador Honório endossou o procedimento autoritá rio dos bispos pela violência da arma secular, respondendo aos prudentes argumentos de Joviniano pelo terror de coercivas leis penais, e baniu o prelado para a ilha de Boa.

"Joviniano publicou suas opiniões em um livro. Jerônimo no início do Século V, escreveu um abusivo e irado tratado, tentando defender o costume da igreja e combatendo as idéias de Joviniano." Mosheim, em sua História Eclesiástica.

VIGILANTES - UM REFORMADOR

"Um pequeno número de eclesiásticos, animados pelo lou - vável espírito de Reforma, resolutamente procuraram arrancar as raízes desta superstição crescente, para levar a multidão iludida a

retroceder desta disciplina vã, para a prática da sólida e genuína piedade.Mas os adeptos da superstição eramsuperiores em número e autoridade, e logo os reduziram ao silêncio, e tornaram esses nobres e piedosos esforços totalmente ineficazes.

"Temos um exemplo disto no caso de Vigilantes, um homem extraordinário por seu conhecimento e eloqüência, que nasceu na Gaulia, transferindo-se depois para a Espanha, onde ele exercia a função de presbítero. Este eclesiástico retornando de uma viagem que havia feito à Palestina e Egito, começou, por volta do início do Século V, a propagar algumas doutrinas e a publicar repetidas exortações totalmente opostos as opiniões e costumes dos tempos.

AS OPINIÕES DE VIGILANTES

"Negava qualquer veneração ao túmulo dos mártires e relíquias; censurava as peregrinações aos santos; menosprezava como ridículo os propalados milagres que se dizia estarem sendo efetuados pelos santos e relíquias; condenava o costume de realizar vigílias nesses templos; afirmava que o costume de queimar velas era oriundo do paganismo; pregava que orações dirigidas aos santos mortos eram destituídas de eficácia. Tratava com desdém, jejuns, mortificações, celibato do clero e vida monástica; afirmava que melhor é fazer doações do que enviar ofertas a Jerusalém.

"Havia entre os bispos da Gaulia e Espanha, alguns que apreciavam as opiniões de Vigilantes. Mas Jerônimo, o grande monge do Século, combateu este resoluto Reformador da religião com muita ira e fúria. Este projeto de remover a superstição foi sufocado em seu nascimento. E bom nome de Vigilantes perma

nece na lista dos hereges, e tido como herege por aqueles que sem qualquer compreensão dos fatos históricos e do ensino das Escri-turas, cegamente seguem as decisões da tradição da antiguidade." Mosheim -- História Eclesiástica.

PELÁGIO E AGOSTINHO - A BATALHA SOBRE O LIVRE AR-BÍTRIO

No Século V foi palco de uma das maiores batalhas teológicas da História Eclesiástica. O tema: O Livre Arbítrio e a Graça Divina. Seus defensores: Agostinho, que defendia a tese - a irresistível graça divina a operar no coração dos eleitos, de um lado, e Pelágio de outro lado, que defendia a tese -- que o homem retém o livre arbítrio para escolher aceitar a graça a graça divina ou não.

O veredicto da maioria dos historiadores tem enaltecido a posição de Agostinho nessa questão, atribuindo a Pelágio alguns erros com relação a natureza corrupta do homem depois da queda. No entanto, como aconteceu com muitos outros Reformadores no curso da História, as frases de Pelágio foram mal interpretadas, e colocadas na luz que seus oponentes queriam que estivessem, e não na luz que Pelágio as estava expressando.

Em síntese, o âmago do debate era o seguinte: A graça divina operando no coração daquele que é eleito, predestinado,pregava Agostinho, o impele irresistivelmente a aceitá-la, e viver em harmonia com ela. Com isto, Agostinho estabeleceu o fundamento da teoria da predestinação, que influenciou e foi aceita em maior ou menor grau, por muitos teólogos,

instituições monásticas e eloqüentes pregadores durante os séculos subseqüentes.

Por outro lado, Pelágio defendia que: O homem tem a faculdade do livre arbítrio para escolher aceitar ou não a graça divina operando em seu coração. Ao defender isto Pelágio estava ecoando um princípio muito claro na Bíblia:"Hoje se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações."Hb. 6:15. "Escolhei hoje a quem sirvais"(Js. 24:15), foi o apelo de Josué ao povo de Israel. "Vinde e arrazoemos, diz o Senhor... Se quiserdes, e Me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. Mas se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados a espada; porque a boca do Senhor o disse."Is. 1:18-20)."Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e, ceiarei com ele e ele comigo." Apc. 3:20.

Embora Agostinho seja honrado em toda a esfera católica e boa parte do mundo protestante, como um teólogo confiável, surgiram vozes no próprio seio da igreja romana que contestaram sua teologia sobre a predestinação. Mas é inegável que a influência do teólogo Agostinha moldou a visão de milhões no assunto da graça e salvação. Milman, grande historiador dos Estados Unidos no Século XIX, comenta o seguinte sobre Agostinho e sua influência:"No seu livro a Cidade de Deus, Agostinho estabeleceu as bases para o primado do Bispo de Roma acima de todos os outros bispos; outrossim ele defendeu os métodos de coerção civil usados pelo império para abafar o movimento donatista, estabelecendo assim as bases para a doutrina da inquisição postas em ação a partir do século XII; de suas obras, teólogos da igreja extraíram argumentos e princípios para defender alguns dogmas que foram impostos pela igreja nos séculos que se seguiram.

O TESTEMUNHO DE SMITH E WACE, SOBRE PELÁGIO:

"É duvidoso que Pelágio intentava inteiramente negar a graça em seu sentido mais profundo como uma agência interna. Pelágio condenou todos que diziam que a graça de Cristo não era necessário, não somente cada hora e cada momento, mas em cada ato. Juliano (bispo de Eclanum, na Apulia, o discípulo de Pelágio que habilmente refutou Agostinho) descrevia a operação da graça como santificadora, estimulante, iluminadora do coração. Esta linguagem implica mais do que uma graça criativa. Fala da graça auxiliando a natureza humana, influenciando não apenas as faculdades intelectual para instrução e iluminação, mas também a vontade e a afeição mediante estímulo e afeição." Citado por Hurst.

O TESTEMUNHO DE WESLEY SOBRE PELÁGIO:

"Eu francamente creio que a real heresia de Pelágio foi mais ou menos esta: Sustentar que os cristãos podem, pela graça de Deus, e não sem ela, avançar para a perfeição; ou em outras palavras "cumprir a lei de Cristo."

"Quem foi Pelágio? Por tudo o que pude colher de autores antigos, eu creio que ele foi tanto um homem sábio e santo. Mas nada conhecemos exceto seu nome, pois seus escritos foram todos destruídos e nenhuma linha deles foi deixado." Citado por Hurst.

O REMANESCENTE NOS SÉCULOS IV e V

Esses movimentos reformatórios que surgiram dentro da igreja durante este período nos Séculos IV e V, reavivaram a cons

ciência de muitos, e pequenos grupos de disípulos eram formados em todas as Províncias do Império, imbuídos com o santo e nobre ideal de erguer a bandeira da verdade, o estandarte da genuína fé primitiva (Sl. 60:4).

* Enquanto a professa igreja de Cristo, agora unida ao im - pério, estava empenhada em derrotar o paganismo, pela força do suborno, pela assimilação dos princípios pagãos, e pela força da espada;

* Enquanto os bispos e teólogos da igreja que nos Séculos II e III, haviam extraído da filosofia de Platão, doutrinas como o inferno, imortalidade da alma, purgatório etc, buscavam agora os argumentos para defender essas teorias e outros dogmas que iam sendo estabelecidos nos concílios, não nas Escrituras Sagradas, mas na filosofia de Aristóteles, chamada Escolástica, cujo pilar é a lógica;

* Enquanto o professo mundo cristão empenhava-se em re - mover toda oposição a seus dogmas, estigmatizando os que não aceitavam como hereges, e portanto a diversos tipos de pressões e penalidades civis;

* Enquanto, periodicamente, centenas de prelados, bispos, e outras autoridades civis e eclesiásticas eram convocados para os Concílios, e podiam ser avistados percorrendo grandes distâncias, para decidir questões de tradição e dogmas, e depois impor suas decisões a todo mundo cristão;

* Enquanto o Bispo de Roma se engrandecia a cada geração que passava, e estendia sua influência sobre outros distritos, re cebendo o respeito e submissão de outros bispos importantes da cristandade;

O potente telescópio de autênticos documentos da História

Eclesiástica dos Séculos III, IV e V, revela outro panorama - o panorama do fiel remanescente, emergido dos movimentos que procuraram promover um reavivamento da fé primitiva: os montaneses, os novatianos, os remanescentes dos donatistas, os cristãos que despertaram pelos apelos de Joviniano, Vigilantes, dos debates entre Agostinho e Pelágio, dos pequenos grupos que desde então buscaram refúgio nos lugares retirados do Oriente, e mui especialmente entre os vales das montanhas do Piemonte.

Que panorama diferente podemos contemplar do fiel remanescente e a adoração que eles prestavam a Deus! Embora com diferentes nomes, estavam ligados pelos laços daquela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos, a fé primitiva. Em todas as Províncias eles muitas vezes se reuniam em pequenos grupos, no anonimato, como uma igreja subterrânea; ou em lugares retirados do Oriente ou nos vales do Piemonte entre as montanhas, vivendo a vida simples , árdua e saudável da vida do campo, louvando e adorando a Deus em meio à natureza. Em todas as épocas Deus sempre busca para Si adoradores que O adorem em Espírito e em verdade (Jo. 4:23), e o Pai Celestial se agradava da vida e experiência do fiel remanescente que sobreviveu durante esse período de grande apostasia. Eles buscavam adorar a Deus em Espírito e em verdade. Eles estavam "cheios do Espírito"; falavam entre eles com Salmos; entoavam e louvavam "de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo." Ef. 5:18-20.

CAPÍTULO 3

A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Nas páginas que se seguem, historiadores, pesquisadores, pastores valdenses da antiguidade, que pesquisaram os registros históricos dos valdenses, inclusive alguns de seus mais acérrimos inimigos, dão testemunho eloqüente da grande antigüidade dos valdenses que remonta bem antes de Pedro Valdo, chegando mesmo até o tempo de Constantino.

E. G. WHITE - e a Antiguidade dos Valdenses

Mas dentre os que resistiram ao cerco cada vez mais apertado do poder papal, os valdenses ocupam posição preeminente. A falsidade e corrupção papal encontraram a mais decidida resistência na própria terra em que o papa fixara a sede. Durante séculos as igrejas do Piemonte mantiveram-se independentes....A fé que durante muitos séculos fora mantida e ensinada pelos cristãos valdenses, estava em assinalado contraste com as falsas dou-

trinas que Roma pregava... A fé que professavam não era nova. Sua herança religiosa era a herança de seus pais. Lutavam pela fé da igreja apostólica -- "a fé que uma vez foi dada aos santos."Judas 3. "A igreja no deserto"e não a orgulhosa hierarquia entronizada na grande capital do mundo, era a verdadeira igreja de Cristo, a depositária dos tesouros da verdade que Deus confiara a Seu povo para ser dada ao mundo...

Por trás dos elevados baluartes das montanhas -- em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos -- os valdenses encontraram esconderijo. Ali conservou-se a luz da verdade por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé. -- O Grande Conflito, págs 61-63

FROOM, HISTORIADOR ADVENTISTA, - AS RAÍZES ANTIGAS DOS VALDENSES

Os antigos historiadores protestantes atribuem sua srcem a era apostólica, quanto a antiguidade. Os católicos, por outro lado, dizem que Pedro Valdo foi o fundador. Thomas Bray afirma: "que somente a malícia de seus inimigos e o desejo de apagar a memória de sua antiguidade é que levaram seus adversários a imputar a srcem deles a um período posterior e a Pedro Valdo."

Charles Beard, na sua obra: The Reformation of the Sixteenth Century, afirma: "Os valdenses foram os primeiros cristãos bíblicos. Eles traduziram as Escrituras Sagradas em sua própria língua e as explicavam apenas de seu sentido natural. Eles sustentavam o sacerdócio universal dos crentes."

Pedro Valdo não foi o fundador das igrejas do Piemonte. Havia na Itália os valdenses descendentes espirituais de Claudio

de Torino, Vigilantes e Joviniano.

A Província do Piemonte é chamada assim porque está situada ao pé das montanhas -- os Alpes que separam a Itália da França. As planícies do Piemonte estão repletas de cidades e vilas. E atrás delas está uma cadeia de montanhas de grande majestade, com picos cobertos de neve, e montanhas de pedra onde correm cachoeiras, abismos etc.

Foi ali que Deus achou oportuno preparar um lugar para a igreja que seria perseguida durante a grande tribulação. Aqui a igreja evangélica da Itália manteve sua independência da apostasia de Roma, e onde a tocha da verdade continuou a iluminar na longa noite que pairava sobre a cristandade.

Nos distritos montanhosos as pessoas se apegam por mais longo tempo aos antigos costumes e fé, e são menos afetados pelas mudanças que ocorrem no mundo que os cercam. Assim esse recanto isolado em meio aos Alpes formou um refúgio no qual a fé pôde ser preservada. Ao mesmo tempo sua bcalização central oferecia acesso tanto do norte e sul, oriente e ocidente, da mesma forma que a terra de Canaã oferecia as mesmas vantagens geográficas.

MOSHEIM, HISTORIADOR DO SÉCULO 17 - E OS VALDENSES

Muitos escritores afirmam que os valdenses foram assim chamados por causa dos vales onde eles residiram por muitos séculos antes de Pedro Valdo. E de fato não se pode negar que havia nos vales do Piemonte, muito antes de Pedro Valdo, uma classe de pessoas que diferiam grandemente das opiniões adotadas e inculcadas pela igreja de Roma, e cujas doutrinas se assemelhavam em muitos aspectos com a dos valdenses no tempo de Pedro Valdo.

Pela autoridade de Beza e outros escritores de renome, torna-se evidente dos mais antigos registros, que os seguidores de Pedro Valdo é que derivam o nome valdense dos verdadeiros valdenses do Piemonte, -- cuja doutrina Pedro Valdo adotou, -- e que já eram conhecidos pelos nomes de vaudois e valdenses bem antes que Pedro Valdo e seus seguidores existissem.

Se os valdenses tivessem derivado seu nome de algum eminente pregador, provavelmente seria então de Valdo -- que notabilizou-se pela pureza de sua doutrina no Século IX, e foi companheiro e conselheiro íntimo de Beringer.

Mas a verdade deste assunto é que os valdenses derivam este nome de seus vales no Piemonte, que em sua língua são chamados vaux. Eis porque vaudais é seu verdadeiro nome. Eis porque Pedro era chamado em latim, Valdus, pelo motivo que ele tinha adotado sua doutrina. E eis a verdade dos termos valdenses e waldenses, usados por aqueles que escreveram em inglês e latim, em lugar do termo vaudois.

O sanguinário inquisidor Reinerus Sacco, que manifestou tão furioso zelo pela destruição dos valdenses, viveu aproximadamente 80 anos depois de Pedro Valdo de Lion, e necessariamente

teria mencionado o fato, se fosse verdadeiro, e apresentado Pedro Valdo como real fundador dos valdenses. No entanto este inquisidor os apresenta como sendo uma seita que havia florescido há mais de 500 anos antes, e mesmo menciona autores de renome, que remonta a antiguidade deles à época apóstolica. Ver descrição dada do livro Sacco pelo jesuíta Gretser, na biblioteca de Patrum.

Em virtude disto estão equivocados aqueles que fazem uma distinção dos habitantes dos vales do Piemonte dos próprios valdenses. Aqueles que examinam atentamente os capítulos 24-27 do primeiro livro de Legers sobre a Histoire Generale des Igleses Vaudois, verificarão que esta diferenciação é totalmente sem fundamento.

Quando os papistas nos perguntam: Onde se encontrava nossa religião antes de Lutero? -- em geral respondemos, na Bíblia, e nisto respondemos corretamente, mas poderíamos também acrescentar a esta resposta, e nos Vales do Piemonte.

GEOGE S. FABER - E A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

As conclusões de Faber extraídas de seu livro: The History of the Ancient Valenses and Albigenses:

Em harmonia com a promessa de nosso Salvador Jesus Cristo, nunca deixou de existir, desde a primeira promulgação do evangelho, uma igreja visível de crentes piedosos e fiéis. Através de todos os períodos mais obscuros, mesmo naquele século que Baronio chama de "Século de ferro e obscuro"essa igreja visível e fiel tem continuamente existido. Embora, freqüentemente, por toda a aparência exterior, à beira da destruição. Ver Baronius Annals em 900 d.C.

Houve um tempo quando, devido ao ensino em latim, o conhecimento religioso estava bem baixo, que o cardial Baronius, zeloso defensor e historiador da igreja romana, fala daquela época como se o próprio Cristo estivesse adormecido! enquanto a nossa mística igreja estava sendo sacudida pelas ondas, e pior de tudo, e o que ele julgava mais grave que a alegada sonolência do Redentor, era que os marinheiros eclesiásticos do papado roncavam, que os discípulos que podiam despertar seu Mestre adormecido não podiam ser encontrados. Ver Baronius Annals em 912 d.C.

Contudo Aquele que é o guarda de Israel não dormita nem dorme.Profundo como havia sido a sonolência da apostasia a qual Baronius, com justiça reclamava; extensa como podia estar aquela grande apostasia da fé, que Paulo tão distintamente predisse, Cristo teve seus marinheiros, despertos, ativos e zelosos em seus postos. Aquilo que o cardial não pôde encontrar através do vasto e obscuro domínio do papado, continuou a ser visto nos vales

afastados de Dauphinye e Piemonte.

Nos Vales dos Alpes, pelas igrejas visíveis e fiéis, a antiga fé do cristianismo foi preservada, através de todos os séculos da idade escura de inovações supersticiosas, -- foi preservada incontaminada e pura. "Eis que a sarça ardia e não se consumia. "O Anjo do Senhor estava ali, e os braços do Poderoso Deus de Jacó era sua proteção. Portanto, o homem do pecado, o filho da perdição não podia destruí-la, e os inimigos foram incapazes de desarraigá-la pela violência.

Desde os tempos apostólicos até o presente, a venerável igreja foi estabelecida nos Vales do Cotian Alpes. Ali nunca deixou de se professar o mesmo e invariável sistema teológico, fielmente refletindo o evangelho sincero e não adulterado da igreja primitiva. E ali, tanto na teoria como a prática de seus membros correspondiam com sua profissão.

Esta memorável igreja forma, em primeiro lugar, o elo de ligação entre a igreja primitiva e a igreja dos Albigenses, pois o

surgimento dos Albigenses ou Pauliceanos não se deu antes da metade do Século VII. Em segundo lugar, forma o elo de ligação entre a igreja primitiva e a Reforma do Século XVI. Assim, em uma igreja visível, a promessa de perpetuidade e pureza, feitos por nosso amado Salvador, foram exatamente cumpridas.

No prefácio do livro : The Glorius Recovery, Henry Arnaud afirma:"Os vaudois são descendentes daqueles refugiados da Itália, que, depois do apóstolo Paulo ter pregado, deixaram sua bela pátria, e fugiram, como a mulher mencionada no Apocalipse, para as montanhas isoladas, onde até este dia tem preservado o evangelho, de pai para filhp, na mesma pureza e simplicidade como foi pregado pelo apóstolo Paulo."

O inquisidor Reinerius Sacco, e escritor do Século XIII, atesta a remota antiguidade dos valdenses do Piemonte:"Que no julgamento de alguns inquiridores, os leonistas (ou seja, valdenses do Piemonte) existiam desde o tempo do papa Silvestre."

Pilichdorf, outro escritor do Século XIII, nos informa:"Que as pessoas que alegavam sua existência como remontando a época do papa silvestre, eram os valdenses."

E Claudio Scyssel, que foi arcebispo de Torino na parte final do Século XV e começo do Século XVI, que vivia próximo aos valdenses do Piemonte, e que em realidade tinha aquela região como dentro dos limites de sua província, nos afirma que:"Os valdenses do Piemonte derivaram-se de uma pessoa chamada Leo, que no tempo do imperador Constantino, abominando a avareza do papa Silvestre, e a imoderada doação e favores que a igreja romana recebia do império romano, separou-se daquela comunhão e levou consigo aqueles que entretinham corretos sentimentos concernentes a Cristo."

O historiador valdense Boyer, comenta: "Ó maravilha! Deus, através de Sua sábia Providência, preservou a pureza do evangelho nos vales do Piemonte, do tempo dos apóstolos até nossos dias."Boyer - Abrege de L'Hist. des Vaudois, p.23.

Neste mesmo objetivo, os próprios valdenses apresentaram sua Confissão de fé a Francisco I, imperador da França, no ano 1544:"Esta Confissão é aquela que temos recebido de nossos ancestrais, mesmo de mão em mão, de acordo com seus predecessores, em todos os tempos, e em cada geração, foi ensinada e entregue."Leger. Hist. des Voud, part. I, pág.163.

Com esta mesma argumentação, em 1559, eles apresentaram sua petição a Emmanuel Philibert de Savoy: "Que vossa alteza considere, que esta religião, na qual vivemos, não é meramente nossa religião do tempo presente ou uma religião descoberta pela primeira vez a poucos anos atrás, como nossos inimigos falsamente proclamam. Mas esta é a religião de nossos pais e de nossos avós, sim de nossos ancestrais e de nossos predecessores ainda mais remotos. É a religião de santos e mártires, de confessores e de apóstolos."

Da mesma forma, escrevendo aos reformadores do Século XVI, eles ainda harmoniosamente apresentam o mesmo tradicional argumento de uma antiguidade apostólica. Embora no conhecimento e conquistas, pobres e ocultos como haviam sido, eles modestamente confessam sua própria inferioridade aos bens instruídos pregadores da Reforma, cuja assistência eles solicitam:"Nossos ancestrais freqüentemente nos contaram que temos existido desde os tempos apostólicos. Em todos os assuntos concordamos com vosso ensinamento. E pensamos que desde os próprios dias dos apóstolos sempre estivemos em harmonia em relação à fé. Neste

particular apenas, podemos dizer que somos diferentes de vós:que devido a nossa própria falta e morosidade de nosso talento, não entendemos as Sagradas Escrituras com tão exata compreensão como vós."Muston, - Hist. des. Vaud, p. 101. Scultet - Annal. Evangel. Renovat, in 1530 d.C., pág. 163.

Finalmente é mencionado por Leger que aos príncipes da Casa de Savoy, eles continuamente afirmavam a uniformidade de sua fé, de pai para filho, através de tempo imemorável, mesmo do próprio século dos apóstolos. Estes soberanos sempre mantiveram um profundo silêncio com respeito a tais alegações. Este fato, Leger observa com razão, ser suficiente prova que indica ser esta uma verdade abrigada na íntima consciência dos governantes de Savoya. - Leger, Hist. des Vaud, par. I, pág. 164. Gilly's Waldens Research, pág.40

Opiniões e costumes passam de pai para filho, nesses lugares retirados entre as montanhas. Portanto, no plano da providência de Deus, as montanhas e os vales dos Alpes do Piemonte foram escolhidos como um refúgio, onde sem mudança dos primeiros séculos, o puro cristianismo pudesse ser preservado. Quando pessoas vivendo nesses lugares isolados, aproximavam-se do mundo agitado, seus sentimentos são despertados. Refugiando-se, como o fizeram os ancestrais dos vaudais, da perseguição de Décio, eles se ocultaram figuradamente em uma espaçosa caverna. Aqui eles ficaram como adormecidos por 187 anos. Quando se despertaram, deram-se conta de que fielmente refletiam os sentimentos, hábitos e opiniões dos primitivos cristãos. Enquanto que: que tremenda mudança ocorreu no mundo? O cristianismo, outrora repudiado e perseguido, tornara-se agora triunfante. Tudo era novo. Somente os Alpes Cottian,no Piemonte, permaneceu como a única terra

onde o cristianismo primitivo continuou sendo exemplificado.

WILLIAM JONES - HISTORIADOR BATISTA DO SÉCULO XIX - PANORAMA DOS VALES E A ORIGEM DO NOME VALDENSE

A região do Piemonte deriva seu nome das circunstâncias de estar localizada ao pé dos Alpes -- uma prodigiosa cadeia de montanhas, as mais elevadas da Europa, e que divide a Itália da França, Suíca e Alemanha. Faz fronteira ao oriente com os ducados de Milão e Montferrat; ao sul com o território de Gênova; ao ocidente com a França, e ao norte com Savóia.

Nos primeiros tempos o Piemonte era uma parte da Lombardia. É uma extensa área de ricos e frutíferos vales, rodeados de montanhas, e novamente circundados com montanhas mais elevadas, cortados por rios profundos e de águas correntes, -- exibindo um grande contraste, a beleza e a fartura de um lado, e precipícios, penhascos, lagos grandes congelados, e estupendas montanhas de neve que não derretem, de outro lado.

Toda região é cheia de colinas, montanhas e vales -- cortada por quatro rios principais, ou seja: o Pó, o Tanaro, o Estura e o Dora. Além destes cerca de vinte oito riachos grandes ou pequenos, que se espalham em diferentes regiões, contribuem para a fertilidade dos vales, tornando-os à semelhança de jardim regado.

"Da palavra latina Vallis, foi derivado a palavra inglesa Valley, a francesa e a espanhola Valle, a italiana Valdense, a baixa Alemanha Valleye, a Provençal Vaux, Vaudois, os Valdenses Eclesiastical e Valdenses.

"A palavra significa simplesmente vales, habitantes dos vales, e nada mais. Os habitantes dos Vales dos Pirineus não profes

savam a fé católica. Ocorreu também que os habitantes dos vales perto dos Alpes, tampouco professavam a fé católica. Além disso, no Século IX, um tal Valdo, um amigo e conselheiro de Beringarius, não aprovou a disciplina e doutrina papal. Também cerca de cento e trinta anos depois, um rico comerciante de Lion, que era chamado Valdus ou Valdo, publicamente separou-se da igreja católica, apoiou muitas das doutrinas ensinadas nos vales, e tornou-se o instrumento na conversão de um grande número de pessoas. Todos eles eram chamados valdenses." -- Robinson, Ecclesiastical Researches,303.

Este argumento considero o mais fiel e é também apoiado pelos próprios historiadores valdenses: Pierre, Gilles, Pirrin, Leger, Sir. Morland e Dr. Allix.

BENJAMIM G. WILKINSON - NO LIVRO: VERDADE TRIUNFANTE

Benjamim Wilkinson, um pesquisador adventista, comenta sobre a antiguidade dos valdenses, e apresenta alguns importantes documentos histórico:

"Os habitantes de Languedoque e dos Alpes Alcuim parece ter sempre tido uma inclinação de viver de acordo com os costumes da igreja primitiva, e rejeitar as premissas e costumes que a igreja em seu estado mais florescente achava conveniente editar. Aqueles que posteriormente foram chamados Albigenses, Vaudois, Lolardos e que apareciam tão freqüentemente sob diferentes nomes, eram remanescentes dos primeiros cristãos gauleses, que estavam intimamente ligados a costumes antigos, que a igreja de Roma, posteriormente, achou por bem mudar." -- Voltaire, Addi

tions to Ancient and Modern History, vol.29; pág.227.

Por quase duzentos anos depois da morte dos apóstolos, o processo de separação foi ocorrendo entre as duas classes que se desenvolvia na igreja cristã, até que veio uma pública ruptura. No ano 325 o primeiro Concílio da igreja foi realizado em Nicéia, e naquele tempo Silvestre era tido em grande consideração como bispo de Roma. É do tempo deste bispo de Roma que os valdenses datam sua exclusão.

O historiador Neander explica: "Mas não é sem algum fundamento de verdade que os valdenses afirmam a grande antiguidade de sua igreja, e eles mantém que da época da secularização da igreja -- isto é, como eles crêem, do tempo da doação de Constantino para o bispo Silvestre [314-336], uma grande oposição irrompeu da parte deles e tem existido por todo o período." Neander, General History of the Christian Religion and Church; 5th Period, pág. 605.

A grande antiguidade do idioma do vernáculo valdense preservada através dos séculos, é testemunha de sua linhagem independente de Roma, e da pureza de seu latim srcinal. Alexis Muston afirma: "Os patois... dos vales valdenses tinham uma estrutura radical bem mais regular do que o idioma Piamontese. A srcem desses patois era anterior ao desenvolvimento do italiano e francês -- precedendo inclusive a língua Romance, cujos mais antigos documento exibem ainda mais analogia com a presente linguagem dos Vaudois montanheses, do que com os troubadoures dos Séculos XIII e XIV. A existência destes patois em si é uma prova da grande antiguidade destes montanheses, e da sua constante preservação de mescla estrangeira e mudanças. Seu idioma popular é um precioso monumento." - Muston, The Israel of the Alpes, Vol.2;

pág. 406.

Voltando as páginas da História seiscentos anos antes de Pedro Valdo, encontramos nomes ainda mais famosos ligados com os valdenses:

Este líder foi Vigilantes, ou Vigilante Leo. Podia ser visto como um espanhol, pois o povo de suas regiões eram um em praticamente todos os pontos com aqueles do norte da Espanha. Vigilantes combateu com todo vigor a entrada de costumes pagãos na igreja. Devido a estas tendências de apostasia entre os cristãos em geral, os cristãos do norte da Itália, norte da Espanha e sul da França, permaneceram separados. Ver a história de Vigilantes e sua ligação com esta região. Pela conexão com Vigilantes, foram por séculos chamados de Leonistas, como também Valdenses e Vaudois.

Reinerius Saccho, um oficial da inquisição (1250 d.C) escreveu um tratado contra os valdenses onde explica sua srcem antiga. Havia sido anteriormente um pastor entre eles, mas apostatou e posteriormente tornou-se um perseguidor papal da inquisição. Devia portanto conhecê-los mais do que qualquer outro inimigo. Depois de declarar seu próprio testemunho pessoal que de todas as seitas heréticas antigas das quais existiram mais de setenta, tinham sido destruídas exceto quatro - os arianos, maniqueanos, semi-arianos e leonistas - ele escreve: "Entre todas estas seitas que existem e existiram, não há nenhuma mais perniciosa parra a igreja do que os Leonistas."

Ele apresenta então três razões porque eram perigosos para o papado:"Primeiro, porque são de longa duração: Alguns dizem que são do tempo de Silvestre; outros do tempo dos apóstolos. Segundo, são mais abundantes. Pois praticamente não há um pais

onde esta seita não tenha penetrado. Terceiro, porque quando todas as outras seitas abrem sua boca em horror pelas horrendas blasfêmias que pronunciam contra Deus; estes Leonistas possuem uma grande aparência de piedade - porque eles vivem de maneira justa diante dos homens e crêem em todas as coisas concernente a Deus e em todos os artigos contidos no credo. Tão somente eles blasfemam contra a igreja de Roma e o clero." Saccho, Contra Waldenses, encontrado em Maxima Bliblioteca Veterum Patrum, vo. 25, p. 264.

Assim este inquisidor mostrou que os Leonistas ou Valdenses, eram mais antigos que os arianos; sim mais antigos que os maniqueanos.

DR.BRAY - E A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

No prefácio do seu livro: A História dos Antigos Valdenses, ele declara:

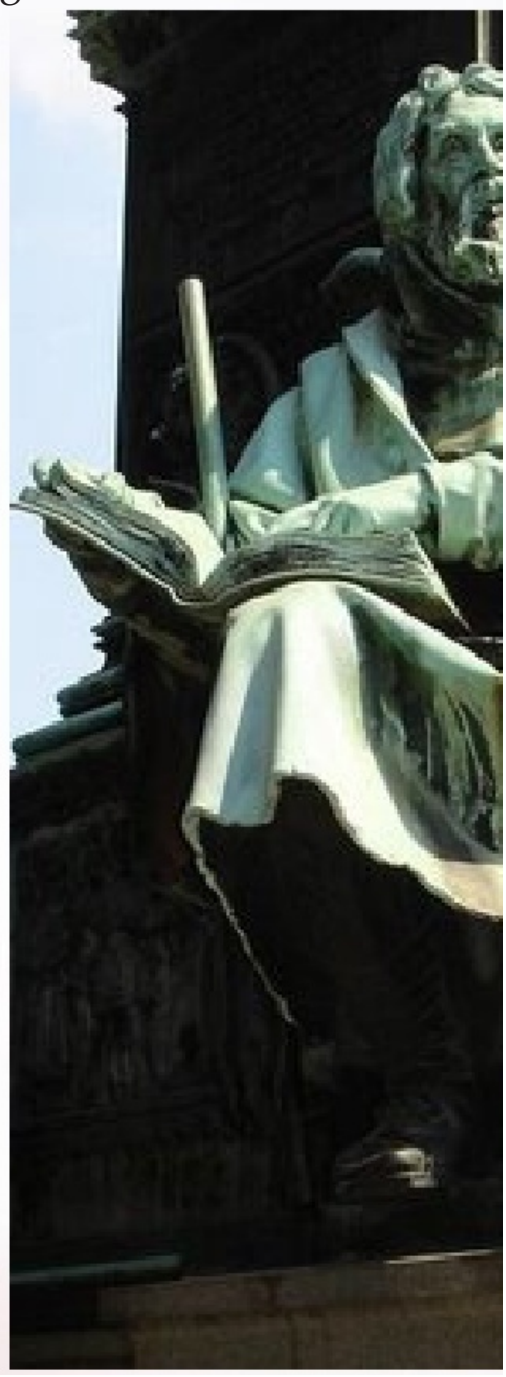
"À medida que o anti-cristianismo gradualmente prevalecia na igreja ocidental aqueles notáveis e gloriosas Duas Testemunhas, se retiraram mais e mais para o deserto, ou para os lugares inacessíveis do Alpes e as partes montanhosas da França; e como predito a respeito deles em Apocalipse 12:14, por algum tempo permaneceram ali ocultos.

"Mas a medida que o anti-Cristo atingiu finalmente o auge de seu poder, e os príncipes europeus por medo da ira de Roma, e tendo-se ligado inteiramente a Sé Romana a tal ponto de submeterem-se ao degradante ofício de serem meramente executores dos cristãos acusados pela Sé de Roma -- que é o homem do pecado, o filho da perdição. Assim os chamados,os eleitos e fiéis foram le

vados a grande angústia. Contudo o farol da verdade continuou a arder e a chama do evangelho primitivo a resplandecer."

DR. BRAY - E A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

Como o nome Vallenses, o antigo nome dos Vaudois teve sua srcem do lugar de sua habitação e não no nome de Valdo. Assim quando os discípulos e descendentes de Pedro Valdo foram dispersos para outros lugares, Allix confessa que alguns deles se uniram com a igreja nos Vales do Piemonte, sendo constrangidos a isso pela perseguição que os dispersou perto e longe. Mas Pedro Valdo não foi o fundador das igrejas dos vales, que já existiam muito tempo antes dele. Em realidade parece que ele não teve qualquer contato com os do vale.



Os autores que narram sua história, afirmam que ele se retirou de Lion para Picardy de Flander. Ele morreu antes do ano 1179, como aparece da descrição de Guliel mus Mappus. A maioria de seus discípulos se espalharam entre os albigenses, que já existiam bem antes de Valdo, como se pode comprovar do sermão sessenta e quatro de Bernardo sobre Cantares.

Aqueles valdenses que fugiram para a Itália não deram o nome às igrejas daquele país, que já antes daquele tempo eram chamados de valdenses, do lugar onde viviam.

Foi devido a malícia de seus inimigos, e o desejo de apagar a me mória de sua antiguidade, que levou seus adversários a imputar a srcem deles a um período posterior, e a Pedro Valdo.

BOYLER - SOBRE A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

Ninguém pode ler a história dos Vaudois sem admirar-se das maravilhas que Deus operou em favor deles de tempos em tempos na preservação e livramento desse povo. E essas maravilhas são tão grandes e tantas, e foram documentadas e confirmadas.

Eles são chamados Vaudois, não porque descendem de Pedro Valdo de Lion, mas porque eles são os habitantes srcinais dos vales. Pois a palavra Vaudois ou Valdense provém da palavra val, que significa vale. Assim os protestantes da Boêmia foram aprincípio cgamados Picard, porque eles vieram da Picardia, o lugar que antes moravam. Os Taboritas, na mesma forma foram assim chamados da cidade de Tabor, o lugar onde residiam. Os Albigenses foram chamados assim, porque eles habitavam na cidade de Albi.

Dos Vaudois do Piemonte são descendentes os vaudois de Provença, onde alguns deles habitaram e semearam sua doutrina; e de Provença eles se espalharam para Languedoque onde fizeram um maravilhoso

progresso. Isso demonstra que os vaudois do Piemonte não são descendentes de Pedro Valdo.

Autênticos registros e atas provam que os vaudois do Piemonte haviam protestado contra os erros da igreja de Roma setenta anos que Valdo aparecesse no mundo. Pois Pedro Valdo não começou a pregar contra a corte de Roma até o ano 1175. Mas os vaudois em sua própria língua, produziram diversos tratados e assuntos religiosos no ano 1100 e outros no ano 1120, setenta e cinco anos antes de Valdo. Estes documentos foram salvos das chamas daquele lamentável massacre contra aquele pobre povo no ano 1665, e os srcinais foram postos nas mãos do Mr. Morland, um embaixador inglês, e depois enviados para serem guardados na Universidade de Cambridge. Cópia desses documentos acham-se na Historia Geral das Igrejas dos Vaudois por J. Leger, ministro dos vales.

E não se deve duvidar que os vaudois do Piemonte tinham registros mais antigos de sua doutrina, os quais foram queimados nas ruínas de suas igrejas pelos seus inimigos. Esses preciosos documentos dos antigos valdenses contém sua doutrina, liturgia, disciplina, as controvérsias que enfrentaram e a Confissão de Fé.

Os Vaudois, ou os habitantes dos vales do Piemontes, receberam a doutrina do evangelho nos tempos dos apóstolos, ou dos próprios apóstolos, ou por aqueles que imediatamente os sucederam. Paulo sendo levado prisioneiro para Roma no reinado de Nero, teve a liberdade de pregar, converter a muitos e fortalecer a igreja cristã em Roma. Cerca de quatro anos antes, de Corinto, havia enviado a excelente Epístola aos Romanos. Durante o tempo que esteve preso o apóstolo escreveu quatro epístolas: Filipenses, Efésios, Colossenses e Filemom. Sua fama e doutrina atingiu com força a corte do imperador, como nota-se da epístola que escreveu

de Roma aos Filipenses, onde ele afirma em Fp. 1:12,13 que suas cadeias estava resultando em grande progresso do evangelho, de formas que suas cadeias em Cristo se tornaram conhecidas a toda guarda pretoriana.

Pela influência e zelo do apóstolo Paulo e de missionários nas décadas que se seguiram da própria igreja de Roma, o evangelho pode ter alcançado a região do Piemonte, estabelecendo ali os princípios genuínos da fé cristã. Como os vales do Piemonte foram iluminados com os brilhantes raios do evangelho, os habitantes dessas regiões conservaram a pureza da religião cristã sem qualquer mistura de tradições humanas:

> Nunca introduziram imagens ou altares em suas igrejas; nunca invocaram a anjos ou santos; nunca creram em um purgatório; nunca reconheceram outro mediador a não ser Jesus Cristo, outro mérito a não ser sua morte; nunca aceitaram a doutrina da missa, da confissão auricular, dos jejuns formais, do celibato dos sacerdotes, da doutrina da transubstanciação; antes eles sempre sustentaram as Santas Escrituras como a perpétua regra de fé, e não recebiam ou criam em qualquer coisa exceto o que as Escrituras ensinam. E sua doutrina foi sempre a mesma. Isso é comprovado pelas atas e confissões que foram preservadas das chamas que reduziram suas igrejas e casas em cinzas.

Entre estes escritos um foi escrito em sua própria língua vulgar no ano 1100, chamado A nobre Lição, porque apresenta regras do viver em santidade e boas obras. Além de um catecismo do mesmo ano, onde, em perguntas e respostas são ensinados as principais doutrinas da fé cristã, de acordo com a Palavra de Deus sem qualquer mistura de tradição. Também uma explicação do Pai Nosso, no ano 1120, e uma explicação do Credo dos Apóstolos,

com algumas passagens das Escrituras explicando cada artigo. E a isto é incluído um resulo da Explicação dos Dez mandamentos, e também um pequeno livro sobre as obras do anti-Cristo. Estes três escritos foram feitos no ano 1120, e o último desses três mostra que são identificados com o anti-Cristo aqueles que ensinam doutrinas contrárias à Palavra de Deus. Eles refutam as doutrinas de oração pelos mortos, purgatório, confissão auricular,rejeitam todas as tradições que não estão na Palavra de Deus e que não estão em harmonia com ela.

SAMUEL MORLAND - E A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

Apc. 12:1-6; Cantares 1:7; 2:14,16

Observando a Providência divina, o prezado leitor chegará a mesma conclusão que eu cheguei: Que o Onisciente e Sábio Criador desde o princípio, designou esta remota e obscura parte do mundo (os vales do Piemonte) para ocultar e conservar ali algum tesouro rico e inestimável.

Que este é o deserto para onde a mulher fugiu quando perseguido pelo dragão com sete cabeças e dez chifres. O lugar que foi preparado por Deus para que pudesse ser ali alimentada durante o período de mil duzentos e sessenta dias (dias proféticos, Ez. 4:7). Que ali foi a igreja alimentada, e onde Deus levou o rebanho para repousar ao meio dia, naquelas estações de grande calor -- das superstições papal -- dos séculos IX e X.

Nos lugares secretos, nos penhascos dessas rochas, nos vales do Piemonte, a Pomba de Cristo permaneceu enquanto que as raposas romanas devasavam as vinhas, embora nunca puderam desarraigar a Videira genuína.

Beza faz o seguinte e maravilhoso comentário dos valdenses em sua famosa obra -- Pilar de Conhecimento e Religião:"Com respeito aos valdenses eu os chamo como a própria semente da igreja primitiva e pura, sendo aqueles que sustentaram pela admirável providência de Deus, tempestades e provas, enquanto todo o mundo cristão achava-se por muitos séculos em escuridão."

Além dos argumentos que podem ser tirados das Antigas Confissões de Fé, e alguns outros autênticos manuscritos, que de forma mais miraculosa foram preservados das chamas durante as perseguições; além disso há o testemunho dos de seus piores inimigos que declaram a respeito da antiguidade de sua religião, mesmo até ao tempo dos apóstolos - Jonas Aurelianen, Prior Rorenca, Samuel de Cassini, Rainerius Sacco, Belvedeu, Belarmino e outros católicos de renome, como testemunho da religião do Vale do Piemonte.

Para o Piemonte a mulher fugiu [enquanto predominava o domínio da besta por 1260 dias proféticos - ver Ez. 4:7]. A verdade é que se não tivéssemos nenhuma outra luz a guiar-nos nesta escura e nebulosa noite, certamente as tochas acesas podiam ser vistos desde os tempos dos apóstolos até Lutero e Calvino, resplandecendo do Piemonte. Assim como Abel foi perseguido por Caim, a igreja do Piemonte foi perseguida pela besta.

Afirmo que no reinado de Carlos Magno, que Deus sempre teve Suas fiéis testemunhas que passavam a tocha da verdade para outros. Assim ocorreu nos Vales do Piemonte. Do vale do Piemonte para Cláudio, arcebispo de Torino; dele para seus discípulos; dos seus discípulos para as gerações seguintes nos séculos IX e X. De Bertam para Berengarius; Beringarius para Pedro Brus; Pedro Brus para Valdo; Valdo para Dulcinus; Dulcinus para Gandune e Mas

fileus; Ester para Wicleff, Wicleff para Huss e Jerônimo de Praga e seus discípulos os Taboritas para Lutero e Calvino.

Deve-se também destacar que os valdenses que fugiram da perseguição da França no ano 1165 e vieram para os Vales do Piemonte, não foram os primeiros fundadores da religião valdense, antes eles se uniram àqueles fiéis irmãos para se edificarem mutuamente. O mesmo ocorreu na Boêmia -- uniram-se aos fiéis que eram perseguidos pela igreja grega, que mantinham a antiga e verdadeira fé.

Esses refugiados valdenses da França não teriam ido à Itália, feito uma longa viagem pelos Alpes, se eles não tivessem a certeza que os nativos daqueles vales professavam a mesma religião e que os receberiam como seus irmãos. D'Aubigné, um prudente historiador, é desta opinião. Que a denominação valdense com relação a sua srcem em Pedro Valdo foi uma astúcia dos adversários para fazer o mundo crer, que sua religião era uma novidade ou uma coisa nova.

Portanto, aqueles que escaparam o massacre na França, foram pelo partido papal intitulados ou pelo lugar onde habitavam, ou pelo principal de seus líderes. Por exemplo:

De Valdo um cidadão de Lion, eles foram chamados valdenses; e da província de Albie, albigenses; e pelo motivo que aqueles que aceitaram a doutrina de Valdo vieram de Lion, sem posses terrenas, foram intitulados os Pobres Homens de Lion; em Douphine, eles eram chamados pelo nome de chaignards; e pelo motivo que haviam cruzado os Alpes, eram chamados de transmontani; na Inglaterra eram conhecidos pelos nomes de lolard, que foi um dos chefes instrutores naquela ilha; na Provença eram chamados siccar, de uma palavra vulgar em uso na época; na Itália deram-lhe

o título de fraticelle, ou homens da fraaternidade, porque viviam como irmãos; na Alemanha foram chamados gazares, uma palavra que significa execrável e ímpio no grau mais elevado, nos Flanders foram chamados de turlepins, isto é, homens que habitavam entre os lobos, porque aquele desafortunado povo, freqüentemente foram por causa da perseguição impelidos a habitar nos bosques e desertos entre os animais selvagens.

WILLIAM BEATTIE - E A ANTIGUIDADE DOS VALDENSES

Como um povo distinto os valdenses tornaram-se primeiramente conhecidos na história no início do Século IX, durante a vida de Cláudio, bispo de Torino -- o Wiclef de seus dias, e um fervoroso advogado do cristianismo primitivo.

Entretanto, pela tradição passada cuidadosamente através de uma linhagem antiga de ancestrais, os valdenses traçam sua srcem desde o início do evangelho, e no presente, professam as mesmas doutrinas que eles receberam dos apóstolos. Paulo e Tiago são apresentados como tendo levado as primeiras mensagens das boas novas da salvação nestes vales.

T. FENWICK - pastor valdense, comenta :

No ano 1886, este pastor valdense em um sermão, fala da antiguidade dos valdenses:

Cerca de 45 quilômetros de Torino estão três pequenos vales nas elevações sul dos Alpes Cottianos, no Norte da Itália, na própria nascente do rio Pó, quase entre as neves que não se derretem. Estes são os Vales Valdenses, o lugar onde a igreja valdense tem habitado desde o começo.

Quão antiga é a igreja valdense? De acordo com alguns, seu

início vem desde os tempos apostólicos. Outros retrocedem a origem deles para o quarto século. Alguns olham em Claudio, bispo de Torino no Século IX como o fundador dos valdenses; ele combateu muitos dos erros da igreja romana, e ajudou a preservar maior independência em relação ao papa e maior pureza de doutrina e adoração nas Províncias Alpina, da que havia na maioria dos lugares da Europa. Os romanistas nunca o consideraram em grande estima. Eles o acusaram de grandes erros. No entanto Claudio nunca foi tratado como um herege durante a sua vida. Quando morreu em 839, ele era bispo de Torino.

Um antigo historiador valdense diz:"Nossos pais sempre estiveram muito ocupados e não tinham tempo para escrever e manter um registro de seus atos."

No Segundo Concílio Geral da Aliança Presbiteriana, professor Comba, do colégio teológico de Florença, leu o artigo sobre a "Igreja na Itália."Nele o professor fala o seguinte da igreja valdense:"Em minha opinião chegou o tempo de declarar da maneira mais solene, que nossa história deve ser revisada. E quando este trabalho for feito e nossa história purificada de todas as legendas, tornar-se-á ainda mais verdadeira e bela. Que os admiradores de nossa antiguidade estejam consolados. Nós temos vivido através de todos os séculos passados, desde os tempos dos apóstolos, para agradar a Deus. Ele nos tem dado vida, não por meio de fábulas e legendas, mas sim por Sua Palavra de verdade e de luz destinada a resplandecer para sempre. É verdade que os valdenses eram e são na Itália os herdeiros e continuadores do protesto, que desde os períodos mais primitivos ergueram a voz contra o tenebroso domínio papal, e que até agora não obteve a atenção que merece, especialmente dos protestantes."

CAPÍTULO 4

OS VALDENSES DURANTE O PERÍODO DE JUSTINIANO A PEDRO VALDO - 538 A 1165 d.C.

ASCENSÃO E OBRA DO PAPADO

E. G. White comenta:

"A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto da justiça aparente, introduziu-se na igreja. Progredia rapidamente a obra de corrupção. O paganismo, conquanto parecesse suplantado, tornou-se o vencedor. Seu espírito dominava a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições incorporaram-se à fé e culto dos professos seguidores de Cristo.

Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo, resultou no desenvolvimento do homem do pecado, predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra prima de Satanás - monumento de seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a Terra segundo a sua vontade...(aquela) gigantesca estrutura de

domínio espiritual e temporal que o papa erigira, e em que alma e corpo de milhões ...(estão) retidos em cativeiro...Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da Terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás - o bispo de Roma..

No século sexto tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou-se ser o bispo de Roma a cabeça de toda a igreja. O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio."Apc. 13:2. E começaram então os 1260 anos de opressão papal preditos na profecia de Daniel e Apocalipse (Dn. 7:25; Apc. 13:5-7). Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar sua integridade e aceitar as cerimônias e culto papais, ou passar a vida nas masmorras, sofrer a morte pelo instrumento da tortura, pela fogueira, ou pela machadinha do verdugo. Cumpriram-se as palavras de Jesus:"Até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. E de todos sereis odiados por causa de Meu nome." Lc. 21:16,17.

Desencadeou-se a perseguição sobre os fiéis com maior fúria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos a igreja de Cristo encontrou refúgio no isolamento e obscuridade. Assim diz o profeta:"A mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias."Apc. 12:6.

O acesso da igreja de Roma ao poder assinalou o início da Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas." O Grande Conflito, pags. 46-51, 81.

EXEMPLOS DE DENSAS TREVAS

* A supressão da Bíblia e a exaltação da tradição;

* Cumprindo a profecia de Daniel 7:25, o segundo manda - mento que proíbe a adoração de ídolos foi removido, e o domingo foi instituído como dia de guarda em lugar do dia de descanso do sábado do quarto mandamento;

* De cristo, o verdadeiro fundamento, transferiu-se a fé para o bispo de Roma...Eram ensinados ser o papa seu mediador terrestre, e que ninguém poderia aproximar-se de Deus senão por seu intermédio; e mais ainda, que o papa ficava para eles em lugar de Deus e deveia, portanto, ser implicitamente obedecido;

* O povo não somente era ensinado a considerar o papa como seu mediador, mas confiar em suas próprias obras para expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, ereção de igreja, relicários e altares, bem como pagamento de grades somas de dinheiro a igreja, tudo isto e muitos atos semelhantes eram ordenados para aplacar a ira de Deus ou assegurar o Seu favor;

* Mais ou menos ao findar do oitavo século, os romanistas começaram a sustentar que nas primeiras épocas da igreja os bispos de Roma tinham possuído o mesmo poder espiritual que assumiam agora...Antigos escritos foram forjados pelos monges; etc

* As trevas pareciam tornar-se mais densas. Generalizou-se a adoração de imagens. Acendiam-se velas perante imagens e orações se lhes dirigiam. Prevaleciam os costumes mais absurdos e supersticiosos;

*Outro passo ainda deu a presunção papal quando, no sé - culo XI, o papa Gregório VII proclamou a perfeição da igreja de

Roma. Entre as proposições por ele apresentadas uma havia declarando que a igreja nunca tinha errado, nem jamais erraria, segundo as Escrituras. Mas as provas escriturísticas não acompanham a asserção;

*Os séculos que se seguiram testemunharam aumento constante de erros nas doutrinas emanadas de Roma. Mesmo antes do estabelecimento do papado, os ensinos dos filósofos pagãos haviam recebido atenção e exercido influência na igreja...Erros graves foram introduzidos na fé cristã. Destaca-se entre outros o da crença na imortalidade natural do homem e sua consciência na morte. Esta doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da Virgem Maria. Disto também proveio a heresia do tormento eterno para os que morreram impenitentes, a qual logo de início se incorporara à fé de Roma;

* Achava-se então preparado o caminho para a introdução de ainda outra invenção do paganismo, a que Roma intitulou purgatório e empregou para amedrontar as multidões crédulas e supersticiosas;

*Ainda outra invencionice era necessária para habilitar Roma a aproveitar-se dos temores e vícios de seus adeptos. Esta foi suprida pela doutrina das indulgências. Completa remissão dos pecados, passados, presentes e futuros, e livramento de todas as dores e penas em que os pecados importam, eram prometidos a todos os que se alistassem nas guerras do pontífice para estender seu domínio temporal, castigar seus inimigos e exterminar os que ousassem negar-lhe a supremacia espiritual;

* A ordenança escriturística da ceia do Senhor foi suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa. Sacerdotes papais preten-

diam, mediante este disfarce destituído de sentido, converter o simples pão e vinho no verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Com blasfema presunção pretendiam abertamente o poder de criarem Deus;

* No século XIII foi estabelecido o mais terrível dos estra - tagemas do papado -- a inquisição..."A Grande Babilônia"estava "embriagada com do sangue dos santos." Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata;

* O papado se tornou o déspota do mundo... Mas "o meio-dia do papado foi a meia-noite do mundo. Wylie As Sagradas Escri- turas eram quase desconhecidas. Durante séculos a Europa não fez progressos no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralizia moral e intelectual caíra sobre a cristandade." E. G. White, O Grande Conflito, págs 48-57

ARAUTOS DA VERDADE EM MEIO ÀS TREVAS DA IDADE MÉDIA

Mesmo nesse longo período de trevas que pairou sobre o mundo cristão, sobreviveu, tanto no oriente como no ocidente, fiéis testemunhas de Deus e de sua verdade. Tornaram-se luz em meio às trevas. Com os ensinos da Bíblia ardendo em seus corações, corajosamente avançaram dentro de regiões distantes e iluminaram a muitos, fundaram igrejas, formaram missionários que defendiam o claro ensino de Cristo nas Escrituras e não as vãs tradições e superstições introduzidas pela igreja romana. Destaque especial é dado a obra de Columba e os labores dos missionários formados na escola teológica de Iona. Um remanescente fiel também existia

na África Central e entre os armênios na Ásia.

E. G. White comenta:

"Foi tática de Roma obliterar todo vestígio de dissidência de suas doutrinas ou decretos. Tudo que fosse herético, quer pessoas, quer escritos, procurava ela destruir...

Nenhuma igreja dentro dos limites da jurisdição romana ficou muito tempo sem ser perturbada no gozo da liberdade de consciência. Mal o papado obtivera poder, estendeu os braços para esmagar a todos os que se recusassem a reconhecer-lhe o domínio; e, uma após outra, submeteram-se ao seu governo.

Na Grã-Bretanha o primitivo cristianismo muito cedo dei - tou raízes. O evangelho, recebido pelos bretões, nos primeiros sé culos, não se achava então corrompido pela apostasia romana. A perseguição dos imperadores pagãos, que se estendeu até mesmo àquelas praias distantes, foi a única dádiva que a primeira igre ja da Bretanha recebeu de Roma. Muitos dos cristãos, fugindo da perseguição na Inglaterra, encontraram refúgio na Escócia; daí a verdade foi levada à Irlanda, sendo em todos estes países recebida com alegria.

Quando os saxões invadiram a Bretanha, o paganismo con - seguiu predomínio. Os conquistadores desdenharam ser instruídos por seus escravos, e os cristãos foram obrigados a retirar-se para as montanhas e agrestes. Não obstante, a luz por algum tempo oculta continuou a arder. Na Escócia, um século mais tarde, brilhou ela com um fulgor que se estendeu a mui longínquas terras. Da Irlanda vieram o piedoso Columba e seus colaboradores, os quais, reunindo em torno de si os crentes dispersos da solitária ilha de Iona, fizeram desta o centro de seus trabalhos missionários. Entre estes evangelistas encontrava-se um observador do sábado

bíblico, e assim esta verdade foi introduzida entre o povo. Estabeleceu-se uma escola em Iona, da qual saíram missionários, não somente para a Escócia e Inglaterra, mas para a Alemanha, Suíça e mesmo para a Itália...

Em terras que ficavam além da jurisdição de Roma, existiram por muitos séculos corporações de cristãos que permaneceram quase que inteiramente livres da corrupção papal. Estavam rodeados de pagãos e, no transcorrer dos séculos, foram afetados por seus erros; mas continuaram a considerar a Escritura Sagrada como a única regra de fé, aceitando muitas de suas verdades. Estes cristãos acreditavam na perpetuidade da lei de Deus e observavam o sábado do quarto mandamento. Igrejas que se mantinham nesta fé e prática, existiram na África Central e entre os armênios, na Ásia." E. G. White, O Grande Conflito, págs 58-60

Mas entre os arautos da verdade nesse período tão obscuro, os valdenses destacam-se de maneira especial. São intitulados a igreja no deserto; a depositária dos tesouros da verdade; como testemunhas da verdade que mantiveram a antiga fé durante mil anos. E. G. White comenta:

"Mas dentre os que resistiram ao cerco cada vez mais apertado do poder papal, os valdenses ocupam posição preeminente. A falsidade e corrupção papal encontraram a mais decidida resistência na própria terra em que o papa fixara a sede. Durante séculos as igrejas do Piemonte mantiveram-se independentes...

A fé que durante muitos séculos fora mantida e ensinada pelos cristãos valdenses, estava em assinalado contraste com as falsas doutrinas que Roma apresentava. Sua crença religiosa baseava-se na Palavra escrita de Deus -- o verdadeiro documento do cristianismo. Mas aqueles humildes camponeses, em seu obscuro

retiro, excluídos do mundo e presos à labuta diária entre rebanhos e vinhedos, não haviam por si sós chegado à verdade em oposição aos dogmas e heresias da igreja apóstata. A fé que professavam não era nova. Sua crença religiosa era a herança de seus pais. Lutavam pela fé da igreja apostólica -- "a fé que uma vez foi dada aos santos."Judas 3. "A igreja no deserto"e não a orgulhosa hierarquia entronizada na grande capital do mundo, era a verdadeira igreja de Cristo, a depositária dos tesouros da verdade que Deus confiara a Seu povo para ser dada ao mundo...

Por trás dos elevados baluartes das montanhas -- em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos -- os valdenses encontraram esconderijo. Ali, conservou-se a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé." E. G. White, O Grande Conflito, págs. 60-62

DURANTE OS SÉCULOS - VI AO XI - A PERSEGUIÇÃO AOS VALDENSES DOPIEMONTE FOI BRANDA

Antes que a Sé Romana insistisse em submeter a região do Piemonte, as igrejas ali mantiveram-se independentes durante séculos. Estes séculos de tranqüilidade e certo sossego fundamentaram a verdade no coração dos crentes valdenses, propiciaram um ambiente para o trabalho dos pastores e o cultivo daquelas virtudes que caracterizam a igreja como depositária da verdade.

Alguns historiadores descrevem e analisam esse período:

*Nos distritos montanhosos as pessoas se apegam por mais longo tempo os costumes antigos. Froom, um historiador adventista, comenta:

A Província do Piemonte é assim chamada porque está si - tuada ao pé das montanhas -- os Alpes que separam a Itália da França. As planícies do Piemonte estão repletas de cidades e vilas. E atrás delas está uma cadeia de montanhas de grande majestade, com picos cobertos de neve, e montanhas de pedra onde correm cachoeiras.

Foi aqui que Deus achou oportuno preparar um lugar para a igreja que seria perseguida durante a grande tribulação. Aqui a igreja evangélica da Itália manteve sua independência de Roma, e onde a tocha da verdade continuou a iluminar na longa noite que pairou sobre a cristandade.

Nos distritos montanhosos as pessoas se apegam por mais longo tempo aos antigos costumes e fé, e são menos afetados pelas mudanças que ocorrem que ocorrem no mundo que os cercam. Assim esse recanto isolado nos Alpes formou um refúgio no qual no qual a fé pôde ser preservada. Ao mesmo tempo sua bcalização central oferecia acesso tanto do norte e sul, oriente e ocidente. A terra de Canaã oferecia as mesmas vantagens geográficas.

*Durante as invasões das tribos bárbaras à Itália, nos sécu - los V, VI e VII, o vale do Piemonte foi poupado pela providência divina. George Faber comenta:

"Com tremenda rapidez, o dilúvio das invasões bárbaras inundaram todo o império Romano Ocidental. Um período de dois séculos se desenrola, quando torrentes migratórias de muitos po- vos começaram a entrar em Províncias de comparativa tranqüili- dade. Mas o refúgio dos Alpes dos primitivos cristãos ergueu sua cabeça acima do dilúvio, e preservou seu sagrado depósito -- os cristãos valdenses.

Onde quer que as nações góticas se precipitassem sobre a

Itália, sua marcha invariavelmente cruzava ou os Alpes Rhatian ou os Alpes Julian. Não pude encontrar nenhuma evidência, que os Alpes Cotian estiveram sob a esfera das suas marchas.

Sob a Providência divina, a localidade peculiar destas mon - tanhas as tornaram isoladas. E assim, em meio de tormentas, os valdenses estavam seguros dentro de suas casas, como que se- qüestrados dentro de seu refúgio.

Finalmente os dez reinos foram estabelecidos pelas princi - pais tribos góticas. E como comenta um historiador, -- as nações vitoriosas da Alemanha estabeleceram um novo sistema de cos tumes e governo nos países ocidentais da Europa. Quando a re volução foi completada, ouvimos que miraculosamente a igreja foi preservada no deserto.

*A retidão moral de suas vidas e comportamento preservou os valdenses de perseguições mais duras entre os Séculos VI, VII, VIII, IX, X, XI. William Beattie, historiador valdense, ano 1838, co- menta:

"Como um povo distinto, os valdenses se tornaram primei - ramente conhecidos na história no início do Século IX, durante a vida de Cláudio, bispo de Torino -- o Wicleff de seus dias, e um fervoroso advogado do cristianismo primitivo.

Entretanto, pela tradição passada cuidadosamente através de uma linhagem antiga de ancestrais, -- eles traçam sua srcem desde o início do evangelho, e professam manter as mesmas dou- trinas que eles receberam dos apóstolos. Paulo e Tiago filho de Alfeu são apresentados como tendo levado as primeiras mensa- gens das boas novas da salvação nestes vales. Os vales do Piemon- te achavam-se durante estes séculos VI, VII, VIII sob a jurisdição da diocese de Torino. Os valdenses, levando uma vida tranqüila,

exemplar e simples nos seus afastados vales entre as montanhas, não haviam ainda despertado a suspeita da igreja romana.

Até ao Século IX, de modo especial nas regiões afastadas de Roma, muito do espírito srcinal do cristianismo perdurava nas mentes de uma parte dos cristãos. Mas gradualmente isto foi minado e inovações penetraram -- altares rivais foram estabelecidos sob a aprovação papal, e a adoração da Divindade, Pai, Filho e Espírito Santo foi poluída pela introdução de imagens, para as quais oblações eram oferecidas, e dias apontados para serem guardados como dias santos.

Assim, o que enriquecia a igreja em uma perspectiva material destruía a pureza do evangelho -- impulsionando o rebanho para peregrinações, estabelecia muitas penitências como oferta pelo pecado; derribou os altares erguidos pelos apóstolos; e substituiu o único intercessor entre Deus e os homens pela introdução de uma multidão de divindades.

Durante a geral onda de corrupção, no entanto, os valdenses permaneceram firmes. Fortalecidos pelo exemplo de seus excelentes pastores, sob cuja jurisdição espiritual eles desfrutavam as bênçãos de uma fé sadia, mantiveram-se inabaláveis pela força

do exemplo, nem foram enganados pelas seduções daqueles que advogavam um novo e imponente ritual.

Eles consideravam a adoração de imagens e as ofertas apresentadas às relíquias dos santos, não somente como desviando as mentes do sagrado canal de devoção, mas também como um insulto contra a razão, uma degradação do culto cristão e em oposição direta aos seus princípios.

Suas regras de vida e doutrina eram tiradas das Escrituras, e, por este estandarte infalível suas opiniões religiosas eram moldadas e exemplificadas na prática.

Embora suficientemente diferentes em suas vidas, conversação e prática religiosa para serem tidos como suspeitos de não aceitarem as orientações e doutrinas da igreja, contudo, a pureza que tão notavelmente resplandecia de suas vidas, seu caráter pacífico, e a integridade moral de que eram distinguidos, ainda os escudavam da perseguição, e mesmo engrandecia os valdenses junto aqueles que entravam em contato com eles.

Assim, inculcando paz e boa vontade e vivendo na obscuridade para serem tidos como objetos de ressentimentos políticos, eles tornaram-se os fiéis depositários da sagrada verdade, que um dia haveria de criar profundas raízes no solo, e convidar nações para participar de seus frutos.

Nesse meio tempo, foi sancionado as inovações de um concílio anterior. A adoração de imagens foi reconhecida, e em um concílio convocado pelo papa Adriano em Nice no ano 792 d.C a igreja romana se distanciava ainda mais dos ensinos da Bíblia. Pompa, cerimônias e festas religiosas foram multiplicados. Novos santos eram acrescentados ao calendário; cidades, igrejas e comunidades recebiam nomes de santos e eram dedicados para serem

protegidos por eles. A simplicidade da primitiva adoração havia-se degenerado em cerimônias exteriores pomposas.

E na proporção que a corrupção invadia a igreja romana, os aspectos diferentes do princípios de fé dos valdenses tornavam-se mais evidentes. Como uma lâmpada torna-se brilhante em meio à escuridão, o resplendor do exemplo dos valdenses tornava-se mais e mais visível e era cada vez mais sentido. Mas, embora isto era evidente a todos que entravam em contato com os valdenses, não foi ainda razão para destruir a paz deles. A influência de retidão moral, a íntegra observância àqueles preceitos quechegaram a eles provenientes dos primeiros pregadores do cristianismo, demonstrou-se para eles uma salvaguarda.

Assim, embora não isentos de provas, os vales por um longo período eram um cenário de comparativa tranqüilidade. Seus barbes (pastores) ou professores teológicos, treinavam seus jovens no conhecimento das Escrituras, e estenderam suas colônias em numerosas ramificações na Itália e países vizinhos.

* Faber afirma que os valdenses até ao final do século XI, estiveram sujeitos a vários tipos de perseguições mais brandas:

Com respeito às perseguições sofridas pelos piamonteses vaudois anterior ao Século XII, conhecemos pouco. A longa reclusão nas fortalezas dos Alpes, assemelhava-se à mulher que fugiu para o deserto no Apocalipse, a quem seus descendentes foram comparados. Deus lhes preparou um lugar no deserto para serem alimentados tanto espiritual com temporal, armazenando muito conhecimento.

Mas da linguagem de Claudius, de Atto, de Damiciano e de Rodolfo de Tindon, está claro que eles eram tidos com desprezo e como heréticos inveterados. E um verso do poema Nobre Lição

mostra que embora no final do Século XI eles ainda não haviam sido provados para selar sua fé com sangue -- contudo estiveram expostos a perseguições menores como de roubo, pilhagem, fraudulentas calúnias, que os empobreceram e os privaram de legalmente obter sua sobrevivência. A espécie de provações aqui mencionadas é outra evidência interna que o poema A Nobre Lição foi escrito no ano 1100.

Tivesse esse poema sido escrito depois daquele tempo, quando Pedro Valdo começou seu ministério, perseguições de caráter mais violento teriam sido mencionadas. Contudo nenhuma perseguição dessa espécie é mencionado na Nobre Lição. Pelo contrário são descritas apenas prisão e perda de propriedades, não porém torturas e perda de vida.

Portanto, não hesito em subscrever a opinião de Raynonard com relação a data da Nobre Lição - "La date de l'an 1100, que lemos no poema, merece inteira confiança.

* Nos Vales do Piemonte, a sarça da verdade ardia e não era consumida. Faber comenta:

Nos Vales dos Alpes, pelos cristãos valdenses, a antiga fé do cristianismo foi preservada, através de todos os séculos da Idade Escura das inovações supersticiosas, -- foi preservada incontaminada e pura. "Eis que a sarça ardia e não era consumida." O Anjo do Senhor estava ali e os braços do Poderoso Deus de Jacó era sua proteção. Portanto, o homem do pecado, o filho da perdição não podia destruí-la, e os inimigos foram incapazes de desarraigá-la pela violência.

* Os Vales do Piemonte - a terra de Gosen dos Valdenses. Boyler comenta:

Não podemos encontrar nas Histórias Eclesiásticas que os

Vaudois, ou cristãos dos Vales do Piemonte, foram perseguidos sob os reinados de Nero, Domitiano ou qualquer outro dos imperadores pagãos, que tão cruelmente perseguiram os cristãos.

É provável, entretanto, que durante estas cruéis perseguições, muitos fiéis cristãos se refugiaram para estes vales para escapar da perseguição, e para fugir das mãos sanguinárias dos cruéis assassinos.

Como vimos na França durante a última perseguição, quando muitos cristãos da igreja Reformada fugiram para os bosques e montanhas, e se esconderam nas cavernas e rochas para escapar das mãos dos cruéis e impiedosos dragões, e para evitar, mediante a fuga, o perigo de renunciar sua fé; assim a igreja é representada pela mulher mencionada em Apocalipse 12,6,14 fugindo para o deserto para escapar da fúria do dragão. E não há um deserto mais terrível do que as montanhas dos Alpes, que são cobertas com neve oito ou nove meses do ano, no meio dos quais acham-se os vales do Piemonte.

É mencionado que no deserto a mulher teve um lugar preparado por Deus para ela, onde pudesse ser alimentada por mil duzentos e cinquenta dias (dias proféticos, ver Ez. 4:7). Os Vales do Piemonte foi o lugar que Deus preparou para salvaguardar Sua igreja -- pois a verdadeira igreja sempre esteve ali desde os tempos dos apóstolos até os nossos dias (Século XVII) sem nenhuma interrupção ou falta de sucessão. De formas que enquanto o mundo se maravilhava após a besta, os habitantes destes vales seguiam Jesus Cristo e andava de acordo com a verdade do evangelho.

Os Vales do Piemonte foi a verdadeira terra de Gósen ,que estava iluminado com a luz celestial, enquanto o novo Egito achava-se coberto com uma espessa e palpável escuridão de ignorância

e erro. E os valdenses tinham em suas mãos uma brilhante tocha que resplandecia na espessa escuridão com esta inscrição: Lux lucet in Tenebris -- Luz Resplandece nas Trevas.

UMA SUBLIME REFLEXÃO

Em 533-538 d.C, o bispo de Roma foi declarado pelo imperador Justiniano como sendo: O corregedor dos hereges e o Cabeça das igreja. Teve início então a grande tribulação mencionada por Cristo e que duraria 1260 dias proféticos, ou seja 1260 anos literais (Ez. 4:7). Durante este período cumpriria plenamente a obra que foi predita em Daniel 7:25; 8:12; 11:36-39: Pisar a pés a verdade, blasfemar do Altíssimo, mudar os tempos e as leis, perseguir os santos do Altíssimo, remover os olhos do povo do sacrifício e intercessão de Cristo, para os sacerdotes e mediação dos santos; colocar a Tradição acima das Escrituras, etc.

Enquanto dogmas, festas,procissões eram promulgados em número crescente a cada geração, os teólogos e professores recorriam cada vez mais às argumentações da lógica, extraídas da filosofia de Aristóteles. As principais ordens monásticas -- os beneditinos, os agostinianos, carmelitas e outras, espalhadas em toda a Europa, e infiltrados em todas as camadas da sociedade -- eram os braços que sustentavam a influência e o poder desses dogmas na mente do povo.

Enquanto grandes revoluções políticas, sociais e religiosas agitavam o mundo -- os valdenses, nos seus vales remotos, em meio as montanhas gigantescas dos Alpes viviam a vida simples do campo, adoravam a Deus na beleza de Sua santidade, e guiavam suas vidas de acordo com os ensinos de Cristo. "Ali, por mil

anos testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé." -- O Grande Conflite, p. 62.

A contemplação atenta da fé e experiência dos valdenses são como boas novas que vem de longe: Fortaleceos ossos; avigora a nossa fé; promove perseverança para suportar provas; convida-nos a não retroceder, pois não há circunstâncias que justifiquem a vacilação com respeito aos princípios da verdade; anima-nos a fortalecer a religião na família e educação dos jovens; é um farol para os pastores, educar, guiar e dirigir para objetivos nobres, as faculdades mentais e espirituais do rebanho, especialmente os jovens; fortalece o povo de Deus a erguer bem alto e manter as cores vivas, a bandeira da verdade presente (Sl.604) que tem a inscrição: Aqui está a perseverança dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus (Apc. 14:12).

A experiência dos valdenses com a Bíblia, faz arder no coração o ardente desejo de maior zelo pela leitura, meditação e assimilação das verdades da Palavra de Deus. Eles seguiram o bom exemplo de Esdras:"Esdras dispôs o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar a Israel os seus estatutos e juízos." Esdras 7:10.

Na luz que tiveram, e isto por cerca de mil anos, os valdenses cumpriram um dos pilares que identifica a Igreja Remanescente: Foram um povo peculiar. Conservavam bem vivo na mente que os Senhor os havia chamado e escolhido para entrar em um relacionamento de concerto com eles; e os valdenses procuraram manter firme as condições e privilégios do concerto:"Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos...vós Me sereis reino de sacerdotes e nação santa." Ex. 19:5,6.

CAPÍTULO 5

UM REFORMADOR DO SÉCULO XII
PEDRO VALDO

Os duzentos anos que precederam a Pedro Valdo foram momentosos na História Eclesiástica. Baronius, um zeloso historiador católica descreveu o Século X, como o século de ferro, caracterizado por grande depravação em todos os setores da sociedade, e grande ignorância da religião entre o povo comum e os sacerdotes.

Mas o pináculo de glória temporal e espiritual do papado estava se aproximando. Com o papa Gregório VII, na segunda metade do Século XI, e os papas que se seguiram até o papa Inocêncio III, o papado haveria de decretar, impor e por algum tempo desfrutar quase em sua plenitude as bandeiras principais de sua ambição política espiritual: Que a igreja de Roma nunca errou no passado e tampouco erraria no futuro; que os governantes reais das nações devem prestar juramento de submissão ao papa e seus sucessores; que o papa tem o direito de destronar os governantes insubmissos; que os hereges devem ser cassados, presos, julgados por representantes civis e eclesiásticos, e finalmente, entregues ao poder civil

para todo tipo de castigo, ou morte; que o papa é o vigário de Cristo na Terra e que seus decretos devem ser implicitamente obedecidos; etc.

Mas houve reação. Em diversas partes da Europa, durante esse período surgiram reformadores, pregadores eloqüentes, mas que foram perseguidos, e muitos deles finalmente presos ou queimados. Mas a obra de Claudio bispo de Torino, de Pedro Bruys e Henrique de Laucerne, nas primeiras décadas do Século XII, e alguns outros que se levantaram, não foi em vão. Despertaram multidões, formaram discípulos, plantaram convicções em corações que haveria de frutificar e serem atraídos, quando, nas últimas décadas do Século XII, o reavivamento de Pedro Valdo avançasse por toda a Europa.

Mas de todos os reformadores que se levantaram nesse período, o mais importante foi Pedro Valdo de Leon. As características dos discípulos de Pedro Valdo revelaram os frutos de uma genuína reforma que produz mudança de vida e zelo pela verdade. O movimento foi fundamentado na Bíblia; no retorno à simplicidade de vida e costumes nos cristãos que se convertem; e no privilégio e responsabilidade de cada cristão pregar a Palavra, viver em harmonia com a Palavra e difundir a Palavra em todas as classes, ou seja o privilégio e responsabilidade de ser missionário. Todo avivamento fundamentado nas Escrituras e que exalta e enfatiza os ensinos e exemplo de Cristo, produzem genuínas conversões, pois o Espírito Santo inculca essas impressões no coração. Quando a Palavra de Deus é pregada, explicada, aceita no coração, e espalhada para alcançar corações sedentos pela verdade, torna-se para todos eles uma lâmpada:"Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra e luz para os meus caminhos."Sl. 119:105.

Sobre a vida e obra de Pedro Valdo extraímos importantes comentários de alguns historiadores de renome:

* Pedro Valdo tornou-se uma fonte de novo impulso missionário. A antiga igreja valdense do Piemonte teve um reavivamento sob Pedro Valdo. Valdenses, um tronco com muitos galhos: Froom, historiador adventista, comenta:

Pedro Valdo, rico comerciante de Leon, começou sua obra evangélica cerca do ano 1173. A experiência de Pedro Valdo é semelhante a de Lutero. A morte de um amigo causou-lhe profunda impressão. Distribuiu sua fortuna, devotou-se ao evangelho. Uma parte de seus recursos empregou na tradução das Escrituras na língua do vernáculo, entendida pelo povo. Empregou pregadores que viajavam e advertiam o povo. Denunciavam a igreja romana como Babilônia. Proibidos de pregar pelo arcebispo Valdo apela para o papa Alexandre III, que aprovou o voto de pobreza, mas não o autorizou a pregar.

Sem autorização papal eles agora prosseguem na missão. Pedro Valdo foi perseguido e refugiou-se sucessivamente para Dauphine, Bélgica, Picardia, Alemanha e Boêmia, onde morreu.

Seus seguidores se espalharam pelo sul da França, pelo Piemonte e Lombardia, em cujos lugares, "eles se misturaram com outros hereges, absorvendo e propagando"os ensinos de seitas mais antigas; - mencionado por Stephen de Bourbon, nos processos de inquisição de Curcussonne,

Os seguidores de Pedro Valdo resolutamente apoiaram os princípios dos cristãos dos vales do Piemonte. Até à época de Pedro Valdo, os habitantes do norte da Itália, estiveram mais reclusos às suas terras e montes. O surgimento dos Pobres Homens de Leon, foi instituído uma nova ordem de pregadores, e os valdenses

dos vales foram estimulados agora a um grande impulso missionário em todas as partes da Europa. Desta poderosa característica missionária os próprios inimigos dão testemunho -- Passau o inquisidor, Pilichdorf, Buchard de Ursperg, Thuonus, e outros.

A linguagem do inquisidor Passau é:"Os Leonistas são de antogos hereges, mais antigos do queos arianos e maniqueus. Mas os Pobres Homens de Leon, como também os membros da seita mais antiga, são também chamados Leonistas, e são os hereges modernos, tendo sido fundada pelo rico comerciante de Leon.

Os seguidores de Pedro Valdo se misturaram com vários grupos,e o nome valdense era o nome dado a muitas variações locais e fusões de grupos religiosos. O nome valdense foi usado por alguns escritores para designar uma grande variedade de grupos separados. Havia uma íntima ligação entre os antigos valdenses e os grupos mais recentes: "Os Irmãos Valdenses"ou Picardes; os Irmãos da Boêmia que procuraram ordenação de um pastor Valdense, e que sem dúvida absorveram os princípios valdenses. Todos eles eram chamados valdenses por seus inimigos.

As ramificações dos valdenses que se espalharam pela Europa não pode ser perfeitamente traçada. Houve muitas ramificações surgidas de um protesto comum -- uma reação contra a corrupção da igreja dominante. Na França eram chamados os Homens Pobres de Leon; na Itália, os Homens Pobres da Lombardia. Algumas vezes eram chamados de Insabbatati.

O Historiador Mosheim, comenta:

De todos os movimentos religiosos que surgiram no Século XII, nenhum se distinguiu tanto pelo valor que adquiriu, pela multidão de seus adeptos, e o testemunho que seus mais implacáveis inimigos deram da integridade e inocência de seus membros, do

que o movimento de Pedro Valdo.

Esta seita era conhecida por diferentes nomes. Do lugar onde primeiramente apareceram, seus membros eram chamados de Homens Pobres de Leon, ou Leonista; também eram chamados de Insabbatati.

A srcem desta famosa seita foi a seguinte: Pedro era um rico comerciante de Leon, denominado Valdensis ou Valdesimo, de vaux ou valdum, uma cidade no distrito de Leon. Era extremamente zeloso pelo progresso da verdadeira piedade e conhecimento cristão. Por volta do ano 1160 ele empregou um certo sacerdote, na tradução do latim para o francês dos Quatro Evangelhos -- com outros livros das Escrituras Sagradas, e as mais notáveis frases dos antigos doutores, que eram altamente estimados neste século.

Mas tão logo ele examinou estes livros sagrados com um apropriado grau de atenção, - e ele percebeu que a religião que estava sendo ensinada pela igreja romana, diferia totalmente daquela que fora srcinalmente inculcada por Cristo e Seus apóstolos. Chocado com esta flagrante contradição entre as doutrinas dos pontífices e as verdades do evangelho, e animado com piedoso zelo de promover sua própria salvação e a dos outros, ele abandonou sua vocação comercial, distribuiu suas riquezas entre os pobres, - formando uma associação com outros homens piedosos que tinham adotado seus sentimentos e compreensão da piedade.

Pedro Valdo começou então a assumir a qualificação de um pregador público e instruir multidões nas doutrinas e preceitos do cristianismo. O arcebispo de Leon e outras ordens da igreja naquela província combateram com vigor, a este novo pregador no exercício de seu ministério.

Mas a oposição deles revelou-se infrutífera, pois a pureza

e simplicidade daquela religião que estes bons homens ensinavam; a imaculada inocência que brilhava de suas vidas e ações; e o nobre desapego das riquezas e honras manifestadas na sua conduta e conversação, revelaram-se tão marcantes a todos que retinham qualquer senso de verdadeira piedade, - que seus discípulos e seguidores aumentavam dia após dia.

Eles, portanto, formaram assembléias religiosas, primeiramente na França e posteriormente na Lombardia, - de onde eles propagaram sua doutrina através de outras doutrinas da Europa, com inacreditável rapidez e com tão invencível força, - que nem fogo ou espada, nem tampouco as mais cruéis invenções da implacável perseguição, puderam enfraquecer seu zelo ou abater sua causa.

T. Fenwick, historiador Valdense, comenta:

No Século XII, apareceu Pedro Valdo, um rico comerciante de Leon na França. Ele foi chamado Valdo do lugar de seu nascimento no marquisato de Leon. Mediante seus estudos das Escrituras, ele foi levado a aceitar um cristianismo mais puro daquele encontrado na igreja de Roma - a igreja que ele fora educado.

Tendo dividido sua propriedade entre os pobres, ele reuniu em torno de si alguns outros homens piedosos, e começaram a pregar as doutrinas que havia aprendido das Escrituras. O arcebispo de Leon e outros homens da igreja, começaram a combatê-lo. Como Pedro não ficava quieto teve que deixar Leon.

Pedro Valdo visitou então vários lugares, pregando por onde quer que ia, e as pessoas que se convertiam em geral eram

chamadas pelo seu sobrenome, valdenses.

Perrin e outros historiadores, comentam:

Deus nunca ficou sem testemunhas. De tempos em tempos Ele levantava instrumentos para publicar Sua graça, outorgando-lhes com os dons necessários para a edificação de Sua igreja; dando-lhes o Espírito Santo para guiá-los, e Sua verdade para governá-los.

E através destes meios podemos distinguir a igreja que começou com Abel, daquela que começou com Caim. Deus também ensinou Seus instrumentos a definir a igreja pela fé -- e a fé pelas Escrituras Sagradas.

Em meio das mais sangrentas perseguições, Ele os fortaleceu, levando-os a contemplar a Jesus e ver que suportar provas por amor do Salvador é proveitosa, mesmo que tenha que perder as coisas deste mundo.Pois os filhos de Deus quando massacrados e queimados por juízos corruptos não estão esquecidos, pois no sangue dos mártires encontramos a semente da igreja.

O que pode ser observado em todos os séculos tem sido de modo mais notável presenciado entre os cristãos chamados de os Homens Pobres de Leon, que foram suscitados em um tempo quando Satanás mantinha as pessoas em ignorância. Satanás havia corrompido a maior parte daqueles que a si mesmo se chamavam cristãos, envolvendo-os na idolatria. Reis e príncipes empregavam sua autoridade para estabelecer a idolatria(Apc. 17:12,13,17), e levar a morte todos aqueles que não se tornassem idólatras.

Cerca do ano 1160 d.C, era um crime capital para qualquer pessoa não crer e aceitar que -- depois da consagração pronunciada pelo sacerdote, o próprio corpo de nosso Senhor Jesus Cristo estava presente na hóstia, inclusive aquele mesmo corpo que foi

pendurado na cruz; desaparecendo o pão, e sendo transubstanciado no corpo real de Cristo.

Além disso a adoração da hóstia foi imposta. Em honra hóstia, eles adornavam as ruas através dos quais a hóstia era levada em procissão, com flores e altar, diante do qual as multidões se ajoelhavam, adorando e chamando a hóstia seu Deus. Os devotos supersticiosos batiam em seu peito e choravam, como ainda é costume entre os papistas até o tempo presente.

Essa doutrina era desconhecida pelos apóstolos. Era igualmente desconhecida pelas igrejas primitivas, que nunca ensinaram que um sacrifício expiatória estava sendo agora feito pelos vivos e mortos.

Por causa disso muitos cristãos escolheram antes a morte temporal, resistindo tal idolatria, do que aceitar este culto idólatra e finalmente perder sua salvação.

Pedro Valdo, um cidadão de Leon, demonstrou-se muito corajoso em combater aquela invenção profana. Também atacou várias outras corrupções que haviam sido adotadas pelos sacerdócio romano, pois ele afirmava que:

* Os papistas haviam deixado de lado a fé de Jesus;

* A igreja de Roma é a prostituta de Babilônia, e como a figueira estéril amaldiçoada por Cristo;

* O papa não deve ser obedecido pois ele não é a cabeça da igreja;

* O monastério (os monges) é uma coisa abominável;

* Votos monásticos são o caráter e marca da besta;

* Purgatório, missas, dedicação de templos, adoração dos santos e comemoração dos mortos, são apenas invenções do diabo e fruto da avareza.

Pedro Valdo foi ouvido com grande atenção, pois era estimado por sua erudição e piedade, e grande benevolência em relação aos pobres. Pois ele não apenas os nutria com alimento físico, mas igualmente nutria suas almas com o pão espiritual, exortando-os principalmente a buscar o Senhor Jesus, o verdadeiro Pão de suas almas. Ver Guido de Perpignan, Flower of Chronicles; Sea of Histories, 203; Claudius Rubis, History of the City of Lyons, p. 269.

Historiadores registram que Pedro Valdo tomou a resolução de viver uma vida pura, assemelhando-se o quanto possível à vida dos apóstolos, por causa de um repentino e tremendo acidente:

Estando um dia em companhia com alguns de seus amigos depois da janta, enquanto estavam conversando um do grupo instantaneamente caiu morto, o que aterrorizou todos os presentes. Valdo foi o mais sensivelmente afetado. E por meio desse episódio ele foi estimulado a fazer uma extraordinária reforma, dedicando seu tempo em ler as Escrituras Sagradas, procurando ali a salvação. Ao mesmo tempo ele continuava a instruir os pobres que se ajuntavam a ele em busca de benevolência. (Ver Louis Cameareus; History of the Orthodox Bretheren of Bohemia, p. 7.- Guide Perpignan Flower of Chorniels.

O arcebispo de Leon, John de Belse Mayons, tendo sido informado que Valdo fez profissão de ensinar o povo, e que ele resolutamente condenava os vícios, luxo, arrogância dos papas e seu clero, o proibiu de ensinar. O prelado declarou que Valdo era apenas um leigo, e que estava ultrapassando os limites de sua condição, portanto ele devia restringir-se dentro desta proibição, sob pena de excomunhão e de ser processado como um herege. - Ver Catalogue of the Witnesses of the Truth, p. 535; - Simon de Voin - Names of Doctors of the Church.

Pedro Valdo respondeu que não podia ficar quieto em assunto de tão grande importância como o era a salvação dos homens; e que ele preferia antes obedecer a Deus que o havia incumbido de pregar, do que o homem que o havia ordenado de ficar em silêncio.

Por causa dessa resposta o arcebispo procurou prendê-lo. Mas Pedro Valdo viveu oculto em Leon, sob a proteção de seus amigos, por cerca de três anos. O papa Alexandre III, tendo ouvido que em Leon algumas pessoas punham em dúvida sua soberana autoridade sobre toda a igreja, e temendo que isso fosse o começo de uma rebelião contra sua suprema dignidade, promulgou um anátema contra Pedro Valdo e todos os seus adeptos. O papa tam bem ordenou o arcebispo combatê-los pelas censuras eclesiásticas, até a total extirpação.

Claudius Rubis afirma que Pedro Valdo e seus discípulos foram inteiramente afugentados de Leon; e Albert de Capitaneis diz que eles não puderam ser extirpados. Pouco mais sabemos desta primeira perseguição, exceto que aqueles que fugiram de Leon, seguiram a Valdo, e posteriormente se dispersaram em diversos grupos e lugares. - (Claudius Rubis, History, p. 269; Albert de Capitaneis, Original of the Vaudois).

William Jones, historiador Batista do Século XIX, comenta:

A história de Pedro Valdo, sua vida exemplar, seu zelo na causa da verdade e justiça, o nobre sacrifício que ele fez a favor do princípio religioso, e o extraordinário sucesso que coroou seus trabalhos na promulgação do evangelho da paz, o qualifica para ter mais que uma mera menção acidental na história do tempo em que viveu.

Era um rico comerciante na cidade de Leon, - a cidade que,

no segundo século da era cristã, foi abençoada com a clara luz da verdade divina - onde Cristo havia plantado uma numerosa igreja para servir como um pilar no qual a sua verdade devia ser inscrita; ou um candeeiro no qual Ele havia colocado a lâmpada da vida. Mas a lâmpada a muito tempo havia sido apagada, e o pilar removido.

Leon, nos tempos de Pedro Valdo, havia submergido em um estado da mais espessa escuridão e superstição. Cerca do ano 1160 a doutrina da transubstanciação, que posteriormente foi confirmada pelo papa Inocêncio IV, de maneira mais solene; era exigido pelo clero de Roma ser reconhecido por todos. A mais perniciosa prática de idolatria achava-se ligada com a recepção desta doutrina. As pessoas se ajoelhavam diante da hostia consagrada e a adoravam como se fosse Deus.

Tal abominação, o absurdo e impiedade desse ato, possivelmente agitou a mente de Pedro Valdo, que se opôs a esta prática de forma corajosa.

Mas embora a consciência e a razão de Valdo se revoltasse contra esta nova superstição, parece que ele não entretecia naquele tempo qualquer idéia distante de separar-se da comunhão da igreja de Roma, nem tampouco de manifestar intenso interesse pela religião em sua mente.

Deus, porém, que tem o coração dos homens em suas mãos, e que os movimenta como as águas dos rios, havia destinado para Pedro Valdo uma obra importante no Seu reino. Um extraordinário incidente foi um meio de despertar a mente de Pedro Valdo para "aquela única coisa. "Certa noite, após a janta, estava conversando com amigos e , um dos companheiros caiu morto instantaneamente para o espanto de todos os presentes. Tal é a lição sobre a

incerteza da vida humana, e isto impressionou a mente de Valdo.

A Bíblia Vulgata Latina era a única edição das Escrituras naquele tempo na Europa. Mas a linguagem não era acessível a todos, exceto alguns poucos. A condição financeira de Pedro Valdo, felizmente, o habilitou a vencer aquele obstáculo. "Sendo um pouco erudito" diz Reinerius Sacco, quando comenta sobre Pedro Valdo "ele ensinou o povo o texto do Novo Testamento na própria língua nativa."

A súbita morte de seu amigo o levou a pensar em sua própria experiência dissoluta, e, sob o terror de uma de uma consciência despertada, recorreu às Escrituras Sagradas para instrução e conforto. Ali, no conhecimento do verdadeiro caráter de Deus, como um Deus justo, e o conhecimento do Salvador, Pedro Valdo encontrou a pérola de grande valor - o meio para escapar da ira vindoura. A crença no testemunho que Deus deu a respeito de Cristo, infundiu-lhe paz e alegria na mente; elevou seus pensamentos e afeições para acima da "fumaça e nuvem escura em que se achava envolvido"; guiou-o para olhar e lutar pela glória, honra e incorruptibilidade, para a vida eterna, no mundo que há de ser.

Mas o amor cristão é um princípio que opera. Alarga a mente onde habita, e enche-o com generosos sentimentos - com supremo amor para com Deus, e a mais desinteressada benevolência para com o homem. Valdo ansiava para comunicar aos outros uma porção daquela felicidade que ele desfrutava. Abandonou, portanto, suas atividades no comércio, distribuiu suas riquezas para os pobres à medida que a ocasião requeria. E enquanto os pobres iam a ele para usufruírem de sua benevolência, ele trabalhava para despertar a atenção deles para as coisas que pertencem à paz eterna.

Um dos primeiros objetivos foi colocar nas mãos do povo a Palavra da Vida. E ele mesmo traduziu ou pagou para outros traduzir os quatro Evangelhos para o francês. Matthias Illyrius, um escritor que prosseguiu seus estudos sob Lutero e Melancton, e era um dos Maqdeburgh Centuuriators, falando de Pedro Valdo diz: "Sua bondade para com os pobres sendo difundida, seu amor pelo ensino, e o amor deles para aprender, crescendo cada vez mais forte, grandes multidões vieram a ele, e Valdo lhes explicava as Escrituras. Ele mesmo era um homem erudito. Assim eu posso entender de alguns antigos manuscritos - nem foi ele obrigado a empregar outros para traduzir os evangelhos para ele como seus inimigos afirmam."

Quer Pedro Valdo tenha traduzido estas Escrituras ou empregado outros para fazê-lo, ou possivelmente, tenha ele mesmo executado a tarefa com a assistência de outros, - o certo é, que os habitantes da Europa são devedores a Valdo da primeira tradução da Bíblia para uma língua moderna desde a época que o latim havia cessado de ser uma língua viva - uma dádiva de inestimável valor.

A medida que Pedro Valdo tornava-se mais familiarizado com as Escrituras, começava a descobrir que uma multidão de doutrinas, ritos e cerimônias que haviam sido introduzidos na religião romana, não tinham fundamento algum na Palavra de Deus, e eram claramente condenados no Livro Sagrado.

Inflamado com zelo pela glória de Deus, de um lado, e a preocupação pela salvação das almas de seus compatriotas, de outro lado, ele ergueu sua voz como de trombeta contra estes erros, condenando a arrogância do papa e o reino de corrupção do clero.

Tampouco ele se satisfez em combater o que era errado nos outros. Ensinou a verdade em sua simplicidade; fez aplicações práticas de sua influência no coração e vida; e pelo seu próprio exemplo, como também apelando para as vidas daqueles que primeiramente creram em Jesus, Valdo trabalhou para demonstrar a grande diferença que existia entre o cristianismo da Bíblia e o cristianismo pregado pela igreja de Roma.

O resultado de tudo isto pode ser facilmente visto pela mente pensante. O arcebispo de Leon ouviu a respeito desses trabalhos e ficou irado. A tendência era obvia. A honra da igreja achava-se nela e, em perfeita harmonia com os métodos então usado de procurar silenciar os opositores, o arcebispo proibiu o novo reformador de ensinar sob pena de excomunhão, e ser processado como um herege.

Pedro Valdo respondeu que embora sendo leigo, não podia ficar em silêncio em um assunto tão importante que envolve a salvação de seu próximo. Tentativas foram feitas para prendê-lo. Mas o grande número e a bondade de seus amigos; o respeito e a influência de suas relações pessoal, muitos dos quais eram homens de posições; o reconhecimento geral em que era tido por seu caráter puro e religião piedosa; e a convicção de que sua presença era altamente necessária entre o povo, que neste tempo haviam formado uma igreja, sendo ele mesmo o superintendente; - todos estes fatores cooperaram fortemente em seu favor, de formas que ele viveu oculto em Leon durante o espaço de três anos inteiros.

Informações do que se passava em Leon foram levadas ao papa Alexandre III, que tão logo se deu conta de tais procedimentos heréticos, promulgou anátema contra oreformador e seus adeptos, ordenando o arcebispo mover perseguição contra eles com o máxi-

mo rigor.

Pedro Valdo foi compelido a fugir de Leon. Seu rebanho em grande medida seguiu os seu pastor. E desta circunstância surgiu a dispersão como a igreja de Jerusalém fora dispersada por ocasião da morte de Estevão. Os resultados foram semelhantes. O próprio Valdo retirou-se para o Dauphiny, onde ele pregou com grande sucesso. Seus princípios se aprofundaram qual raiz de uma árvore grande, e produziu numerosa colheita de discípulos que foram denominados de - Leonistas, Vaudois, Albigenses ou Valdenses. Pois a mesma classe de cristãos é designada por estes vários nomes em épocas diferentes, e de acordo com os diversos países ou lugares nesses países onde eles surgiam.

Perseguido de lugar em lugar, Pedro Valdo retirou-se para o Picardy, onde grande sucesso atendeu seus trabalhos. Expulso dali, prosseguiu para a Alemanha, levando consigo as boas novas da salvação. E de acordo com o testemunho de Thuanus, um historiador francês de grande credibilidade, Pedro Valdo finalmente se estabeleceu na Boêmia, no ano de 1179, depois de um ministério de cerca de vinte anos.

Certamente ele foi um homem de dons singulares, e uma daquelas pessoas extraordinárias que Deus, em Sua Providência, chamou e qualificou para realizar importante obra no Seu reino. Contudo, quase nenhum historiador descreve com justiça seus talentos e caráter.

CAPÍTULO 6

DE PEDRO VALDO À REFORMA DO SÉCULO XVI EXPANSÃO MISSIONÁRIA DOS VALDENSES PELA EUROPA - PREPARARAM O CAMINHO PARA A REFORMA

Documentos históricos atestam a expansão dos valdenses por toda Europa. Os discípulos de Valdo, chamados também pe los nomes de: os Pobres Homens de Leon, os Pobres Homens da Lombardia, e Valdenses foram os primeiros a se espalharem em virtude da perseguição. Para os antigos valdenses moradores nos vales do Piemonte, que durante séculos haviam desfrutado de cer ta tranqüilidade, chegara também os tremendos tempos de per seguição. Decretos contra eles foram promulgados, e eles foram impelidos também à fuga.

Esta circunstância, como também a forte convicção, agora abrigada no coração, de transmitir a luz da verdade conservada e nutrida nos vales há séculos, impulsionou centenas e centenas de missionários valdenses, pastores e colportores, a levar a tocha da verdade em distantes regiões obscurecidas pelas trevas da aposta

sia e tradições humanas.

Documentos históricos confirmam estes fatos. Estas cir - cunstâncias foram utilizadas pela providência divina para preparar o terreno e lançar as sementes que produziriam abundante fruto na grande Reforma Protestante do Século XVI.

Dr. Bray, comenta:

A dispersão dos valdenses é mencionada e documentada nas mais importantes regiões e reinos da Europa. Quando a perseguição sobrevinha e se tornava forte, as ovelhas eram dispersadas por todas as partes do mundo. Agradou a Providência Divina, dar uma experiência a esses confessores e mártires, as testemunhas de Deus e Sua verdade, a mesma experiência da primitiva igreja que estava em Jerusalém e que foi dispersa para todas as partes (At. 8:1), que sendo perseguidos fugiam de uma cidade a outra. E assim mediante a dispersão deles foi derramada em todo o mundo romano.

Da mesma forma os habitantes cristãos dos Alpes, tendo sido impelidos a abandonar suas habitações, pelas horríveis perseguições - dispersaram-se e levaram com eles as verdades do evangelho para distantes lugares: Boêmia, Inglaterra, França, Alemanha, Polônia, Espanha e regiões vizinhas na parte ocidental dos Alpes, também na Calábria e Itália, e para o Oriente. Ali a preciosa semente da verdade por alguns séculos permaneceu como que sepultado, sob a pesada nuvem da apostasia, até que raiou a aurora da Reforma, e nesse tempo ressurgiu novamente com vida, após tão longos invernos, e pela graça de Deus produziu grande colheita de verdade e justiça.

Aqueles valdenses que fugiram para a Itália não deram o nome às igrejas daquele país, que já antes daquele tampo eram

chamados de valdenses, do lugar onde viviam. Foi apenas devido a malícia de seus inimigos, e o desejo de apagar a memória de sua antiguidade, que levou seus adversários a imputar a srcem deles a um período posterior, e a Pedro Valdo. --

Mr. Morland explica: Não teriam estes refugiados valdenses da França ido para a Itália, feito uma longa viagem pelos Alpes, em direção aos vales do Piemonte, se eles não tivessem a certeza que os nativos daqueles vales professavam a mesma religião e os receberiam como seus irmãos. D'Aubigné, um prudente historia dor é desta opinião: Que a denominação valdense como tendo sua srcem em Pedro Valdo, foi uma astúcia de seus adversários para fazer o mundo crer que sua religião era uma novidade, ou uma coisa recente.

William Jones, comenta:

Um número dos discípulos de Pedro Valdo fugiu para en - contrar abrigo nos vales do Piemonte, levando consigo a nova tra dução da Bíblia.

A perseguição de Valdo e seus seguidores, com a fuga de Leon, é uma memorável época nos anais da igreja cristã. Por onde quer que iam semeavam as sementes da reforma. As bênçãos e benevolência do Rei dos reis os acompanhava. A Palavra de Deus crecia e se multiplicava, não apenas nos próprios lugares onde o próprio Valdo havia semeado, mas em regiões ainda mais distan tes. Em Alsoce e ao longo do curso do Reno, as doutrinas se es palhavam extensivamente. Irrompeu a perseguição -- 35 cidadãos de Mentz foram queimados na cidade de Bingen, e 18 na cidade de Mentz. Os bispos de Mentz e Strasburg respiravam nada mais do que vingança e matança. Em Strasburg, onde comenta-se que o próprio Valdo com muita dificuldade escapara de ser preso, 80

pessoas foram sentenciadas as chamas.

No tratamento e perseguição aos valdenses renovaram-se as cenas de martírio do Século II. Multidões morriam louvando a Deus e na bendita esperança da bem aventurança da ressurreição. Mas o sangue dos mártires novamente tornou-se a semente da igreja. E na Boêmia, Croácia, Dalmitia e hungria, surgiram igrejas que floresceram através de todo o período do Século XIII, eque devem sua srcem principalmente aos trabalhos de um Bartolomeu, natural de Carcassone, uma cidade não muito distante de Tolouse, no sul da França, lugar que em certo sentido pode ser chamada a metrópole dos albigenses.

Na Boêmia e no país do inquisidor Passow, foi calculado que existia não menos de 80.000 dessa classe de cristãos no ano 1315.

Em resumo, eles se espalharam através de quase todos os países da Europa. Mas por toda parte eram tidos como o lixo do mundo e a escória de todas as coisas. --

Boyler, comenta:

Quando teve que fugir de Leon, Pedro Valdo foi para os Flanders, onde ele semeou a doutrina do evangelho, que se espalhou na Picardia, que acha-se ligado aos Flanders. Este maltratado povo, sendo perseguido pelo rei da França, fugiu para a Boêmia e foi por esta razão que foram chamados de Picardes, pois eles vieram da Picardia. D'Aubigné em sua História diz:"que aqueles discípulos dos remanescentes de Valdo, que fugiram para a Picardia cresceram e se multiplicaram tanto, que para desarraigá-los ou pelo menos enfraquecê-los, Filipe Augustos, rei da França, destruiu 300 casas.

George S. Faber, comenta:

Até os dias de Pedro Valdo, os cristãos valdenses que habitavam nos Alpes Cottiam, parece que nunca se haviam mudado de seus vales de refúgio, exceto para esforço de proselitismo com os habitantes das planícies de Torino e Vercelli.

Com relação ao nome valdenses de Leon, pelo que podemos descobrir, aparecem na história somente no ano 1179. Pois Walter Mapes, o arqui-diácono de Oxford, menciona que naquele ano, ele conversou em Roma com os assim chamados Primati Valdes de Leon; que embora franceses na srcem, e tendo sido recentemente convencidos por aquele eminente valdense, Pedro Valdo, que desejava na simplicidade de seu coração e honestidade de propósito, obter do papa Alexandre III, a licença de atuar como missionários pregadores do evangelho.

Um novo impulso foi dado agora aos esforços dos primitivos valdenses (os mais antigos de todos os hereges, segundo descrição do inquisidor Reinerius) para promover a causa da religião pura e incontaminada.

E pela divina providência, o honrado instrumento mencionado por Mapes, Pedro o rico comerciante de Leon, ele mesmo denominado Valdo da região e povo onde sua família viveu e onde ele havia habitado, e cujo nome ele comunicou aos seus conversos franceses.

Durante muitos séculos, como já comentado, parece que os antigos Valenses não se separaram de seus vales nativos. No entanto seu testemunho foi finalmente proclamado contra seus vizinhos papistas. E ali, sua existência era bem conhecida pelos poderes governantes e aos membros influentes da igreja de Roma.

Com Pedro Valdo, no entanto, uma nova sucessão de épocas se inicia. Sob o nome de os Pobres Homens de Leon, Pedro Valdo

instituiu uma ordem de pregadores ou missionários que ao invés de ficar quietos em seus lares de geração em geração, haveriam de sair em todo o mundo, para proclamar o evangelho em todas as partes da Europa. Creio que direto ou indiretamente, eles levaram o evangelho a todas as partes da Europa. Dai a linguagem de Reinerius, mesmo no século XIII, não será considerada um exagero: Fere nulla est terra, in qua haec sect non sit. Mas o sul da Europa foi o principal centro de seus missionários.

Reinerius comenta dos Leonistas estando espalhados por todo o mundo. Deve ser entendido com respeito ao termo Leonista como o próprio inquisidor o entendia na metade do Século XIII, após os labores de Pedro e os Pobres Homens de Leon, que já estavam em plena atividade setenta ou oitenta anos. Pois antes do tempo de Pedro Valdo, os valenses longe de se espalharem por todo o mundo como o fizeram os paulicianos e os albigenses, eram conhecidos apenas em sua própria vizinhança. É muito provável que Pedro Valdo copiou dos albigenses que sempre viajavam, a idéia de selecionar missionários para o seu plano missionário.

Reinerius com justiça afirma que o nome apropriado deles é: Os Pobres Valdenses de Léon. Os discípulos de Pedro Valdo foram chamados os Pobres Valdenses de Leon, em evidente distinção dos Pobres Valdenses do Piemonte.

A desaprovação do papa a ordem de pregadores instituído por Valdo foi rapidamente seguido pela perseguição papal. Mas como o arcebispo Usher observa corretamente, a perseguição produziu os mesmos resultados do que ocorrera no passado, depois do apedrejamento de Estevão.

E isto é plenamente testificado pelo inquisidor Eymeric no Século XIV:"Quando os pobres homens não puderam encontrar

descanso algum em Leon, por medo do arcebispo e igreja, eles fugiram de cidade em cidade, e, sendo assim dispersos através das regiões da França e Itália, eles ganharam muitos cúmplices, e mesmo no tempo presente, eles semearam seus erros em muitos distritos." Eymerc. Direct. Inquis. part. II quest 14. Apud Usher de Eccles. Success.

O historiador Thuanus foi induzido a escrever:"Pedro Valdo, o principal líder dos valdenses, deixando o seu próprio país, foi para a Bélgica, na Picardia, como agora é chamada aquela província, alcançando muitos seguidores. Da Picardia passou para a Alemanha, viajando pelos estados vândalos e finalmente se estabeleceu na Boêmia; onde aqueles que neste dia aceitam sua doutrina, são chamados de Picards." Thuanus Hist. Lib. VI, Vol.I, pag.221.

Mosheim, comenta:

Os Pobres Homens de Leon, cresciam dia após dia, inutilizando todas as tentativas que eram feitos para exterminá-los. Muitos deles, portanto, tendo observado que grande número de seu partido eram mortos pelas chamadas e outras perseguições, fugiram da França, Itália e Alemanha, para a Boêmia e países próximos, onde eles posteriormente se associaram com os hussitas e outros dissidentes de Roma

Os valdenses subsistiam em várias províncias da Europa, mais especialmente na Pomerania, Brandesburg, o distrito de Magadsburgh e Turíngia em cujos lugares eles tinham um considerável número de amigos e seguidores. De autênticos registros ainda não publicados compreende-se que uma grande parte dos adeptos deste perseguido grupo, nos países acima mencionados, foram descobertos pelos inquisidores, entregues por eles aos magistrados civis, que os lançaram à fogueira.

William Jones, comenta:

Em 1457 os remanescentes dos hussitas uniram-se em uma sociedade com o nome Unitas Fratrum , ou irmãos unidos. Ao mesmo tempo ligaram-se a uma disciplina na igreja, resolvendo sofrer todas as coisas por causa da consciência, e ao em invés de se defenderem como os taboritas haviam feito pela força das armas, resolveram que suas únicas armas seriam a oração e o diálogo, contra a ira de seus inimigos. - Crantz's History, part. II, p. 23.

Foram perseguidos por toda parte. De acordo com o testemunho de um dos seus piores inimigos "eles criaram profundas raízes e estenderam seus galhos longe e extensivamente de tal forma que era impossível extirpá-los."

No ano 1500 havia 200 congregações de Irmãos Unidos na Boêmia e Morávia. Muitos condes, barões e homens nobres, uniram-se às suas igrejas e construíram para eles templos nas cidades e vilas. Tinham traduzido a Bíblia na língua boêmia e a imprimiram em Veneza. Outras traduções foram impressas em Nuremberg. Verificando porém que a demanda pelas Escrituras Sagradas aumentava, eles estabeleceram uma gráfica em Praga e outra em Bunzlau na Boêmia, e uma terceira em Cralitz na Morávia, onde a princípio não imprimiam nada a não ser a Bíblia para o povo da Boêmia em sua língua nativa.

William Beattie, comenta:

Embora os valdenses do Piemonte durante muitos séculos anteriores à época das grandes perseguições, fossem suficientemente diferentes em suas vidas e conversação para já serem tidos como suspeitos de não aceitarem as orientações e doutrinas da igreja, contudo, a pureza que tão notavelmente resplandecia de suas vidas, -- seu caráter pacífico e a integridade moral de que

eram distinguidos, ainda os escudavam da perseguição, e mesmo engrandecia os valdenses junto àqueles que entravam em contato com eles.

Assim, inculcando paz e boa vontade e vivendo na obscu - ridade para serem tidos como objetos de ressentimentos políticos, os valdenses tornaram-se os fiéis depositários da sagrada verdade que um dia haveria de criar profundas raízes no solo, e convidar nações para participar de seus frutos.

E na proporcão que a corrupção invadia a igreja romana, nos séculos IX, X, XI, os aspectos diferentes do credo de fé dos valdenses tornavam-se mais evidentes. Como uma lâmpada torna- se brilhante em meio à escuridão, o resplendor do exemplo dos valdenses tornavam-se mais e mais visível, e era cada vez mais sentido.

Mas isto, embora evidente a todos que entravam em conta - to, não foi ainda razão para destruir a paz deles. A influência de retidão moral, a íntegra observância àqueles preceitos que chega ram a eles provenientes dos primeiros pregadores do cristianismo, demonstraram-se para eles uma salvaguarda. Assim, embora não isentos de provas durante este tempo, os vales do Piemonte por um longo período eram um cenário de comparativa tranqüilidade. Seus barbes (pastores) e professores teológicos, treinavam seus jo - vens em um conhecimento das Escrituras Sagradas, e estenderam suas colônias em numerosas ramificações na Itália e países vizi- nhos. Foom, comenta:

Até à época de Pedro Valdo, os habitantes do Norte da Itá - lia, estiveram mais reclusos às suas terras e montes. No surgimen - to dos Homens Pobres de Leon, foi instituída uma nova ordem de pregadores, e os valdenses dos vales do Piemonte foram estimu -

lados agora a um grande impulso missionário em todas as partes da Europa. Desta poderosa característica missionária os próprios inimigos dão testemunho - Passau, o inquisidor; Pilichdorf, Mape Buchar de Ursperg; Thuanus e outros.

A linguagem do inquisidor Passau é: "Os Leonistas são de antigos hereges, mais antigos que os arianos e os maniqueus. Os Pobres Homens de Leon como também os membros da seita mais antiga, são igualmente chamados de Leonistas, e são os hereges modernos, tendo sido fundada pelo rico comerciante de Leon."

Na Itália os valdenses do Piemonte testemunharam contra as corrupções de Roma; espalharam-se pelas cidades da Lombardia, Nápoles, Cicília, Gênova e Calábria. Correspondiam-se com os irmãos de outros países. Crentes valdenses estavam dispersos, não somente na Itália, mas na Áustria, Suécia, Alemanha, Hungria, Polônia, Morávia e Boêmia. Mas o principal centro deles era Milão.

Quando a perseguição aumentou o centro era os vales Alpinos, pois a perseguição não foi muito drástica até o começo do século XIV, e piorou depois da Reforma.

Samuel Morland, comenta:

Os valdenses foram continuamente reconhecidos como o elo de ligação entre a igreja primitiva e a Reforma do Século XVI:"Assim nos vales do Piemonte a tocha da verdade chegou a Claudio,arcebispo de Torino; dele para seus díscipulos e desses discípulos para as gerações seguintes nos séculos IX e X, chegando às mãos de Pedro Brus e depois para Pedro Valdo, e deste para Dulcinus; e deste para Marcilius, chegando às mãos de Wicleff, Huss, Jerônimo de Praga, e finalmente para Lutero e Calvino.

Samuel Edgar, comenta:

Impelidos apenas pelo poder da Verdade Triunfante, os val-

denses se espalharam pela Europa. Quão extensa foi a obra deste nobre povo pode ser visto nas palavras de Samuel Edgar:"Os valdenses, assim como eram antigos eram também numerosos. Vignier dá uma idéia de sua população. Os valdenses, diz este autor, multiplicaram-se maravilhosamente na França como também em outros países da cristandade. Tinham muitos patronos na Alemanha, França, Itália, e especialmente na Lombardia, não obstante os esforços do papado de exterminá-los..

Esta seita diz Nangis, eram infinitos em número; Apare - cem , diz Reinerus, em quase todos os países; multiplicaram-se, diz Sanderus, através de todas as terras; infectaram, diz Caesarus,

quase todo o mundo latino; quase nenhuma região, diz Gretzer, mil cidade; e espalharam seu contágio, diz Ciaconius, através de permaneceu livre e incontaminada por esta pestilência; os valdenses, diz Popliner, espalharam-se não somente pela França, mas também por quase toda a costa da Europa, e apareceram na Gaulia, Espanha, Escócia, Itália, Alemanha, Boêmia, Saxônia, Polônia e Lituânia; Mateus de Paris representa este povo como espalhado

através da Bulgária, Croácia, Dalmatia, Espanha e Alemanha.

Seu número de acordo com Benedito era prodigioso na França, Inglaterra, Piemonte, Cicília, Calábria, Polônia, Boêmia, Saxônia, Pomerania, Alemanha,Livonia, Sarmatia, Constantinopla e Bulgária."- Edgar, The Variations of Popery, págs. 51,52.

J. A. Wylie, comenta:

Não houve reino algum, no centro e no sul da Europa, onde

os missionários valdenses não penetrassem, e não deixavam nenhuma pista de sua visita nos discípulos que eles formavam.

No ocidente eles penetraram na Espanha. No Sul da França encontraram amigos companheiros nos albigenses, por quem as

sementes da verdade foram amplamente espalhadas em Dauphine e Languedoque. Ao oriente, descendo os rios Reno e Danúbio, eles levedaram a Alemanha, Boêmia e a Polônia com suas doutrinas, - e sua passagem sendo marcada por templos de adoração e as fogueiras do martírio que acompanhavam seus caminhos. Leger diz que os valdenses no ano 1210, tinham igrejas na Slovonia, Sarmatia e Livonia.

E. G. White, comenta:

Assim os valdenses testemunharam de Deus, séculos antes do nascimento de Lutero. Dispersos em muitos países, plantaram a semente da Reforma que se iniciou no tempo de Wicleff, cresceu larga e profundamente nos dias de Lutero, e deve ser levada avante até ao final do tempo por aqueles que também estão dispostos a sofrer todas as coisas pela "Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo."Apc. 1:9 - O Grande Conflito, pág. 75

CAPÍTULO 7

AS TERRÍVEIS PERSEGUIÇÕES QUE OS VALDENSES SOFRERAM

No genuíno cristão arde o desejo de conhecer a verdade que Deus envia e resplandece no coração. A experiência do profeta Daniel registrada no Capítulo 8 é cheia de lições importantes. Daniel recebera uma visão importante (Dn.8:1-14); ele anseia entendê-la, e o anjo Gabriel é enviado para explicar a visão, cujo conteúdo descrevia acontecimentos dos reinos que sucederiam Babilônia até a grande tribulação que sobreveria à igreja cristã no futuro (Dn.8:15-26); e o profeta termina o capítulo afirmando que não havia entendido plenamente e estava enfraquecido fisicamente (Dn.8:27).

O que levou o profeta à esta condição? Que assuntos o anjo Gabriel estava explicando que fez o profeta cair enfermo? "Quando a terrível perseguição a recair sobre a igreja foi desvendada à visão do profeta, abandonou-o a força física. Não pôde suportar mais..."E. G. White, O Grande Conflito, pág. 324. O profeta contemplou a terrível tribulação predita por Cristo, que se não fosse abreviada, mas que, por causa dos escolhidos, tais dias seriam abreviados (Mt.

24:21,22).

Esta é a parte da História Eclesiástica que adentramos agora, e que a exemplo do profeta Daniel, somos levados a estremecer diante de um quadro de tanta angústia e aflição que sobreveio à igreja no deserto, especialmente no período que vai dos Século 12 ao Século 16. Aquele que deu testemunho da fidelidade de Abrão e de Jó (Gn.18:19; Jó 1:8), igualmente deu testemunho da fidelidade e amor dos valdenses, que durante vários séculos que precederam a perseguição conservaram a tocha da verdade ardendo nos vales do Piemonte. Eles são descritos como o "povo que conhece o seu Deus." Daniel 11:32up.

A esse povo descrito com tão sublime característica -- um povo que conhece o seu Deus - desabou uma terrível perseguição. E os métodos utilizados por seus implacáveis inimigos , são igualmente descritos na profecia:"Pela espada e pelo fogo, pelo cativeiro e pelo roubo." Daniel 11:33. Mas durante aqueles tempos turbulentos,milhões permaneceram firmes até à morte. Foram "provados, purificados e embranquecidos"(Dn.11:35),contudo confessaram a Cristo e.Sua verdade diante dos homens (Mt. 10:32), revelaram aquela viva fé na qual nenhuma circunstância, nem mesmo a espada, o fogo, o cativeiro e o roubo, puderam separá-los do amor de Cristo e do apego à fé que foi entregue aos santos (Ro. 8:35,36), proclamaram pelo testemunho de suas vidas, do grande poder transformador da graça de Deus, quando é nutrida no coração:"Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio dAquele que nos amou" (Rm. 8:37). Que exemplo maravilhoso para ser seguido no tempo presente!

O período quando a inquisição predominou com maior força, foi um tempo de grandes revoluções no mundo: Foi o tempo

do surgimento das cruzadas; foi o tempo quando a arrogância do papado e seu acalentado desejo de dominar tanto na esfera religiosa, social e política, alcançou o seu auge; foi igualmente um período quando por toda a Europa surgiram grandes pregadores que despertaram multidões para as mensagens contidas na Bíblia e não para as tradições e dogmas da igreja; este também foi o período quando duas influentes ordens monásticas, os franciscanos e os dominicanos, foram instituídas e aprovadas pela igreja, para combater a crescente onda de pregadores evangélicos que estavam espalhados por toda a Europa; foi o tempo quando vergonhosamente governantes reais e das províncias, juízes,magistrados e príncipes, tornaram-se instrumentos para executar multidões que eram estigmatizados como hereges pela inquisição; foi igualmen

te o período quando um grande reformador surgiu na Inglaterra, considerado a Estrela da manhã da Reforma, João Wicleff, e posteriormente o grupo de pregadores chamados lolardos, espalharam-se por toda a Inglaterra; nesse período, logo após Wicleff, veio o grande despertamento na Boêmia, pelos mártires Huss e Jerônimo, que finalmente levou a formação da Igreja dos Irmãos Unidos e posteriormente os morávios, e foram os morávios que no Século XVIII teriam grande influência nas primeiras experiências de João Wesley, etc. Certamente foi um período de grandes transformações e profundas revoluções, especialmente na esfera religiosa.

Os primeiros a sofrerem as terríveis provas da perseguição foram os albigenses, no sul da França, no final do Século XII e início do Século XIII, em cuja perseguição eles foram quase que exterminados. Os seguidores de Pedro Valdo, perseguidos inicialmente em Leon, espalharam-se por toda a Europa levando a mensagem evangélica. Em todas as partes os Pobres Homens de Leon e Valdenses, como eram chamados, foram terrivelmente perseguidos e cassados por toda a Europa. Enquanto alguns vacilaram, outros perseveraram até o fim, e prosseguiram na missão de levar a luz do evangelho às partes escuras da Europa, quaisquer que fossem as dificuldades e provas. A perseguição sobreveio com força sobre eles durante todo o Século XIII, e muitos dos perseguidos Pobres Homens de Leon buscaram refúgio entre os valdenses antigos que habitavam nos vales do Piemonte.

Durante os primeiros séculos da elevação do papado como o cabeça da igreja e o corregedor dos hereges, os valdenses que habitavam nos vales do Piemonte para onde se haviam refugiado, pela providência divina foram escudados da perseguição e desfrutaram relativa paz e independência de Roma, como é testificado

por muitos historiadores: E. G. White; Boyler; William Beattie; T. Fenwick; Muston. Durante estes séculos sofreram apenas provações brandas. Mas este panorama haveria de mudar a partir do início do Século XIV, e deste então, até o Século XVII, os Vales do Piemonte foram alvo de terríveis perseguições. No ano 1886, E. G. White, visitando juntamente com alguns pastores adventistas o vale do Piemonte, e especialmente Angrona, em Torre Pelice, fez o seguinte comentário:"No dia da ressurreição, milhares serão ressuscitados destes vales e montanhas, que mártires da fé e da genuína religião de Cristo." Isto resume a maravilhosa experiência dos valdenses, em cujos montes a luz da verdade foi conservada

"a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé." O Grande Conflito, pág. 62.

UMA DESCRIÇÃO DA PERSEGUIÇÃO:
UM PANORAMA DOS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO:
UM VISLUMBRE DAS REGRAS DA INQUISIÇÃO:

UM VISLUMBRE DOS EDITOS PROMULGADOS CONTRA OS VALDENSES:
AS AFLITIVAS PROVAÇÕES QUE OS VALDENSES TIVERAM QUE SUPORTAR POR SÉCULOS:

Samuel Morland, descreve os Processos da Inquisição:

Os valdenses, o pequeno rebanho de Cristo nos vales do Piemonte, em virtude do isolamento e obscuridade da região, e habitando em seus vales e montanhas, por muitos séculos desfrutaram certa paz e tranqüilidade, e preservaram a pureza daquela doutrina que lhes foi entregue por Cristo e Seus apóstolos.

À medida que a besta do Apocalipse estendia cada vez mais sua influência e poder, cobrindo o mundo com as densas nuvens escuras da corrupção da fé cristã, os verdadeiros Natãs de forma alguma podiam beber tais abominações; fizeram tudo ao seu alcance para opor-se a essa onda de apostasia, tornando-se frequentemente mártires por causa do testemunho que deram. Por causa deste resoluto e fiel testemunho contra tais inovações da doutrina cristã, foi que eles se tornaram objetos da ira de seus inimigos e da fúria da igreja romana.

Os primeiros meios usados pelos seus inimigos para exterminá-los foram os trovões dos papas, os anatemas, os decretos canônicos, a constituição e os decretos da igreja, e tudo que pudesse torná-los odiosos aos reis e príncipes e povo da Terra - proibindo-os de toda forma de comunhão e sociedade com seus vizinhos; sentenciando-os como homens indignos, incapazes de qualquer responsabilidade, honra, herança, inclusive de ter um lugar de sepultura entre os cristãos; confiscando seus bens, herança dos filhos, demolindo suas casas.

Estas sentenças podem ser comprovadas por algumas cartas do papa Alexandre III, como também de muitos outros papas, com instruções formais do que devia ser feito contra aqueles que eram considerados hereges. Nessas cartas e editos temos a descri

ção exata das ordens que os papas impuseram sobre reis, príncipes, magistrados, cônsules e povo, exigindo-lhes que fizessem uma minuciosa inquisição, que fechassem os portões da cidade, que não permitissem a fuga de ninguém, e matar sem misericórdia aquelas pobres inocentes ovelhas, dando ao acusador 1/3 dos despojos de suas vítimas, como também estabelecendo alguns castigos sobre aqueles que procurassem ocultá-los.

Mas com o passar do tempo, quando estes meios foram julgados muito brandos para obter o objetivo, pois não obstante toda diligência, aquele povo começou a multiplicar-se extraordinariamente, e seus ministros não paravam de ensinar e pregar às suas respectivas congregações, que o papa era o anti-Cristo, a missa uma abominação, a hóstia um ídolo, o purgatório uma fábula, etc.

Então Inocêncio III, que assumiu o trono papal em 1198, tomou medidas para instituir um método para exterminá-los, enviando alguns inquisidores apontados para cumprir esta obra., dando-lhes poderes extraordinários de: Primeiro estabelecer uma forma de Processo como achassem melhor, e depois entregá-los aos magistrados, e em seguida levá-los à guilhotina. Por esses meios, em poucos anos, eles encheram a maior parte da cristandade com os mais formidáveis e lamentáveis espetáculos de suas barbaridade e crueldades anti-cristãs.

Agora que o poder desses inquisidores era ilimitado e sem restrição e plenamente visível pelas suas práticas, pois tinham poder para convocar o povo quando o desejassem ao som do sino; tinham o poder de se oporem aos próprios bispos, se achassem oportuno, e levar avante os seus próprios processos; tinham poder de prender aqueles que desejassem e aqueles que desejassem soltar. Toda espécie de acusação era válida para eles! Um feiticeiro

ou uma prostituta era uma testemunha válida para tirar a vida de qualquer dos valdenses hereges! E o pior de tudo, não havia nenhuma necessidade de confrontar os depoimentos ou examinar os documentos, mas era suficiente apresentá-los perante o Inquisidor, sem testemunhas. Se alguma pessoa fosse rica, sua riqueza era uma prova suficiente, quer para convencê-los de heresia ou como simpatizante da heresia. Nenhum advogado ousava defender sua causa, nenhum escrivão (juiz) recebia qualquer Ata em favor de les.

Quando alguém era apanhado no laço da Inquisição, ele sabia com certeza de que nunca escaparia. Se fosse solto era apenas como zombaria para trazê-los novamente como o gato algumas vezes faz com o rato para depois matá-lo. E como se fosse pequeno o castigo de tirar-lhes a vida, foi feita muita sentença daqueles sanguinários inquisidores contra os próprios ossos daqueles pobres valdenses, removendo-os da sepultura, depois de trinta anos e então queimados publicamente nas ruas e lugares públicos; seus filhos eram processados e não podiam herdar suas terras e possessões, por medo de serem condenados como hereges.

E para manter o povo em agitação, aqueles inquisidores levavam em triunfo seus prisioneiros e cativos freqüentemente em procissão, forçando alguns a se açoitarem a si mesmos a medida que marchavam nas ruas, e outros a usar casacos vermelhos com cruzes amarela, com o nome de que foram convictos de algum erro notório e que a próxima falta que cometessem seriam condenados como hereges sem remissão. Outros eram obrigados a segui-los descalços, sem chapéu, com uma var em suas mãos, e desta maneira prosseguiam andando pelas ruas, proibidos de entrar nas igrejas.

E o que não é inferior a esses castigos, muitos eram enviados como penalidade, a fazer viagens mesmo à Terra Santa, ou algum outro remoto recanto do mundo, por um determinado tempo, sem exigirem qualquer coisa ao retornarem, nem tampouco sobre suas propriedade, ou que familiaridades aqueles inquisidores haviam tido com suas esposas na ausência deles - pois então haveriam de ser acusados como relapsos e pessoas impenitentes, e portanto incapazes de serem perdoados.

Além de todas estas práticas, os inquisidores tinham uma certa forma de engano sutil, de astutos estratagemas, por meio dos quais eles em geral regulamentavam todos os seus processos contra os valdenses, como pode ser visto nas Máximas e Regras de Precaução, que apresentaremos a seguir, e que a Providência permitiu vir à luz, mesmo que haviam sido concebidos e ocultados pelos filhos das trevas, nos secretos recintos e desígnios ocultos. Samuel Morland, descreve: Os Processos e Regras dos Inquisidores contra os Valdenses:

UM EXTRATO DE CERTAS REGRAS DE PRECAUÇÃO POR MEIO DOS QUAIS OS INQUISIDORES REGULAMENTAVAM OS PROCESSOS CONTRA OS VALDENSES:

1. Não se pode discutir com respeito a assuntos de Fé diante dos leigos.

2. Ninguém deve ser reputado como genuínos contritos arrependidos, mas somente aqueles que revelam os adeptos dos mesmos princípios e profissão de fé.

3. Aqueles que não acusam ou revelam os da mesma profissão, devem ser cortados da igreja como membros podres, para que não venha a corromper e infectar o resto.

4. Depois que alguém é entregue às armas seculares, não deve ser-lhe permitido se justificar, ou declarar sua inocência perante o povo, pois se tal pessoa é levada à morte, isso escandaliza os leigos, e se escapar, torna-se um preconceito à nossa religião.

5. Deve haver grande prudência em prometer a vida a qualquer pessoa perante o povo, que está condenado, pois nenhum herege seria queimado, se pudesse escapar em virtude de uma promessa. E no caso de prometer arrependimento perante o povo, e então ser julgado como digno de morte, isso naturalmente escandalizaria o povo, e o levaria a crer que foi injustamente condenado à morte.

6. O inquisidor deve sempre pressupor o fato e não vacilar; apenas inquirir com respeito às circunstâncias do fato, sendo esta maneira: Quantas vezes ele confessou ser um herege? Em qual quarto da casa eles estavam? E perguntas deste tipo.

7. O inquiridor deve segurar algum livro perante os acusados durante o exame, como se estivesse escrito ali toda a vida

daquele a quem ele examina.

8. Deve ameaçá-lo com morte se não confessar, e dizer-lhe que ele é um homem morto, que ele deve pensar em sua alma, e renunciar totalmente a heresia, pois como ele deve morrer, deve desfazer-se daquilo que é sua perdição. E se ele responder, já que devo morrer, prefiro antes morrer nesta minha fé do que na fé da igreja católica, então esteja certo de que não há nenhuma esperança para tal pessoa, e portanto ele deve ser entregue o mais rápido possível à justiça.

9. Não há nenhuma esperança de convencer hereges pelo conhecimento das Escrituras Sagradas e Ciências, pois freqüentemente ocorre que pessoas eruditas são confundidas por estes hereges, e por este meio, os hereges se fortalecem quando verificam que mesmo estes homens sábios são enganados.

10. Aos hereges nunca deve ser permitido responder a qualquer coisa... E quando eles são pressionados por freqüentes interrogatórios, eles adquirem o costume de responder que são homens pobres e ignorantes, e incapazes de responder. E se eles percebem que os indagadores ao redor estão movidos de compaixão para com eles, por serem homens pobres e inofensivos, acusados injustamente, -- então adquirem coragem, aparentam chorar como pobres miseráveis, e desta forma procuram escapar da inquirição, dizendo: Senhor, se eu tenho ofendido em alguma coisa, humildemente me arrependo, mas eu te peço que me libertes desta infâmia que me tem sido colocado simplesmente por pura malícia e inveja,pois é totalmente inverídica. Então deve o corajoso inquisidor não vacilar ou ser comovido por estas bajulações, nem dar ouvidos ou crença a qualquer dessas fábulas.

11. Finalmente, o inquisidor precisa convencê-los, assegu -

rando-lhes que eles nada vão ganhar por juramento falso, pois há suficiente provas para convencê-los de outras formas. Portanto não devem pensar em escapar da sentença de morte por meio de juramentos. Mas o inquisidor deve prometer-lhes que se eles confessarem livremente seus erros, hão de encontrar misericórdia. Pois em tal perplexidade há muitos que confessam seus erros, tão somente na esperança de escapar da sentença.

Houve muitas práticas desumanas destes filhos da violência nos anos 1206 a 1228. Durante este período houve um tão grande número de os Pobres Homens de Leon, também chamados valdenses, que foram presos na maioria dos países da Europa que os arcebispos de Arles, Norbone, estando reunidos em Navignon no ano 1228, tiveram compaixão dos miseráveis, que eles disseram que os inquisidores haviam preso tão grande número de valdenses, que não era possível encontrar tantas pedras para construir prisões para eles, e portanto que os deixassem soltos até saber mais detalhes do papa.

A verdade sobre a inquisição e seus atos temos dos próprios inquisidores. Os valdenses foram perseguidos em tão grande escala que ninguém podia alegar ignorância por ter participado da Santa Ceia com eles.

* No ano 1.400 - Os habitantes do Vale de Pragela viviam em sossego. Era natal e uma grande tempestade estava para sobrevir-lhes. O papado une-se aos vizinhos para uma cruzada e avançam em direção ao território valdense. Milhares de valdenses com seus filhos nos braços fogem para uma das mais elevadas montanhas que tem sido chamado em italiano albergo, porque o pobre povo buscou ali refúgio. Na fuga um grande número deles foi pego pelos perseguidores, cujos pés se apressavam para derramar sangue.

O remanescente foi apanhado pelas trevas da noite, e vagueou sem rumo na neve, até que suas juntas congelaram pelo frio intenso, de tal forma que muitas mães com os filhos nos braços foram encontrados congelados no dia seguinte pelos perseguidores. Um terrível espetáculo para ser contemplado.

Alguns que escaparam foram para Provença e o resto para a Calábria e lugares adjacentes.

Bulas foram promulgadas em 28 de Novembro de 1475.

Um pouco mais tarde o papa vendo que a perseguição não mudava sua conciência:

1. Resolveu promulgar medidas mais duras, e tendo indicado albertus de Capitaneis, arqui-diácono de Cremona para ser seu Legado e Representante geral para aquele assunto,

2. ele o enviou com bulas e ordens para todos os senhores e príncipes, em cujo domínio se encontravam os valdenses, para incitá-los a auxiliar o legado do papa com exército suficiente, para exterminar todos os valdenses e os Pobres Homens de Leon, que habitavam em seus domínios.

3. Isso ocorreu no ano 1487, com a bula do papa Inocêncio VIII.

DECRETO DO PAPA LÚCIO III, NO ANO 1.181 D.C - CONTRA OS HEREGES:

Para abolir a malignidade de diversas heresias que recentemente surgiram na maioria das regiões do mundo;

1. é portanto apropriado que o poder outorgado à igreja seja despertado,

2. para que mediante uma conjunta assistência da força im-

perial a insolência dos hereges em seus falsos desígnios possa ser esmagada, e a verdade da simplicidade católica resplandecendo na santa igreja possa revelar a igreja pura e livre das execráveis falsas doutrinas dos hereges.

Portanto nós, achando-nos apoiado pela presença e poder de nosso mais querido filho, Frederico, o ilustre imperador dos romanos, sempre objetivando o bem estar do Império; e com as sugestões e conselhos de nossos irmãos, e outros patriarcas, e muitos príncipes, que de muitas partes do mundo estão congregados, - que se disponham todos contra estes hereges que tem sido chamados por diferentes nomes, de acordo com as várias doutrinas que eles professam. E mediante a autoridade deste decreto geral, e por nossa autoridade apostólica de acordo com o teor deste decreto, P

Nós condenamos toda espécie de heresia, por quaisquer nomes que é chamada. Mais particularmente,

1. Nós declaramos todos os Cataristas, os Paterines, e aqueles que se chamam a si mesmos Os Pobres Homens de Leon, os Paisagistas, Josefites, Arnoldistas, acharem-se sob perpétuo anátema.

2. E porque alguns sob a forma da piedade mas negando o poder da mesma, como disse o apóstolo, presumem ter autoridade de pregar, contudo o mesmo apóstolo diz: "Como podem pregar se não são enviados?" - Concluímos portanto, estando estes sob a mesma sentença de perpétuo anátema, todos aqueles que ou sendo proibidos ou não sendo enviados, não obstante continuam pregando publicamente e em particular, sem qualquer autorização recebida da Se Apostólica ou dos bispos de suas próprias dioceses.

3. Como também todos aqueles que não tem medo de sustentar e ensinar qualquer opinião concernente ao corpo e sangue

de nosso Senhor Jesus Cristo, batismo, a remissão dos pecados, matrimônio, ou qualquer outro sacramento da Igreja - diferente daquilo que a santa igreja de Roma prega e observa;

4. E geralmente todos aqueles que a mesma igreja de Roma, ou os vários bispos em suas dioceses, com a ajuda de seu clero, ou a ajuda dos bispos próximos, - todos os que eles julgarem ser heréticos.

5. Da mesma forma declaramos que todos os simpatizantes e defensores de tais hereges, e todos aqueles que lhes mostrarem favor ou simpatia, desta forma fortalecendo a heresia deles, quer sejam chamados confortadores, crentes ou perfeitos, ou qualquer outro supersticioso nome com que eles procuram ocultar-se, - se jam estes também levados a receber a mesma sentença.

Embora algumas vezes ocorre que a severidade da disciplina eclesiástica, necessária para a coersão do pecador, seja condenada por aqueles que não entendem a virtude da mesma:

1. Nós declaramos por este presente decreto,

2. que todo aquele que seja publicamente convencido de seus erros, seja um clérico ou um que procura ocultar-se debaixo de qualquer ordem religiosa, este deve ser imediatamente removido de todo privilégio das ordens religiosas da igreja, e desta forma sem qualquer privilégios do ofício, ser entregue para o poder secular para ser punido de acordo, a menos que imediatamente após ter sido descoberto ele voluntariamente retorne para a verdadeira fé católica e "publicamente renuncie seus erros, de acordo com a maneira que o bispo de sua diocese achar melhor.

3. E se for leigo aquele que é encontrado culpado, quer publicamente ou em particular de qualquer das heresias acima mencionados, a menos que abjure sua heresia e prontamente se dispo-

nha a retornar para a fé ortodoxa, - nós o declaramos que ele deve ser entregue para a sentença do juiz secular para receber o castigo que merece de acordo com a qualidade da ofensa.

Com respeito àqueles que são julgados pela igreja como suspeitos de heresia;

1. a menos que pela ordem do bispo eles dêem plena evidência, de acordo com o grau da suspeita que repousa sobre eles, e da qualidade de suas pessoas, - estão sujeitos a receber a mesma sentença.

2. Mas aqueles que depois de terem abjurado de seus erros, ou se justificado após terem sido interrogados por seus bispos; se eles se tornarem relapsos na heresia abjurada, - nós decretamos que sem nenhum outro interrogatório eles sejam rapidamente entregues aos poder secular, e seus bens confiscados para o uso da igreja. Decretamos ainda;

3. que é nosso desejo que sejam incluídos nesta excomunhão todos os hereges, sejam repetidas e renovados em todos os patriarcas, arcebispos e bispos e em todas as festas principais e qualquer solenidade pública, ou em qualquer outra ocasião para a glória de Deus, e para colocar um ponto final a toda depravação herética;

4. Ordenando por meio de nossa autoridade apostólica, que se qualquer bispo for encontrado em falha, indolente na execução deste decreto, que seja suspenso por três anos de sua dignidade episcopal e da administração.

Além disso em harmonia com o pensamento dos bispos e a intimação do imperador e príncipes do império, nós acrescentamos:

1. Que cada arcebispo ou bispo, quer em sua própria pessoa ou por seu arqui-diácono ou por qualquer outra pessoa honesta, ou

adaptado para isso, - visite uma ou duas vezes ao ano a paróquia onde há relatório suspeito da presença de hereges. E ali requisite dois ou três homens de reputação, ou se for necessário toda a vizinhança, e os façam jurar que eles não conhecem nenhum herege ali, ou qualquer um que tenha freqüentado reuniões particulares, ou alguém que seja diferente da conversação comum da sociedade, quer na vida ou costumes. Que os façam jurar que ao tomar conhecimento de algum deles devem comunicá-lo ao bispo ou arqui-diácono.

2. Os bispos ou arqui-diáconos deverão convocar perante eles as partes acusadas, que a menos que eles, de acordo com o costume do país, se justifique das acusações que lhes são atribuídas, ou depois de ser justificado, novamente se volver para a sua anterior heresia, devem ser punidos. E se algum deles, por horrível superstição se negar a jurar, isto é suficiente prova para condená-lo como herege e sujeito às punições mencionadas.

Além disso decretamos:

1. Que todos os condes, barões, governadores ou cônsules das cidades e outros lugares, na presença dos respectivos arcebispos e bispos, - devem prometer, que em todos estes particulares, sempre que sejam exigidos executar, que eles ajudarão eficazmente a igreja com o braço do poder militar, para combater todos os hereges e seus adeptos; que se esforçarão fielmente, de acordo com o cargo e poder que possuem, para executar os estatutos eclesiásticos e imperial concernentes aos assuntos aqui mencionados.

2. Mas se alguém se recusar a observar isto, eles devem ser privados de suas honras e cargos, e tornados incapazes de receber outros.

3. Além disso sejam sujeitos a sentença de excomunhão, e

seus bens sejam confiscaos para o uso da igreja.

4. E se alguma cidade recusar prestar obediência a esta Constituição e Decreto, e não atender a exortação episcopal, e negligenciar punir os hereges, - nós decretamos que esta cidade seja excluída de todo comércio com outras cidades, e sejam privados da dignidade episcopal.

Da mesma forma decretamos:

1. Que todos aqueles que favorecem os hereges, sejam estigmatizados como homens de perpétua desonra, incapazes de ser testemunhas, ou de exercer qualquer cargo público.

2. E quanto aqueles que estão fora da lei da jurisdição diocesiana, como estando imediatamente debaixo da jurisdição da Sé Apostólica. Contudo com respeito a esta Constituição contra os hereges, devem eles sujeitar-se ao juízo dos arcebispos e bispos, e que neste caso devem prestar obediência a eles como delegados da Sé Apostólica, não obstante a imunidade de seus privilégios. -- Documento citado por William Jones, em sua História Eclesiástica.

DESCRIÇÃO DAS PERSEGUIÇÕES CONTRA OS VALDENSES NO PERÍODO - DOS ANOS 1.315 A 1487:

E. G. White, comenta:

Durante séculos as igrejas do Piemonte mantiveram-se independentes; mas afinal chegou o tempo em que Roma insistiu em submetê-las... A própria existência deste povo, mantendo a fé da antiga igreja, era testemunho constante da apostasia de Roma, e portanto excitava o ódio e perseguição mais atroes. Sua recusa de renunciar às Escrituras era também ofensa que Roma não podia tolerar. Decidiu-se ela a exterminá-los da Terra. Começaram

então as mais terríveis cruzadas contra o povo de Deus em seus lares montesinos. Puseram-se inquisidores em suas pegadas, e a cena do inocente Abel tombando ante o assassino Caim repetia-se freqüentemente.

Reiteradas vezes foram devastadas as suas férteis terras, destruídas as habitações e capelas, de maneira que onde houvera campos florescentes e lares de um povo simples e laborioso, restava apenas um deserto. Assim como um animal de rapina se torna mais feroz provando sangue, a ira dos sectários do papa acendia-se com maior intensidade com o sofrimento de suas vítimas. Muitas destas testemunhas da fé pura foram perseguidas através de montanhas, e caçadas nos vales em que se achavam escondidas, encerradas por enormes florestas e píncaros rochosos.

Nenhuma acusação se poderia fazer contra o caráter moral da classe proscrita. Mesmo seus inimigos declaravam serem eles um povo pacífico, sossegado e piedoso. Seu grande crime era não quererem adorar a Deus segundo a vontade do papa. Por tal crime, toda humilhação, insulto e tortura que homens ou diabos podiam inventar, amontoaram-se sobre eles. - O Grande Conflito, págs, 61,73.

Wylie, influente historiador Presbiteriano do Século XIX, comenta as primeiras perseguições:

Uma das primeiras datas da história de perseguição deste povo é aproximadamente o ano 1.332, pois o ano não é claramente definido. O papa reinante era João XXII. Este passa desejoso de reassumir a obra do papa Inocêncio III, ordenou que inquisidores fossem enviados para os vales de Lucerna e Perosa, para executar as leis do Vaticano contra aqueles hereges que habitavam aquelas regiões.

Qual foi o sucesso que foi obtido desta expedição não é conhecido. Apenas sabemos que a bula ordenava medidas drásticas contra a florescente condição da igreja valdense, pois argumentavam que Sínodos que o papa chamava de Chapters, eram realizados no Vale de Angrona, nos quais participavam 500 delegados. Isto foi antes de Wicleff iniciar seu ministério na Inglaterra. - Comparar Antoine Monastier, History of the Vaudois Church, p. 121 - com Alexis Muston, Israel of the Alpes, p. 8

*Depois desta data praticamente não houve um papa que não desse preocupante testemunho do grande número e expansão dos valdenses:

1. Em 1.352 encontramos o papa Clemente VI incumbindo o bispo Embrun, com quem ele associa um frade franciscano e inquisidor, para fazerem a purificação daquelas partes próximos a sua diocese que eram conhecidos por terem sido infectados com heresia.

2. Os senhores de terras e prefeitos das cidades foram convidados para ajudá-los.

* Enquanto preocupado com os hereges dos Vales, o papa não esqueceu os hereges mais distantes:

1. O papa apelou para Carlos da França e Louis rei de Nápoles, investigar e punir todos aqueles súditos que se haviam extra

viado da fé.

2. Clemente VI sem dúvida estava fazendo referência às colônias vaudois que naquele tempo sabia-se estar naquela região.

3. A realidade é que a heresia das montanhas valdenses se estenderam para as planícies que se achavam ao pé de suas montanhas, é confirmado por uma carta para Joana, esposa do rei de Nápoles, que dominava as terras no marquisato de Saluzzo, perto dos vales, exigindo-lhe que purificasse de seu território de todos os hereges que alí viviam. - Monastier, p. 123.

4. O zelo do papa todavia foi muito parcamente apoiado pelos senhores seculares. Os homens que eles haviam sido incumbidos a exterminar eram os mais talentosos e pacíficos de seus súditos. E embora esses governantes tinham respeito e obrigações para com o papa, eram naturalmente contrários a esta ordem que eliminaria a parte mais fiel e diligente de seus súditos. Além disso os príncipes daquelas épocas estavam em freqüente guerra uns com os outros, e não tinham tempo de folga ou inclinação para entrar na guerra em favor do papa.

* Portanto os trovões papal algumas vezes não foram sentidos naquelas montanhas nativas e vales dos valdenses, como também:

1. Foram maravilhosamente neutralizados até bem próxima da era da Reforma.

2. Encontramos Gregório XI em 1.373 escrevendo a Carlos V da França, para reclamar que seus oficiais neutralizaram os inquisidores em Dauphine; que aos juízes papais não eram permitidos instituir processos contra os suspeitos sem o consentimento dos juízes civis; que o desrespeito ao tribunal espiritual era algumas vezes levado tão longe a ponto de libertar hereges condenados da

prisão. - Monastier, p. 123.

3. Não obstante esta condescendência - tão culpada aos olhos de Roma por parte dos príncipes e magistrados, os inquisidores fizeram muitas vítimas. Estes atos de violência provocaram a re presália em certas ocasiões por parte dos valdenses. Em 1.375 um convento dominicano foi invadido e o inquisidor morto. Outros dominicanos foram chamados para expiar o rigor que demonstra vam contra os valdenses com sua própria vida. Um inquisidor de Torino é mencionado ter sido morto na estrada perto de Brichera sia. - Monastier, p. 123.

* Então vieram aqueles maus dias para os papas. Primeiro eles foram para Avignon. Depois veio uma calamidade maior - o Cisma. Mas os problemas dos papas não tiveram efeito em subju gar seus corações em relação aos confessores valdenses.

Durante a nebulosa era do cativeiro dos papas e os dias tem- pestuosos do cisma, os papas prosseguiram com o mesmo inflexí vel rigor de sua política de exterminar. Seus editos fulminantes continuaram, e os inquisidores foram encorajados a invadir os va les e perseguir as vítimas. O inquisidor Borelli, levou 150 homens além de grande número de mulheres, moças e mesmo crianças, a Grenoble, onde foram queimados. - Monastier, 124.

A TRAGÉDIA DO NATAL DO ANO, 1400 D.C.

J. A. Wylie, comenta:

Os últimos dias do ano 1.400 testemunharam uma terrível tragédia, cuja memória não foi obliterada e que foi repetida de pais para filhos.

A cena desta catástrofe foi o vale de Pragela, um dos mais

elevados de Perosa, que se abre perto de Pinerolo, e é regado pelo rio Clusone. Era Natal do ano 1.400, e os habitantes não imaginavam nenhum ataque, crendo que estavam suficientemente protegidos pela neve que era espessa na região. Contudo estavam destinados a a experimentar a amarga realidade que a estação rigorosa do inverno não apagou a malícia de seus perseguidores. Borelli, à frente de uma tropa armada, repentinamente irrompeu em Pragelas, com a intenção planejada de exterminar toda a sua população.

Os miseráveis habitantes fugiram apressados para as montanhas, levando nos ombros seus homens idosos, seus doentes, suas crianças, sabendo do destino que os esperava se os deixassem para trás.

1. Na fuga um grande número deles foram alcançados pelos perseguidores e mortos.

2. A noite trouxe-lhes libertação dos perseguidores, mas nenhum livramento dos horrores.

3. A companhia principal dos fugitivos vagueava em direção a Marel, no clima úmido e cheio de neve de São Martino, agora transformado em lodo e neve, onde eles se acamparam no cume, que desde então, em memória do evento, tem sido chamado Albergue ou Refúgio.

4. Sem abrigo e alimentos, e rodeados pela neve, os céus do inverno sobre a cabeça, seus sofrimentos foram sensivelmente grandes.

Quando irrompeu a manhã que doloroso espetáculo foi visto!

1. Alguns do miserável grupo haviam perdido suas mãos e pés congelados.

2. Enquanto que outros eram removidos da neve com os corpos congelados; 50 crianças, outros afirmam serem 80, foram encontradas mortas congeladas, e outras nos braços congelados de suas mães que morreram naquela terrível noite junto com seus filhos. -Histoire Generale des Egleses Evangeliques des Valles de Piemont, ou Vaudoise. Per Jean Leger, p. 6,7. Monastier, págs. 123,124

3. No vale de Pragela, até este dia os pais contam aos filhos a narrativa da tragédia do Natal daquele ano.

PANORAMA DOS ANOS 1.400 - 1.487

O Século que se abriu de maneira tão dolorosa, prosseguiu em meio às contínuas perseguições e execuções dos valdenses. Embora não havendo tais catástrofes como aquela que ocorreu no Natal de 1.400, muitos valdenses foram mortos pelos inquisidores, que sempre estavam no encalço deles, ou sempre que os vaudois (valdenses) se aventuravam a descer para a planície do Piemonte, eram presos e levados para Torino e outras cidades e queimados vivos.

Mas Roma se apercebeu que não tinha êxito e não fazia progressos em exterminar uma heresia que tinha sua sede naqueles montes, e era tão firme quanto antiga.

1. O número dos valdenses não diminuía.

2. Sua constância não era abalada, eles ainda se recusavam a submeter-se à igreja de Roma; enfrentavam todos os editos e inquisidores; todas as torturas e fogueira do grande perseguidor, com uma resistência tão inabalável como as suas rochas diante das tempestades de pedra e neve que os redemoinhos do inverno provocavam

ANO 1.487 - EDITO DO PAPA INOCÊNCIO VIII - CONTRA OS VALDENSES:

Uma Terrível e Aflitiva Perseguição. E. G. White, comenta:

Determinado-se Roma a exterminar a odiada seita, uma bula foi promulgada pelo papa (Inocêncio VIII), condenando-os como hereges e entregando-os ao morticínio. Não eram acusados como ociosos, desonestos ou desordeiros; mas declarava-se que tinham uma aparência de piedade e santidade que seduzia as "ovelhas do verdadeiro aprisco." Portanto ordenava o papa que "aquela maligna e abominável seita de perversos,"caso se recusasse a abjurar,"fosse esmagada como serpentes venenosas."- Wylie.

Esperava o altivo potentado ter que responder por estas palavras? Sabia que estavam registrados nos livros do Céu, para lhe serem apresentadas no juízo? "Quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos," disse Jesus, "a Mim o fizestes." Mt. 25:40.

Essa bula convocava todos os membros da igreja para se unirem à cruzada contra os hereges. Como incentivo para se empenharem na obra cruel, "absolvia a todas as penas e castigos eclesiásticos gerais e particulares; desobrigava todos os que se unissem à cruzada de qualquer juramento que pudessem ter feito; legitimava-lhes o direito a qualquer propriedade que pudessem ter ilegalmente adquirido; e prometia remissão de todos os pecados aos que matassem algum herege. Anulava todos os contratos feitos em favor dos valdenses, ordenava que seus criados os abandonassem, proibia a toda pessoa dar-lhes qualquer auxílio que fosse e a todos permitia tomar posse de suas propriedades." - Wylie. Este documento revela claramente o espírito que o ditou. É o bramido do dragão, e não a voz de Cristo, que nele se ouve.

Os dirigentes papais não queriam conformar seu caráter com a grande norma da lei de Deus, mas erigiram uma norma que lhes fosse conveniente, e decidiram obrigar todos a se conformarem com a mesma porque Roma assim o desejava. As mais horríveis tragédias foram encenadas. Sacerdotes e papas corruptos e blasfemos estavam a fazer a obra que Satanás lhes designava. A misericórdia não encontrava guarida em sua natureza. O mesmo espírito que crucificou a Cristo e matou os apóstolos, o mesmo que impulsionou o sanguinário Nero contra os fiéis de seu tempo, estava em operação a fim de exterminar da Terra os que eram amados de Deus. - O Grande Conflito, pág. 74.

William Beattie, comenta esta terrível perseguição:

Perto do final de Século XV, uma tempestade que há muito tempo havia estado se acumulando sobre esse povo piedoso, irrompeu sobre eles em uma série de perseguições.

Preconceito e superstição, as mais grosseiras calúnias, agora os identificavam como hereges, contra quem seus vizinhos manifestavam o ódio. Roma fulminava seus anátemas. Suas vidas e propriedades ficaram à mercê dos inquisidores. Impossibilitados de todo contato social, denunciados pelos sacerdotes, perseguidos com espias, sobrecarregados com impostos - nada lhes restava, a não ser a pureza de suas consciências, nenhum refúgio a não ser o altar de seu Deus.

Mas a dureza da perseguição parecia apenas aumentar a força e a resolução deles. Embora violência aberta e tramas secretos e os soldados do Estado e assassinos assalariados se unissem para exterminara a raça proscrita e erradicar seu próprio nome dos Vales; embora marcados como as vítimas de massacre indiscriminado, de serem roubados por ordens civis e eclesiásticas, de tor-

tura, extorsão e fome, - sua resolução para perseverar na verdade permaneceu inabalável.

Cada espécie de punição que a crueldade pôde inventar ou a espada podia infligir, exauriu suas energias em vão, - nada pudia subverter sua fé ou subjugar sua coragem. Na defesa de seus direitos naturais como homens; no apego aos seus insultados credos como membros da igreja primitiva; na resistência àqueles editos de extermínio que desolaram suas casas, e destruiria mesmo seus altares com sangue, - os valdenses exibiram um espetáculo de fortaleza e resistência que não tem paralelo na história. Atraiu a simpatia da cristandade e mesmo expressões de admiração de seus inimigos. - Ver os testemunhos dados por Reinerus contra Valdenses; Thuani History; Baronios; ad. Am XII, 127; Comerarius e numerosos outros testemunhos.

Eles preferiram o exílio e confiscação do que negar a verdade. Eles pereceram nas prisões, pela fome e uma série de crueldades que nos comovemos diante de tal espetáculo."Foram apedrejados... andaram peregrinos... homens dos quais o mundo não era digno, errantes pelos desertos, pelos montes, pelos antros da Terra" (Hb. 11:37,38), contudo mantiveram a fé de seus pais.

J. A. Wylie, comenta a tragédia dessa perseguição:

Era o ano 1487. Meditava-se um grande golpe. O processo de purificar os Vales estava enfraquecido.

1. O papa Inocêncio VIII, que então ocupava a cadeira papal, relembrou de seu renomado predecessor, Inocêncio III, que por um ato de sumária vingança havia eliminado a heresia albigense no sul da França.

2. Imitando o rigor de seu predecessor, Inocêncio VIII desejava purificar os Vales do Piemonte tão eficazmente e de modo tão

rápido como Inocêncio III havia feito nas planícies de Dauphine e Provença.

* O primeiro passo dado pelo papa foi a promulgação de uma bula;

1. Denunciando como hereges aqueles a quem ele entregas - se à matança.

2. Esta bula, de acordo com o método de todos estes documentos, foi expresso em termos tão aparentemente santos quanto seu espírito era cruel e inexorável. Não trazia nenhuma acusação contra esses homens, como sendo transgressores de leis, indolentes, desonestos ou desordeiros. A falta deles consistia que eles não adoravam como Inocêncio VIII adorava; e que eles praticavam "uma aparente santidade" que tinha o efeito de seduzir as ovelhas do verdadeiro redil, portanto o papa ordena que:

3. "Aquela abominável e maliciosa seita de malignos"se eles "se recusarem a abjurar, devem ser esmagados como serpentes venenosas." Leger apresenta a Bula em sua íntegra e afirma que havia feito uma cópia fiel dela e de outros documentos na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

* Para levar avante sua bula, o papa Inocêncio VIII apontou Alberto Cataneo, arqui-diácono de Cremona, seu legado, outorgando-lhe a missão de ser o principal condutor desse empreendimento;

1. Além disso fortaleceu a missão de seu legado, enviando cartas em seu nome a todos os príncipes, duques, governantes dentro daqueles domínios onde os Vaudois deviam ser cassados.

2. O papa especialmente escreveu a favor de seu legado para Carlos VIII da França e Carlos II de Savoia, ordenando-lhes que o apoiassem com toda a força de suas armas.

3. A bula convidava a todos os católicos a alistarem-se na cruzada contra os hereges, e para estimulá-los nesta piedosa obra "absolvia-os de todas as penitências e castigos eclesiásticos, públicos e particulares. Legitimava como título de qualquer propriedade que pudessem ter ilegalmente adquirido; e prometia remissão de todos os pecados daqueles que matassem qualquer herege. Anulava todos os acordos feitos em favor dos vaudois e ordenava seus servos a abandoná-los; proibia qualquer pessoa de oferecer-lhes qualquer ajuda, e concedia poderes a toda pessoa apoderar-se de suas propriedades."

4. Estes eram poderosos incentivos -- pleno perdão e liberdade de posse ilegal irrestrita. Despertaram o zelo das populações vizinhas, sempre prontas para demonstrar sua devoção a Roma em derramar o sangue e apoderar-se dos bens dos valdenses.

* O rei da França e o duque de Savoia atenderam à convocação do Vaticano:

1. Rapidamente ergueram suas bandeiras, alistaram soldados para a santa causa, e logo um numeroso exército estava em marcha para as montanhas para massacrar seus habitantes antigos, estes confessores do evangelho puro e incontaminado.

2. Junto com este exército se uniram uma multidão de "voluntários vagabundos" diz Muston, "ambiciosos fanáticos, pilhadores, assassinos sem misericórdia, reunidos de todas as partes da Itália." Muston, Israel of the Alpes, p. 10.

* Antes que todos estes preparativos tivessem sido concluídos, já era o mês de junho de 1.488. A bula papal foi levada a todos os países e a preparação era efetuada de perto e de longe;

1. Pois não era apenas os valdenses das montanhas, mas sobre a raça valdense, em outros países, que este terrível golpe devia

ser dado. - Leger, livro II, pág. 7.

2. Todos os reis foram convidados a desembainhar a espada a favor da igreja na execução de seu propósito de exterminação de seus inimigos.

3. Onde quer que os pés valdenses haviam pisado, o solo estava contaminado, e devia ser purificado; e onde quer que Salmos e orações dos vaudois haviam ascendido, havia uma heresia infecciosa, e ao redor daquele lugar um cordão devia ser posto para proteger a saúde espiritual do distrito.

4. A bula foi assim universal em sua aplicação - e quase o único povo que se achava ignorante eram aqueles pobres homens sobre quem estava terrível tempestade estava para desabar.

"Este exército conjunto somava cerca de 18.000 soldados regulares:

1. A esta força se uniram milhares de espoliadores, que foram atraídos pela promessa de recompensas espirituais e temporais - saques e bens. - Leger, Livro II, p. 26.

2. A divisão piamontesa deste exército se dirigiram para os vales do lado italiano dos Alpes.

3. A divisão francesa, marchando do norte, avançou e atacou os habitantes dos Alpes Dauphinese, onde a heresia albigense, recobrando-se algo de sua força do massacre dos dias de Inocêncio III, começava agora a criar raízes.

4. Duas tempestades, de dois pontos extremos, ou melhor de todos os pontos, aproximavam-se daquelas poderosas montanhas, o santuário e cidadela da primitiva fé. Aquela lâmpada está finalmente para extinguir-se, que durante tantos séculos havia iluminado, e havia sobrevivido a tantas tempestades. A mão poderosa do papa é erguida para a execução do golpe fatal. -- Ver descrição

dos sofrimentos dessa perseguição no comentário de William Be attie.

PASTOR, JEAN LOUIS PASCHALE - SUA EXPERIÊNCIA E MARTÍRIO

Descrito por J. A. Wylie:

Naquele tempo (no Século XVI) havia um jovem ministro em Genebra, um nativo da Itália, e a ele a igreja dos Vales do Pie monte designou para o cargo perigoso mas honroso de ser minis tro permanente na Calábria.

1. Seu nome era Jean Louis Paschale. Era natural de Coni, na planície do Piemonte. Pelo nascimento um romanista e sua pri meira profissão foi a de soldado. Mas de um soldado ele se tornou num sentido mais verdadeiro do que Loyola, um soldado da cruz.

2. Havia apenas completado seus estudos teológicos em Lausanne.

3. Estava noivo de uma jovem piamontese protestante Ca - milla Guerina. - D'Crie, 324. "Alas!" com tristeza ela exclamou, quando ele lhe disse de sua viagem para a Calábria, "tão perto de Roma e tão longe de mim." Eles se separaram e nunca mais se en contraram.

* O jovem ministro levou para a Calábria o espírito energé - tico de Genebra.

1. Sua pregação era com poder.

2. O zelo e coragem do rebanho da Calábria foi reavivado, e a luz que antes estava debaixo do alqueire foi agora posta no velador. O esplendor dessa luz atraiu a ignorância e despertou o fanatismo da região.

3. Os sacerdotes que haviam tolerado a heresia, agora não mais podiam ficar calados.

4. O marquês Spinella que havia sido o protetor destes colonos até aqui, verificando que sua bondade foi mais que recompensada na florescente condição de sua província, foi compelido agora a persegui-los. "Esta coisa terrível, o Luteranismo" lhe foi dito, "chegou e logo destruiria todas as coisas."

* O marquês convocou o pastor e seu rebanho perante ele. Após algumas palavras de Paschale;

1. O marquês despediu os membros da congregação com uma severa repreensão,

2. mas o pastor ele enviou à prisão de Foscalda.

3. O bispo da diocese tomou o assunto em suas mãos e removeu Paschale para a prisão de Cosenza, onde ele ficou confinado oito meses.

* O papa tomou conhecimento do caso, e delegou o cardial Alexandrino, inquisidor geral, para extinguir a heresia no reino de Nápoles. - Monastier, p. 205.

1. Alexandrino ordenou que Paschale fosse removido do castelo de Cozença, e levado para Nápoles. No caminho ele esteve sujeito a muito sofrimento. Preso em cordas junto a uma gangue de prisioneiros. Essas cordas apertadas abriram feridas em sua carne. Esteve nove dias na estrada, dormindo à noite sobre a terra fria. E a sua chegada em Nápoles foi enviado para uma prisão fria e úmida que quase o sufocou. - M'Crie, p. 325.

No dia 16 de maio de 1560, o pastor Paschale foi levado acorrentado para Roma, e posto na prisão na torre de Nona, onde foi posto numa cela não menos imunda daquela que havia ocupado em Nápoles.

Seu irmão Bartolomeu, tendo obtido cartas de recomenda - ção, veio de Coni, para conseguir, se possível uma moderação de seu processo.

1. Foi muito horrível vê-lo com sua cabeça raspada, suas mãos e braços lacerados com pequenas cordas com que estava amarrado. Adiantando-me o abracei e caí no chão. Meu irmão, disse ele, "se és um cristão, por que te entristeces desta forma? Não sabes que não cai uma folha ao chão sem a vontade de Deus? Conforte-se em Jesus Cristo, pois os problemas presentes não se comparam com a glória do porvir?"

Seu irmão, um romanista, ofereceu-lhe metade de sua for - tuna para ele se retratar e salvar sua vida. Contudo, mesmo a sua afeição fraternal não podia demove-lo. "Oh! meu irmão disse ele, "o perigo que estás envolvido me causa mais angústia do que tudo o que tenho sofrido." - M'Crie, págs. 325-327.

* Paschale escreveu a sua noiva, onde minimizou o quadro de seu grande sofrimento, e abertamente expressa a afeição que sentia por ela, que cresce disse ele "com aquilo que eu sinto por Deus."

* Tampouco esqueceu ele seu rebanho na Calábria. Em uma carta que lhes enviou,disse:

1. Minha condição é esta. Sinto uma crescente alegria cada dia, a medida que se aproxima a hora quando eu serei oferecido como um sacrifício agradável ao nosso Senhor Jesus Cristo, meu fiel Salvador. Sim tão grande é a minha alegria que me sinto livre do cativeiro, e eu estou preparado para morrer por Cristo, e não apenas uma vez, mas dez mil vezes se fosse possível.

Contudo, eu persevero em implorar a divina assistência pela oração, pois estou convencido que o homem é uma criatura

miserável quando deixado a si mesmo, e não é sustentado e guiado por Deus." M'Crie, págs, 326,327.

JEAN LOUIS PASCHALE - JULGAMENTO PERANTE O PAPA - SEU TESTEMUNHO E MORTE:

Em Roma, segue avante o processo de julgamento do Pastor Jean Louis Paschale:

1. No dia 8 de Setembro de 1.560, ele foi tirado da prisão e levado para o Convento della Minerva, e citado perante o tribunal papal.

2. Jean Louis Paschale confessou seu Salvador, e com semblante sereno que seus juízes não estavam acostumados, ele ouviu a sentença de morte, que foi executada no dia seguinte, (9 de Setembro de 1560).

3. No cume do monte Janiculum, reuniu-se uma vasta multidão de testemunhas para o espetáculo. O sino faz soar agora sua desolada melodia, como querendo dizer a todos os habitantes: "Que Roma está assentada como rainha."Podia-se ver o gigantesco Coliseu, outrora palco do derramamento de sangue dos primitivos cristãos. Podia-se ver o Palatino, outrora a polícia que dirigia o mundo, agora em ruínas. Perto, brilhando como o sol do meio dia, está a orgulhosa cúpula da igreja de São Pedro, de um lado está o edifício da inquisição e do outro o dique de Adriano, e abaixo o rio Tiber continuava o seu curso.

Mas por que Roma guarda os dias santos? Por que faz soar os sinos? Eis que em cada rua e praça multidões são convocadas e se reúnem, cruzam a ponte de St. Angelo, e pressionando os portões da antiga fortaleza, a multidão entra.

4. Entrando na sala de julgamento do antigo castelo há um espetáculo imponente. Autoridades, Dignidades e grandezas! No centro está colocada uma cadeira ergue-se a autoridade e dignidade sobre o trono de reis. O pontífice Pio IV, tomou o seu lugar, e ele determinou estar presente na tragédia do dia. Atrás de sua cadeira em vestimenta de escarlate estão seus cardiais e conselheiros, com muitas outras autoridades e dignidade, assentados em círculos, de acordo com o lugar a eles destinados na corporação papal. Atrás dos eclesiásticos estão sentados, em filas, a nobreza e influentes personagens de Roma.

O átrio do tribunal de St. Angelo está densamente ocupado. Todo o espaço preenchido por cidadãos, que vieram para ver o espetáculo.

No centro da multidão e acima das cabeças, pode ser visto um palanque, e um poste de fogueira, ao lado muitas tochas. Qualquer movimento é percepitível.

5. Alguém está entrando. O momento seguinte ouve-se uma tempestade de risadas e escárnios. É claro que a pessoa que acaba de entrar é objeto de controvérsia e repulsa geral. As pesadas cadeias revelam a sobrecarga imposta ao corpo. Ele é ainda jovem. Mas sua face está pálida com grande sofrimento. Ele ergue os olhos e com fisionomia serena contempla a vasta multidão, e o resplendor do aparato que foi preparado, esperando sua vítima. Paschale então senta-se com calma e coragem. Seus olhos refletem a luz serena de uma paz profunda e imperturbável. Sobe o patíbulo e permanece ao lado da fogueira.

6. Todos os olhos agora volvem-se não para aquele que está usando a tiara, mas para o homem que está vestido com vestes próprias de herege.

7. "Bom povo" diz o mártir - e toda a assembléia silencia. "Vim aqui para morrer por confessar a doutrina de Meu Divino Mestre e Salvador Jesus Cristo."

Então voltando-se para o papa Pio IV, Jean Paschale o apresenta como o inimigo de Cristo, o perseguidor de Seu povo, o anti-Cristo mencionado nas Escrituras; e concluiu convocando ao papa e a todos os seus cardiais para responder por suas crueldades e matança de inocentes perante o trono do Cordeiro.

"Quando disse estas palavras" diz o historiador Crespin, "as pessoas foram profundamente movidas, e o papa e os cardiais rangiam seus dentes." - Crespin, Hist. des Martyres, págs 506-516

* Os inquisidores receberam rapidamente o sinal. Os executores se aproximaram e o rodearam, acenderam as tochas, as chamas da fogueira rapidamente reduziram seu corpo a cinzas. O papa havia cumprido sua tarefa.

* Assim morreu, Jean Louis Paschale, o missionário valdense e pastor do rebanho da Calábria:

1. Suas cinzas foram coletadas e lançadas no rio Tiber, e pelo Tiber alcançou o Mediterrâneo. E esta foi a sepultura do pregador mártir, cujo nobre testemunho e coragem perante o próprio papa acrescentou um esplêndido testemunho para a causa protestante.

2. O tempo pode consumir o mármore, violência ou guerra pode arruinar o monumento. Mas os caracteres justos das fiéis testemunhas acham-se imortalizados nos livros do Céu. Estes santos serão ressuscitados e receberão a coroa da vida.

3. Mas a sepultura no profundo do oceano aonde as cinzas do pastor Paschale foram lançadas é o mais nobre mausoleu do que jamais foi erguido por Roma a qualquer um dos seus pontífices.

12 DE SETEMBRO DE 1.532 - OS VALDENSES SE UNEM À IGREJA REFORMADA DA SUÍÇA:

No início do Século XVI, os valdenses do Piemonte achavam-se grandemente deprimidos e reduzidos em virtude da terrível perseguição movida contra eles algumas décadas atrás, no tempo do papa Inocêncio VIII. De seus vales vislumbraram o raiar de um novo dia para o evangelho, no grande e maravilhoso reavivamento da Reforma Protestante, e eles se alegraram. Escreveram aos Reformadores, e com palavras singelas, reconheceram que uma nova fase estava começando para a igreja de Cristo, chamada para ser depósitária da verdade.

Comba, historiador, comenta:

Quando o sol da Reforma surgiu, a luz valdense ainda estava resplandescendo, se bem que não tão fulgurante, e na presença deste novo sol, a luz valdense parecia estar quase que apagada. Morel, pastor valdense, testifica desta simplicidade como de criança, e uma jubilosa expectação que relembra os profetas do passado:"Sejam bem vindos! Bendito seja o Senhor" ele escreveu para o Reformador em Basiléia: "Chegamos a vós de um país distante, com corações plenos de alegria, na esperança e certeza que, através de vós o Espírito Santo nos iluminará." Comba, pág. 159.

Froom, comenta:

Tendo tomado conhecimento da Reforma na Suíça e Alemanha, os Vaudois do Piemonte se regozijaram no retorno deste grande grupo para a Palavra de Deus, e se apressaram a obter informações à respeito deles.

1. Em 1526 eles enviaram o barbe Martin, de Luserna, que trouxe alguns livros impressos dos Reformadores.

2. Em 1530 eles enviaram outra delegação para manter um diálogo com os Reformadores em Basiléia e Strasburg, apresentando em latim uma declaração de suas crenças e práticas.

3. Tiveram várias e extensas conferências com Oecolampadius, Bucer e outros, fazendo-lhes muitas perguntas quanto a posição dos Reformadores e regozijando-se nas respostas evangélicas que foram apresentados.

4. Em 1532, dois anos depois da Confissão de Augsburg, um grande Sínido ou Assembléia de seis dias foi realizada em Chamforans, no piamontese vale de Angrona no qual estiveram presentes representantes dos valdenses da Itália e França, e pelos representantes protestantes da Suíça - Farel, Olivetan e Saunier, que se regozijaram que o Israel dos Alpes havia-se mostrado fiel ao seu encargo.

5. Esta reunião das duas igrejas - a antiga e a nova - trouxe um refrigério e esperança aos valdenses.

James McCabe, comenta:

Escrevendo sobre esta Assembléia, ele diz:

Assim o tempo passou até que a Reforma dispontou no mundo. Os Vaudois ficaram bem contentes a este despertamento da mente humana. Eles entraram em correspondência com os reformadores em várias partes da Europa e enviaram alguns dos seus barbes para diálogo.

Os Reformadores por sua parte, admitiram a antigüidade dos princípios vaudois e a pureza de sua fé, e trataram a igreja da montanha com o maior respeito.

Em 12 de Setembro de 1532, uma Assembléia de Sínodo foi realizada em Angrona. Estiveram presentes um grande número de representantes das igrejas Reformadas da França e Suíça. Entre

eles estava William Farel da França... Ele manifestou o maior interesse nas cópias de manuscritos da Bíblia que os Vaudois haviam preservado desde os tempos mais antigos, e ao seu pedido toda a Bíblia foi traduzida para o francês, e enviada como um presente dos Vaudois para a igreja da França. -- McCobe, Cross and Crown, p. 37.

A CONDIÇÃO DOS VALDENSES, NO ANO - 1630

Um século depois de estarem ligados ao sistema de fé protestante da Suíça, os valdenses absorveram muito das virtudes dos reformadores protestantes, e também foram afetados pelo espírito de conformidade em relação à doutrina, que moldava o caráter dos protestantes daquela época. Como disse o pastor puritano aos peregrinos que estavam para embarcar para os Estados Unidos. Ele os exortou para que se mantivessem em uma relação de aliança com Deus; que Deus tinha ainda mais luz para o Seu povo; e que eles não deviam ser afetados com os mesmos erros dos luteranos e calvinistas de seu tempo (cerca do ano 1612), que não iam além da compreensão da verdade alcançados pelos grandes reformadores, Lutero e Calvino. A exemplo dos luteranos e calvinistas, também os valdenses foram afetados pelo conformismo à teoria da fé recebida.

Mosheim, comenta:

Os descendentes dos valdenses que viviam encerrados nos vales do Piemonte foram levados por sua proximidade da França e Genebra a aceitar suas doutrinas e cultos. Contudo eles conservaram muitas de suas antigas regras de disciplina, até o ano 1630.

Nesse ano a maior parte dos valdenses foram dizimados

pela pestilência, e seus novos pregadores que obtiveram da França, regularam seus assuntos de acordo com o modelo da Igreja Reformada Francesa. - Mosheim, Institutes of Ecclesiastical History; Livro 4, pág. 25

O GRANDE MASSACRE, - 25 DE JANEIRO DE 1655

Os valdenses sofreram perseguições nos anos 1534 e 1560, 1561, mas seus inimigos foram rechaçados. Quase um século de pois um grande massacre quase que exterminaria os valdenses do piemonte.

Froom comenta:

Por um edito autorizado pelo duque de Savoy, que era também príncipe dos vales do Piemonte, de 25 de Janeiro de 1655:

1. Todos os valdenses foram exigidos de se tornarem católicos ou abandonar suas propriedades e deixar a melhor porção de seus vales dentro de poucos dias sob penas de morte -- e insto terrível inverno dos Alpes.

2. Em 17 de abril, 15000 das tropas de Pianozzo marcharam para os vales, e no dia 24 começaram as terríveis atrocidades: Massacres, torturas e escravidão era o terrível destino. As batalhas continuaram nos meses de maio, junho e julho, quando um exército de 18000 investiram contra La Torre. O grande monte Castelluzzo estando à entrada dos vales, com sua base coberta com florestas, e seu pico uma massa de pedra, tinha uma caverna bem a sua frente, na qual centenas de valdenses se refugiaram, apenas para ser caçados pelos perseguidores e lançados do terrível precepício. Assim Castelluzzo tornou-se um grande monumento dos mártires valdenses.

Clintock e Strong, comentam:

Em 1655 a perseguição irrompeu novamente, e se todos os Estados protestantes não tivessem intervindo, um completo exterminio dos valdenses teria sido o resultado. - Cyclopedia, art. waldenses

Ocorreram terríveis massacres, inacreditáveis atos de perfídia, vilas queimadas, crianças tiradas de suas mães e lançadas nas rochas, multidões de fugitivos dirigindo-se às fronteiras - tais revoltantes atos como estes seguiram-se um após outro.

"Milhares de hereges, velhos mulheres e crianças, foram enforcados, esquartejados, esmagados nas rochas, queimados vivos e suas propriedades confiscadas para o benefício do Rei e da Santa Se." - Thompsom, The Papacy and the Civil Power, pag. 416

O governo inglês sob a administração de Cromwell intervém, buscando mediar uma solução. Sir. Samuel Morland como representante oficial do governo britânico, visita os vales:Suas palavras são comoventes:

A descrição de Morland da situação:

Ele visitou os vales e viu a situação com seus próprios olhos e escreveu ao duque de Savoia em um poderoso apelo que inclui estas palavras:

Os anjos estão surpreendidos com horror! os homens espantados! O próprio Céu parece chocado com o choro de homens morrendo. E a própria Terra envergonhada, sendo descolorida pelo sangue de tantas inocentes pessoas! Não haverás Tu oh! Altíssimo Deus de vingar tão grande impiedade! Que o Teu sangue oH! Cristo, lave este sangue.

João Milton, o poeta - um poema desse massacre:

Vinga, oh! Senhor a matança de Teus santos, cujos ossos

acham-se espalhadas sobre as frias montanhas alpinas; Sim eles que guardaram a Tua verdade tão pura da antigüidade, enquanto nossos pais adoravam pedras. Lembra-Te continuamente, em Teu Livro de Registro de suas agonias, esses que eram Tuas ovelhas, e em seu antigo redil; esses que foram mortos pelos sanguinários piamonteses que lançaram mães e crianças que foram despedaçados nas rochas. Os gemidos, dos vales ecoando para as colinas e das colinas para o Céu. O sangue dos mártires e suas cinzas estão ainda nos campos italianos, por causa do tríplice tirano: para que possam frutificar cem por um, e exortar aqueles que aprenderam Teu caminho, a fugir dos ais de Babilônia o mais depressa possível.

William Beattie, descrição do massacre e exílio:

Eles preferiam o exílio e confiscação do que negar a verdade. Eles pereceram nas prisões, pela fome e por uma série de crueldades que nos comovemos diante de tal espetáculo.

Quando finalmente eles foram expulsos de seus lares e expostos aos horrores do frio dos Alpes, onde muitos morreram, e muitos sofreram sobre seus amigos que expiravam. O remanescente ainda se consolava com o pensamento de que exilados e mártires, mas não apóstatas! Assim eles se sentiam - pois nenhuma outra coisa podia sustentá-los sob tão grande miséria, do que o sentimento de que embora muitos houvessem selado seu testemunho com seu sangue, uma mão invisível os estava ainda guiando para cima, e que a época da restauração havia de chegar: "Eram perseguidos mas não esquecidos; derribados mas não destruídos."

Estes expatriados remanescentes, que conseguiram escapar, foram alegremente recebidos pelos Estados Protestantes da Suíça, Alemanha e Holanda; onde as histórias das perseguições que o

povo valdense sofreu por séculos - despertou a caridade fraternal nesses países. Aqui eles foram recebidos com braços abertos, respeitados como homens, adotados como cidadãos, honrados por sua fé e integridade.

Que Precioso Legado de Perseverança na Fé e na Perseguição nos foi deixado pelos Valdenses!

E. G. White, comenta:

As perseguições desencadeadas durante muitos séculos sobre este povo temente a Deus, foram por eles suportadas com uma paciência e constância que honravam seu Redentor. Apesar das cruzadas contra eles e da desumana carnificina a que foram sujeitos, continuavam a mandar seus missionários a espalhar a preciosa verdade. Eram perseguidos até à morte, contudo, seu sangue regava a semente lançada, e esta não deixou de produzir fruto. Assim os valdenses testemunharam de Deus, séculos antes do nascimento de Lutero. Dispersos em muitos países, plantaram a semente da Reforma que se iniciou no tempo de Wiclef, cresceu larga e profundamente nos dias de Lutero, e deve ser levada avante até ao final do tempo por aqueles que também estão dispostos a sofrer todas as coisas pela "Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo."Apc. 1:9. O Grande Conflito, pág. 75

CAPÍTULO 8

CARÁTER - FÉ - DOUTRINA DOS VALDENSES

*UM POVO PECULIAR, ZELOSO E DE BOAS OBRAS;
*A LÂMPADA DA VERDADE ACESA POR MIL ANOS;
*DEPOSITÁRIA DOS TESOUROS DA VERDADE.

OS VALES VALDENSES - UM REFÚGIO, ESCOLA E IGREJA

A perseguição, apostasia dos cristãos nominais e o desejo de adorar a Deus em conformidade com os ensinos das Escrituras, impeliu os fiéis a fugir para lugares isolados, o deserto, predito na profecia. Deus mesmo preparou um lugar para Sua igreja, para que fosse sustentada - nutrida com as puras verdades ensinadas por Cristo e pelos apóstolos, e estivesse separada das corruptoras influências dos dogmas e tradições humanas que predominavam no mundo cristão (Apc. 12:6,14).

Os vales do Piemonte foram por séculos a habitação dos valdenses - um lugar de refúgio contra as perseguições; uma esco

la onde as faculdades físicas,mentais e morais pudessem se desenvolver em harmonia com os princípios e objetivos da verdadeira educação cristã; um lugar onde adoravam a Deus na beleza de Sua santidade, e onde a verdade que foi entregue aos santos fosse preservada como sagrado depósito.

A região do Piemonte deriva seu nome das circunstâncias de estar localizada ao pé dos Alpes - uma prodigiosa cadeia de montanhas, as mais elevadas da Europa, e que divide a Itália da França, Suíça e Alemanha. Acha-se localizada cerca de 45 quilômetros de Torino.

Os vales valdenses são sete em número. O primeiro é Luserna, ou Vale da Luz, e tem cerca de 20 Km de comprimento e 3 Km de largura. Ali acha-se Torre Pelici, e a região é adornada com vinhas e acácias e uma parede de grandes montanhas.

O segundo é Rora, ou Vale de Neblina. É um vasto campo, 75 Km de circunferência, com plantações abundantes de milho, pomares, onde são avistadas abundantes árvores de florestas, muitas delas cobertas de neve.

O terceiro é Angrona, ou Vale das lágrimas.

Para além dos limites desses três vales encontram-se a formação dos outros quatro. Estes últimos são circundados com grandes montanhas que formam uma parede de defesa em todo o território. Cada vale é uma fortaleza, tendo sua própria entrada de ingresso e saída, formando lugares de refúgio e abrigo, que o mais sábio engenheiro jamais podia idealizar.

Vistos em conjunto cada um desses vales acha-se relacionado ao outro, um abrindo dentro do outro, que forma uma fortaleza de extraordinária e inigualável força. A morada dos valdenses entre as montanhas do Piemonte é de extraordinária beleza e explen-

dor.

Estes vales são regados por numerosas torrentes dos picos dos montes.Extensas áreas de pastos, vales de trigo dourados, árvores frutíferas, nogueiras, pastores guiando o rebanho, aves e animais selvagens, o pôr-do-sol, o arco-íris, - tudo revela um esplendor pouco igualados em qualquer região da Terra.

A região do Piemonte é uma extensa área de ricos e frutíferos vales, rodeados de montanhas e novamente circundados com montanhas mais elevadas, cortado por rios profundos e de águas correntes, - exibindo um grande contraste a beleza e a fartura de um lado, e precipícios e penhascos, lagos grandes de gelo, e estupendas montanhas de neves que não se derretem, por outro lado.

Toda a região é cheia de colinas, montanhas e vales, - cortadas pelos quatro rios principais, ou seja, o Pó, o Tanaro, o Estura e o Dora. Além destes, cerca de vinte oito riachos grandes ou pequenos, que se espalham em diferentes regiões, contribuem para a fertilidade dos vales, tornando-os à semelhança de um jardim regado.

OS VALES DO PIEMONTE, UM LUGAR ESCOLHIDO POR DEUS PARA O SEU POVO, PARA A PRESERVAÇÃO DA FÉ E DAS VERDADES DAS ESCRITURAS EM SUA PUREZA:

Samuel Morland, comenta:

Estes vales, especialmente o de Angrona, São Martins, por sua localização são fortemente protegidos pela própria Natureza, tendo muitas entradas difíceis, baluartes de rochas e montanhas, como se o Criador houvesse destinado aquele lugar como um cofre onde pudesse guardar algumas preciosas jóias, ou seja, reser-

var milhares de pessoas que não dobrariam seus joelhos diante de Baal.

Bompiani, comenta:

Encerrados nos vales das montanhas, os valdenses preser - varam as doutrinas e práticas, enquanto os habitantes das planícies da Itália estavam diariamente se afastando da verdade. --

Mc. Crie, comenta:

O supremo Arquiteto formou esses vales, estabelecendo seu fundamento profundo na Terra e erguendo bem alto o seu baluarte. O Criador o armazenou com alimento, colocou Suas testemunhas ali, e os exortou a manter sua cidadela montanhosa inviolável, e sua lâmpada da verdade sempre a arder.

Leger, comenta:

Nosso Deus Eterno destinou esta região para ser o teatro de Suas maravilhas, o cofre de Sua arca, e pela própria natureza física, um lugar fortificado de maneira esplêndida.

J. A. Wylie, comenta:

Nestas fortalezas de montanhas, a Providência preparou um refúgio para os dias maus. Parece ter sido formado para este propósito. Aqui o remanescente da primitiva igreja apostólica da Itália acendeu sua lâmpada, e aqui a lâmpada continuou a arder por toda aquela longa e tenebrosa noite que sobreveio à cristandade.

E. G. White, comenta:

Por trás dos elevados baluartes das montanhas - em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos - os valdenses encontraram esconderijo. Ali, conservou-se a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé. - O Grande Conflito, p.

62

Nesses vales as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, foram exemplificadas. Ali o verdadeiro modelo da obra pastoral resplandeceu; ali, o livro da natureza, com suas lições de fé e perseverança foram estudados por grandes e pequenos; ali, os preciosos escritos da Bíblia, por eles traduzidos na própria língua, eram copiados e posteriormente introduzidos nos lares de pessoas famintas pela verdade; ali, os jovens desenvolveram suas faculdades intelectuais, tendo como fundamento a Palavra de Deus, a vida simples e árdua do trabalho do campo, e o respeito aos seus pais e pastores; ali, foi um centro missionário, como Iona nos tempos de Columba, Wittemberg nos tempos de Lutero e Melancton, e Genebra nos tempos de Calvino - onde missionários eram formados e enviados às diversas regiões da Itália e Europa; ali, foi preservado como sagrado depósito, o tesouro da verdade; ali, os dogmas e tradições introduzidas pela igreja romana foram resolutamente rejeitados; ali, manifestou-se entre os elos que formam a estrutura e a força da igreja, um relacionamento harmônico, entre pais e filhos; entre pais, jovens e pastores; e entre pastores e jovens - resultando na conservação dos princípios e costumes e convicções da verdade através de gerações e séculos. Em resumo: "Ali, conservou-se a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé."

O SÁBADO - E A IGREJA NO DESERTO

A longa noite de trevas que pairou sobre o mundo cristão sob a influência cativante dos dogmas, festas e tradições da igreja

romana, foi tão forte e extensa, - que mesmo na gloriosa luz da Reforma do Século XVI, que restaurou um grande número de verdades do evangelho primitivo - que a santidade do sábado como dia de repouso indicado no mandamento da lei de Deus, como o verdadeiro dia do Senhor, não foi percebido nem compreendido pelas igrejas reformadas.

À medida que a mudança da observância do dia do sábado para o domingo era imposta aos cristão em todo o mundo, a partir da época de Constantino,e por algum tempo genuínos cristãos tementes a Deus "fossem gradualmente levados a considerar o domingo como possuindo certo grau de santidade, ainda mantinham o verdadeiro sábado como o dia santo do Senhor, e observavam-no em obediência ao quarto mandamento." - O Grande Conflito, pág. 50. Nas muitas congregações e grupos dos novatianos espalhados em todas as províncias romanas durante os séculos IV e V, - a verdade do sábado foi preservada.

Por todo o período da Idade Escura, "muitos cristãos acreditavam na perpetuidade da lei de Deus e observavam o sábado do quarto mandamento. Igrejas que se mantinham nesta fé e prática, existiram na Africa Central e entre os armênios, na Ásia." Idem, p. 60.

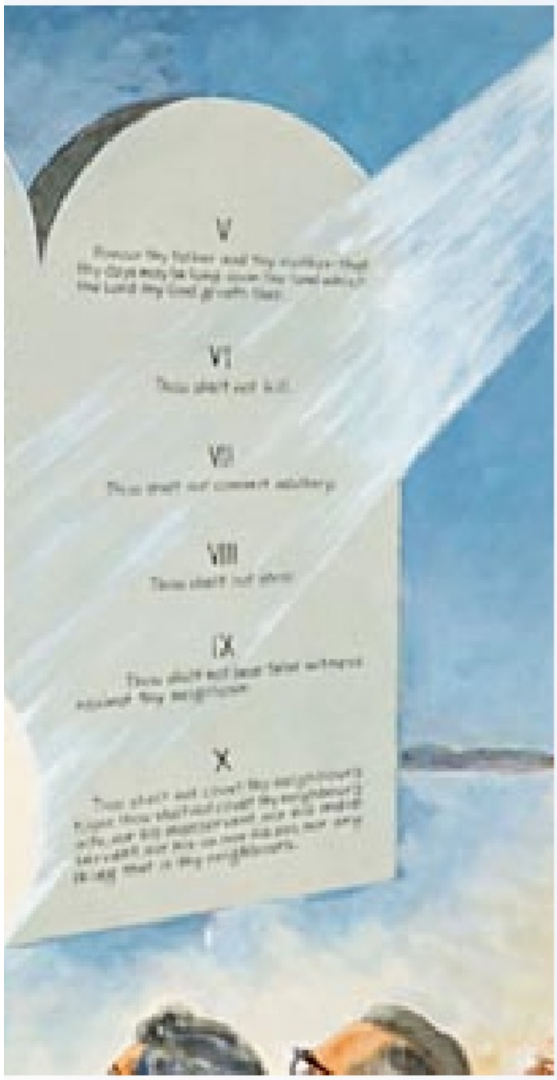
Do Centro Missionário de Iona, a luz do verdadeiro dia de repouso foi preservada por Columba e seus colaboradores. "Entre estes evangelistas encontrava-se um observador do sábado bíblico, e assim esta verdade foi introduzida entre o povo. Estabeleceu-se uma escola em Iona, da qual saíram missionários, não somente para a Escócia e Inglaterra, mas para a Alemanha, Suíça e mesmo para a Itália." - Idem, p. 59. Estes missionários enviados a tantos lugares distantes, ajudaram a preservar o respeito e a observância do

sábado durante quase trezentos anos - nos Séculos VII, VIII, IX.

Quando Roma começou a pressionar mais fortemente o re - gião do Piemonte para que se submetessem aos ritos da Sé Roma na, levando muitos vizinhos dos valdenses a aceitar a cobertura de Roma, então os valdenses se refugiaram no interior das montanhas, e preservaram a fé primitiva, diz o historiador J. A. Wylie. Quando Roma insistiu em submeter as igrejas do Piemonte, e alguns de seus dirigentes cederam,houve uma separação. Os valdenses estavam "decididos a manter sua fidelidade a Deus, e preservar a pureza da fé. Houve separação. Os que se apegaram à antiga fé, retiraram-se; alguns, abandonando os Alpes nativos, alçaram a bandeira da verdade em terras estrangeiras; outros se retraíram para os vales afastados e fortalezas das montanhas, e ali preservaram a liberdade de culto a Deus." - O Grande Conflito, 61- Esses valdenses que foram a terras estrangeiras, e aqueles que se retraíram para os vales mais afastados, continuaram a preservar a memória do sábado.

"Entre as principais causas que levaram a verdadeira igreja a separar-se de Roma, estava o ódio desta ao sábado bíblico... As igrejas que estavam sob o governo do papado, logo foram compelidas a honrar o domingo como dia santo. No meio do erro e superstição que prevaleciam, muitos, mesmo dentre o verdadei

ro povo de Deus, ficaram tão desorientados que ao mesmo tempo em que observavam o sábado, abstinham-se do trabalho também no domingo... Durante séculos de trevas e apostasia, houve alguns dentre os valdenses que negavam a supremacia de Roma, rejeitavam o culto às imagens e guardavam o verdadeiro sábado." Idem, págs, 61,62



"Nos anos 1500, declara Erasmo, estes boêmios não apenas guardavam o sábado, mas eram chamados sabatistas." - Cox, the Literature of the Sabath Question, págs. 201,202.

Portanto a verdadeira observância do sábado não se perdeu totalmente entre os valdenses. A Reforma do Século XVI, gloriosa em muitos aspectos, não compreendeu a luz que resplandece do sábado, e a restauração do sábado, predita em Isaías 58:12,13, é parte do evangelho eterno que deve ser pregado em nossos dias. É uma característica do povo de Deus hoje (Apc.14:12); é o sinal de identificação que aceitamos os privilégios e condições do concerto (Ez. 20:12,20); deve ser guardado e santificado em harmonia com os requisitos mencionados em Isaías 58:12,13.

OS VALDENSES - ZELO PELA LEI DE DEUS

A tática de Roma de obliterar e destruir todo vestígio de dissidência de suas doutrinas e decretos - tudo que fosse herético,

quer pessoas quer escritos, é testificada por muitos historiadores, como Morland, S. V. Bompiani, E. G. White, e muitos outros.

Muitos escritos e tratados anteriores ao ano 1100, perderam-se nas muitas perseguições sofridas pelos valdenses através dos séculos. Alguns tratados da época de 1100, 1120 foram recuperados nas visitas feitas pelo enviado oficial do governo inglês à região do Piemonte logo após o grande massacre do ano 1655. Visitando a região ele resgatou muitos escritos srcinais dos valdenses, que ele levou para a Inglaterra, e estão depositados na biblioteca da Universidade de Cambridge.

Entre estes tratados estão sermões, poemas históricos e doutrinários, explicações do Pai Nosso e dos Dez Mandamentos, explicações dos artigos de fé, exortação ao arrependimento e ao temor de Deus, explicação sobre as obras do anti-Cristo, etc. A leitura dos títulos das obras srcinais preservadas durante o mas - sacre de 1655, e o exame desses escritos revelam que os valdenses enfatizavam a importância da lei, do arrependimento e contrição, da fé e piedade singela,da temperança e da separação dos profanos costumes do mundo, de ser um cristão ligado a Deus em concerto de submissão e obediência ao Pai, Filho e Espírito Santo, etc.

TÍTULOS DE ESCRITOS ORIGINAIS DOS VALDENSES RESGATADOS POR MORLAND, EM 1655-1658, E DEPOSITADOS NA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE:

1. O Temor do Senhor
2. O anti-Cristo e suas obras
3. Explicação da Oração do Pai Nosso
4. Explicações de diversas passagens dos Evangelistas e

Apóstolos

5. Frases dos Antigos relacionadas ao arrependimento
6. Tratado concernente a punição do pecado
7. Tratado concernente as alegrias do Paraíso
8. Uma carta a todos os fiéis
9. Poema intitulado Consolação
10. Sermões com claras instruções para os fiéis
11. Poema a Nobre Lição
12. Explicação dos Dez Mandamentos
13. Tratado sobre vícios e pecados mortais
14. Tratado concernente aos dons do Espírito Santo
15. Tratado concernente às 4 virtudes fundamentais
16. Tratado concernente à riqueza e à graça
17. Vários sermões de textos das Escrituras
18. Várias exortações para confessar pecados uns aos outros e a Deus
19. Um sermão sobre o Temor de Deus
20. Um tratado sobre Tribulação
21. Tratado sobre sofrimento e perseverança
22. Comentários breves sobre: O Evangelho de Mateus; Lucas Cap. 1; O Evangelho de João; Atos dos Apóstolos; Primeira Epístola aos Coríntios; Epístola aos Gálatas; aos Efésios; aos Filipenses; Primeira Epístola aos Tessalonicenses; Segunda Epístola a Timóteo; Hebreus Cap. 11; Primeira e Segunda Epístola de Pedro.

TRATADO - EXPLICAÇÃO DOS DEZ MANDAMENTOS:

Adam Blair, comenta:

Entre os documentos que temos dos valdenses, uma Expli -

cação dos Dez Mandamentos, datada por Boyer no ano 1120. Contém um compêndio de moralidade cristã. Supremo amor a Deus é proclamado, e é condenado recorrer à influência dos planetas e feiticeiros. Os males da adoração a Deus por meio de imagens e ídolos, são apontados.Um solene juramento para confirmar qualquer coisa duvidosa é permitido, mas o juramento profano é condenado. A observância do sábado, terminando todo trabalho secular. Aplicação na vida cristã na prática de boas obras; a edificação do caráter através da oração e o ouvir a Palavra de Deus, são enfatizados. - Blair, History of the Valdenses, vol. 1. pág. 220.

E. G. White, comenta:

Deus providenciou para Seu povo um santuário de majestosa grandeza, de acordo com as extraordinárias verdades confiadas à sua guarda. Para os fiéis exilados, eram as montanhas um emblema da imutável justiça de Jeová. Apontavam eles a seus filhos as alturas sobranceiras, em sua imutável majestade, e falavam-lhes dAquele em quem não há mudança nem sombra de variação; cuja Palavra é tão perdurável como os montes eternos. Deus estabeleceu firmemente as montanhas e as cingira de fortaleza; braço algum, a não ser o Poder infinito poderia movê-las do lugar. De igual maneira estabelecera Ele a Sua lei - fundamento de Seu governo no Céu e na Terra. O braço do homem poderia atingir a seus semelhantes e destruir-lhes a vida; mas esse braço seria impotente para desarraigar as montanhas de seu fundamento e precipitá-las no mar, como para mudar um preceito da lei de Jeová ou anular qualquer de Suas promessas aos que Lhe fazem a vontade. Na fidelidade para com a Sua lei, os servos de Deus deviam ser tão firmes como os outeiros imutáveis.

As montanhas que cingiam os fundos vales eram testemu -

nhas constantes do poder criador de Deus e afirmação sempre infalível de Seu cuidado protetor. Esses peregrinos aprenderam a amar os símbolos silenciosos da presença de Jeová. Não condescendiam com murmurações por causa das agruras da sorte; nunca se sentiam abandonados na solidão das montanhas. Agradeciam a Deus por haver-lhes provido refúgio da ira e crueldade dos homens. Regozijavam-se diante dEle na liberdade de prestar culto. Muitas vezes, quando perseguidos pelos inimigos, as fortalezas das montanhas se provara ser defesa segura. De rochedos elevados entoavam eles louvores a Deus e os exércitos de Roma não podiam fazer silenciar seus cânticos de ações de graças. - O Grande

Conflito, págs 62,63.

OS VALDENSES - MODELO DE FIEL EDUCAÇÃO NO LAR

E. G. White, comenta:

Pura, singela e fervorosa era a piedade desses seguidores de Cristo. Os princípios da verdade , avaliavam-nos eles acima de casas e terras, amigos, parentes, e mesmo da própria vida. Semelhantes princípios ardorosamente procuravam eles gravar no coração dos jovens. Desde a mais tenra infância os jovens eram instruídos nas Escrituras, e ensinava-lhes a considerar santos os requisitos da lei de Deus. Sendo raros os exemplares das Escrituras, eram suas preciosas palavras confiadas à memória. Muitos eram capazes de repetir longas porções tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Os pensamentos de Deus associavam-se ao sublime cenário da Natureza e às humildes bênçãos da vida diária. Criancinhas aprendiam a olhar com gratidão a Deus como o Doador de toda mercê e conforto.

Os pais, ternos e afetuosos como eram, tão sabiamente amavam os filhos que não permitiam que se habituassem à condescendência própria. Esboçava-lhes diante deles, uma vida de privações e agruras, talvez a morte de mártir. Eram ensinados desde a infância a suportar rudezas, a sujeitar-se ao domínio, e contudo a pensar e agir por si mesmos. Muito cedo eram ensinados a suportar responsabilidades, a serem precavidos no falar e a compreenderem a sabedoria do silêncio. Uma palavra indiscreta que deixassem cair aos ouvidos dos inimigos, poderia pôr em perigo não somente a vida do que falava, mas a centenas de seus irmãos; pois, semelhantes a lobos à caça da presa, os inimigos da verdade perseguiam os que ousavam reclamar liberdade para a fé religiosa. - O Grande Conflito, págs, 63,64.

OS VALDENSES - MODELO DE ECONOMIA E TRABALHO

E. G. White, comenta:

Os valdenses haviam sacrificado a prosperidade temporal por amor à verdade, e com paciência perseverante labutavam para ganhar o pão. Cada recanto de terra cultivável entre as montanhas era cuidadosamente aproveitado; fazia-se que os vales e as encostas menos férteis das colinas também produzissem. A economia e severa renúncia de si próprio formavam a parte da educação que seus filhos recebiam como seu único legado. Ensinava-se-lhes que Deus determinara fosse a vida uma disciplina e que suas necessidades poderiam ser supridas apenas mediante o trabalho pessoal, previdência, cuidado e fé. O processo era laborioso e fatigante, mas salutar, precisamente o de que o homem necessita em seu estado decaído - escola que Deus proveu para seu ensino e desenvolvi-

mento. Enquanto os jovens se habituavam ao trabalho e aspereza, a cultura do intelecto não era negligenciada. Ensinava-se-lhes que todas as suas capacidades pertenciam a Deus, e que deveriam todas ser aperfeiçoadas e desenvolvidas para o seu serviço. - O Grande Conflito, pág, 64.

OS VALDENSES - MODELO DE ZELO PELA BÍBLIA

E. G. White, comenta:

Satanás incitara sacerdotes e prelados a enterrarem a Palavra da verdade sob a escória do erro, heresia e superstição; mas de modo maravilhoso foi ela preservada incontaminada através de todos os séculos de trevas. Não trazia o cunho do homem, mas a impressão divina. Os homens se tem demonstrado incansáveis em seus esforços para obscurecer o claro e simples sentido das Escrituras, e fazê-las contradizerem seu próprio testemunho; porém, semelhante a arca sobre as profundas águas encapeladas, a Palavra de Deus leva de vencida as borrascas que a ameaçavam de destruição. Assim como tem a mina ricos veios de ouro e prata ocultos por sob a superfície, de maneira que todos os que desejem

descobrir os preciosos depósitos devem cavar, assim as Escrituras Sagradas tem tesouros de verdade que são revelados unicamente ao ardoroso, humilde e devoto pesquisador. Deus destinara a Bíblia a ser um compêndio a toda a humanidade, na infância, juventude e idade madura, devendo ser estudada através de todos os tempos. Deu Sua Palavra aos homens como revelação de Si mesmo. Cada nova verdade que se divisa é uma nova revelação do caráter de Seu Autor. O estudo das Escrituras é o meio divinamente ordenado para levar o homem a mais íntima comunhão com seu Criador e dar-lhe mais claro conhecimento de Sua vontade. É o meio de comunicação entre Deus e o homem....

Os valdenses foram os primeiros dentre os povos da Europa a obter a radução das Escrituras. Centenas de anos antes da Reforma, possuíam a Bíblia em manuscrito, na língua materna. Tinham a verdade incontaminada, e isto os tornava objeto especial de ódio e perseguição...

...Desde a mais tenra infância os jovens eram instruídos nas Escrituras, e ensinava-se-lhes a considerar santos os requisitos da lei de Deus... De seus pastores recebiam os jovens instrução. Conquanto se desse atenção aos ramos dos conhecimentos gerais, fazia-se das Escrituras Sagradas o estudo principal...

Para os valdenses não eram as Escrituras simplesmente um registro do trato de Deus para com os homens do passado e a revelação das responsabilidades e deveres do presente, mas o desvendar dos perigos e glórias do futuro. Acreditavam que o fim de todas as coisas não estava muito distantes; e, estudando a Bíblia com oração e lágrimas, mais profundamente se impressionavam com suas declarações e com o dever de tornar conhecidas a outras as suas verdades salvadoras. Viam o plano da salvação claramente

revelado nas páginas sagradas e encontravam conforto, esperança e paz crendo em Jesus. Ao iluminar-lhes o entendimento e ao alegrar-lhes ela o coração anelavam derramar seus raios sobre os que se achavam nas trevas do poder papal. -- O Grande Conflito, págs. 66, 62, 63, 65, 69.

O PREFÁCIO DE OLIVETAN, PRIMO DE CALVINO, À TRADUÇÃO DA BÍBLIA NA LÍNGUA FRANCESA, DOS ORIGINAIS DOS MANUSCRITOS DA BÍBLIA TRADUZIDA DOS VALDENSES:

Durante o sínodo de 1532, examinando os manuscritos do Antigo e Novo Testamento no vernacular Romaunt, os representantes protestantes da França e Suíça, pediram que toda Bíblia pudesse ser dada a França por meio de uma tradução impressa. A isto os Vaudois concordaram, pois seus próprios livros estavam em manuscritos.

Pierre Robert, chamado Olivetan - um dos delegados da Suíca - para supervisionar a tradução. Para esta finalidade ele se refugiou a uma remota vila nos vales.

PREFÁCIO DA BÍBLIA FRANCESA, POR OLIVETAM - 3/junho/1535:

Traduções de livros importantes são dedicados a príncipes, reis, imperadores e monarcas, ou algum governante. A Bíblia, o Sagrado Tesouro, dedicada àqueles que desejam compreender o propósito divino. Me deram a incumbência de revisar a tradução feita do hebraico e do grego, deste precioso tesouro.

1. A Ti ó Deus, nos deixastes a voz e Palavra da Verdade e

Vida - a Palavra de Deus que dura para sempre;

2. Pela Tua Palavra tens enriquecido o pobre, outorgado felicidade ao desafortunado, aconselhado o que se acha em solidão, removido as dúvidas, protegido o que se acha em perigo, acalmado as tormentas da vida, tens honrado os Teus servos, tens prosperado aqueles que te amam mesmo nas adversidades, tens avivado os pobres de espírito;

3. Aceita, portanto, te peço, ó pobre pequena igreja esta dádiva que eu te ofereço em nome daquele pobre povo, os valdenses, que habitam nos vales do Piemonte. Não nos envergonhamos de vos apresentar tal dádiva real.

Olivetan e seu primo Calvino:

Estava em Paris um primo de Calvino, que se havia unido aos reformadores. Os dois parentes muitas vezes se encontravam, e juntos discutiam as questões que estavam perturbando a cristandade. "Não há senão duas espécies de religião no mundo"dizia o protestante Olivetan. Uma é a espécie de religião que os homens inventaram, e em todas as quais o homem se salva por cerimônias e boas obras; a outra é a religião que está revelada na Escritura Sagrada e ensina o Homem a esperar pela salvação unicamente da livre graça de Deus. - E. G. White, O Grande Conflito, págs, 217,218.

JOVENS VALDENSES - EXEMPLO DOS JOVENS QUE INGRESSAM NAS UNIVERSIDADES

E. G. White, comenta:

Conquanto os valdenses considerassem o temor do Senhor como o princípio da sabedoria,não eram cegos no tocante à importância do contato com o mundo do conhecimento dos homens e

da vida ativa, para expandir o espírito e avivar as percepções. De suas escolas nas montanhas alguns dos jovens foram enviados a instituições de ensino nas cidades da França ou Itália, onde havia campo mais vasto para o estudo, pensamento e observação, do que nos Alpes nativos. Os jovens assim enviados estavam expostos à tentação, testemunhavam o vício, defrontavam-se com os astutos agentes de Satanás, que lhes queria impor as mais sutis heresias e os mais perigosos enganos. Mas sua educação desde a meninice fora de molde a prepará-los para tudo isto.

Nas escolas aonde iam, não deveriam fazer confidentes a quem quer que fosse. Suas vestes eram preparadas de maneira a ocultar seu máximo tesouro - os preciosos manuscritos das Escrituras. A estes, fruto de meses e anos de labuta, levavam consigo e, sempre que o podiam fazer sem despertar suspeita, cautelosamente punham uma porção ao alcance daqueles cujo coração parecia aberto para receber a verdade. Desde os joelhos da mãe a juventude valdense havia sido educada com este propósito em vista; compreendiam o trabalho, e fielmente o executavam. Ganhavam-se conversos à verdadeira fé nessas instituições de ensino, e frequentemente se encontravam seus princípios a penetrar a escola toda; contudo os chefes papais não podiam pelo mais minucioso inquérito descobrir a fonte da chamada heresia corruptora. - O Grande Conflito, 67

J. A. Wylie, comenta:

Depois de passar um certo período na Escola dos barbe, não era raro para os pobres valdenses prosseguirem seus estudos nas grandes cidades da Lombardia ou irem à Sorbonne de Paris. Ali eles viam outros costumes, estudavam outras matérias, e obtinham um horizonte mais amplo do que nos seus nativos vales. --

E. G. White, comenta:

De seus pastores recebiam os jovens instrução. Conquanto se desse atenção aos ramos dos conhecimentos gerais, fazia-se da Escritura Sagrada o estudo principal. Os evangelhos de Mateus e João eram confiados à memória, juntamente com muitas das epístolas. Também se ocupavam em copiar as Escrituras. Alguns manuscritos continham a Bíblia toda, outros apenas breves excertos, a que algumas simples explicações do texto eram acrescentados por aqueles que eram capazes de comentar as Escrituras. Assim se apresentavam os tesouros da verdade durante tanto tempo ocultos pelos que procuravam exaltar-se acima de Deus.

Mediante pacientes e incansáveis labores, por vezes nas profundas cavernas da Terra, à luz de archores, eram copiadas as Escrituras Sagradas, versículo por versículo, capítulo por capítulo. Assim a obra prosseguia, resplandecendo, qual ouro puro, a vontade revelada de Deus; e quanto mais brilhante, clara e poderosa era por causa das provações que passavam por seu amor, apenas o poderiam compreender os que se achavam empenhados em obra semelhante. Anjos celestiais circundavam os fiéis obreiros. - O Grande Conflito, págs, 66,67.

Henderson comenta:

Os valdenses multiplicavam cópias da Escritura Sagrada na língua então falada pelo povo. - The Vaudois, págs, 248,249.

Bompiani, comenta:

A Bíblia formava a base para o culto congregacional, e as crianças eram ensinadas a memorizar e as crianças eram ensinadas a memorizar largas porções das Escrituras. - A Short History

of the Italian Valdenses, pág, 2.

Muston, comenta:

Os pastores valdenses, chamados barbes, eram uma classe erudita. Sociedades de jovens eram formadas com o objetivo de memorizar as Escrituras. Cada membro desta piedosa associação era encarregado com o dever de cuidadosamente preservar em sua memória um certo número de capítulos, e quando se reuniam em torno de seu ministro, estes jovens podiam recitar todos os capítulos do livro que seu pastor lhes havia incumbido. - The Israel of the Alpes, vol. 1. pág. 52

J. A. Wylie, comenta:

Os jovens se assentavam aos pés dos mais piedosos e eruditos de seus barbes.

1. Usavam como livro texto as Escrituras Sagradas. Eles não somente estudavam o sagrado volume ,era-lhes também requerido memorizar e serem capazes de recitar todos os Evangelhos e Epístolas.

2. Era um dever necessário da parte dos instrutores publicar, naqueles séculos quando não era conhecida a imprensa, e quando a Palavra de Deus era rara.

3. Parte do tempo era ocupado em transcrever as Escrituras Sagradas, ou porções delas, que eles deviam distribuir quando saíssem como missionários. Foi por esse meio que as sementes da Palavra de Deus foi espalhada através de toda a Europa muito mais extensamente do que em geral se supõe.

4. Para isto uma variedade de causas contribuíram: Havia então uma impressão geral de que o fim estava próximo. As pessoas pensavam que viam os prognósticos da ruína do mundo nas desordens em que todas as coisas haviam caído. O orgulho, luxo,

corrupção do clero, levou muitos leigos a buscar melhores guias que haviam tido. Muitos dos troubadores eram homens religiosos e suas vidas eram sermões. A hora de profunda e universal sonolência tinha passado. O servo contendia com seu senhor pela liberdade pessoal. As cidades faziam guerra com os castelos dos barões pela independência civis.

O Novo Testamento juntamente com porções do Antigo Testamento, surgindo nesta conjuntura em uma língua compreendida tanto na corte como no campo, na cidade como no distrito rural, - foi bem aceita por muitos, e suas verdades obtiveram uma maior promulgação do que havia ocorrido desde a publicação da

Vulgata de Jerônimo

OS VALDENSES - SUA FÉ, DOUTRINA E PREGAÇÃO

E. G. White, comenta:

Para os valdenses não eram as Escrituras simplesmente o registro do trato de Deus para com os homens no passado e a revelação das responsabilidades e deveres do presente, mas o desvendar dos perigos e glórias do futuro.

1. Acreditavam que o fim de todas as coisas não estava muito distante; e , estudando a Bíblia com oração e lágrimas, mais profundamente se impressionavam com suas preciosas declarações e do dever de tornar conhecidas a outros as suas verdades salvadoras.

2. Viam o plano da salvação claramente revelado nas páginas sagradas e encontravam conforto, esperança e paz crendo em Jesus. Ao iluminar-lhes a luz o entendimento e ao alegrar-lhes ela o coração, anelavam derramar seus raios sobre os que se achavam

nas trevas do erro papal.

3. Viam que sob a direção do papa e sacerdotes, multidões debalde se esforçavam por obter perdão afligindo o corpo por causa do pecado da alma. Ensinados a confiar nas boas obras para se salvarem, estavam sempre a olhar para si mesmos, ocupando a mente com a sua condição pecaminosa, vendo-se expostos à ira de Deus, afligindo alma e corpo, não achando, contudo, alívio. Almas conscienciosas eram, destarte, enredadas pelas doutrinas de Roma. Milhares abandonavam amigos e parentes, passando a vida nas celas e conventos. Por meio de freqüentes jejuns e cruéis açoitamentos, por vigílias à meia noite, prostrando-se durante horas cansativas sobre as lajes frias e úmidas de sua lúgubre habitação, por longas peregrinações, penitências humilhantes e terrível tortura, milhares procuravam baldadamente obter paz de consciência. Oprimidos por uma intuição de pecado e perseguidos pelo temor da ira vingadora de Deus, muitos continuavam a sofrer até que a natureza exausta se rendia e, sem um resquício de luz ou esperança, baixavam à sepultura.

Os valdenses ansiavam por partir a estas almas famintas o pão da vida, revelar-lhes as mensagens de paz das promessas de Deus e apontar-lhes a Cristo como a única esperança de salvação. Tinham por falsa a doutrina que as boas obras podem expiar a transgressão da lei de Deus. A confiança nos méritos humanos faz perder de vista o amor infinito de Cristo. Jesus morreu como sacrifício pelos homens porque a raça caída nada pode fazer para se recomendar a Deus. Os méritos de um Salvador crucificado e ressurgido são os fundamentos da fé cristã. A dependência da alma para com Cristo é tão real, e sua união a Ele deve ser tão íntima como a do membro para com o corpo, ou da vara para com a vide.

4. Os ensinos dos papas e sacerdotes haviam levado os homens a considerar o caráter de Deus, e mesmo o de Cristo, como severo, sombrio e repelente. Representava-se o Salvador tão destituído de simpatia para com o homem em seu estado decaído, que devia ser invocada a mediação de sacerdotes e santos. Aqueles cuja mente fora iluminada pela Palavra de Deus, anelavam guiar estas almas a Jesus, como seu compassivo e amante Salvador que permanece de braços estendidos a convidar todos a irem a Ele com seu fardo de pecados, seus cuidados e fadigas. Almejavam remover os obstáculos que Satanás havia acumulado para que os homens não pudessem ver as promessas e ir diretamente a Deus, confessando os pecados e obtendo perdão e paz.

5. Ardorosamente desvendava o missionário valdense as preciosas verdades do evangelho ao espírito inquiridor. Citava com precaução as porções cuidadosamente copiadas da Sagrada Escritura. Era a sua máxima alegria infundir esperança à alma conscienciosa e ferida pelo pecado, e que tão somente podia ver um Deus de vingança, esperando para executar justiça. Com lábios trêmulos e olhos lacrimosos, muitas vezes com joelhos curvados, expunha a seus irmãos as preciosas promessas que revelam a única esperança do pecador. Assim a luz da verdade penetrava muita alma obscurecida, fazendo recuar a nuvem lúgubre até que o Sol da Justiça resplandecesse no coração, trazendo saúde em seus raios. Dava-se amiúde o caso de alguma porção das Escrituras ser lida várias vezes, desejando o ouvinte que fosse repetida, como se quisesse assegurar-se de que tinha ouvido bem. Em especial se desejava, de maneira ávida, a repetição destas palavras: "O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado." 1 João 1:7. "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assimimporta que o

Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna."João 3:14,15.

6. Muitos não se iludiam com relações às pretensões de Roma. Viam quão vã é a mediação de homens ou anjos em favor do pecador. Raiando-lhes na mente a verdadeira luz, exclamavam com regozijo:"Cristo é meu Sacerdote; Seu sangue é meu sacrifício; Seu altar é meu confessionário. "Confiavam inteiramente aos méritos de Jesus, repetindo as palavras: "Sem fé é impossível agradar-Lhe."Hebreus 11:6. "Nenhum outro nome há, entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." Atos 4:12.

A certeza do amor de um Salvador parecia, a algumas destas pobres almas agitas pela tempestade, coisa por demais vasta para ser abrangida. Tão grande era o alívio que sentiam, tal era a inundação de luz que lhes sobrevinha, que pareciam transportadas ao Céu. Punham confiantemente suas mãos na de Cristo; firmavam os pés na Rocha dos séculos. Bania-se todo temor da morte. Podiam agora ambicionar a prisão e a fogueira se desse modo honrasse o nome de seu Redentor.

Em lugares ocultos era a Palavra de Deus apresentada e lida, algumas vezes a uma única alma, outras, a um pequeno grupo que anelava a luz e a verdade. Amiúde a noite inteira era passada desta maneira. Tão grande era o assombro e admiração dos ouvintes que o mensageiro de misericórdia freqüentemente se via obrigado a cessar a leitura até que o entendimento pudesse apreender as boas-novas da salvação. Era comum proferirem-se palavras como estas:"Aceitará Deus em verdade a minha oração?" Lia-se a resposta:"Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei." Mateus 11:28.

A fé se apegava à promessa, ouvia-se a alegre resposta:"Nada

mais de longas de longas peregrinações; nada de penosas jornadas aos relicários sagrados. Posso ir a Jesus como estou, pecador e ímpio, e Ele não desprezará a oração de arrependimento. "Perdoados te são os teus pecados.' Os meus pecados, efetivamente os meus pecados.'"

Enchia-se uma onda de sagrada alegria, e o nome de Jesus era engrandecido em louvores e ações de graças. Estas almas felizes voltavam para casa a fim de difundir a luz, repetir a outros, tão bem quanto podiam, a nova experiência, de que acharam o Caminho verdadeiro e vivo. Havia um estranho e solene poder nas palavras das Escrituras, que falava diretamente ao coração dos que se achavam anelantes pela verdade. Era a voz de Deus e levava convicção aos que ouviam...

7. Declaravam ser a igreja de Roma a Babilônia apóstata do Apocalipse, e com perigo de vida erguiam-se para resistir a suas corrupções... Durante séculos de trevas e oposição, houve alguns entre os valdenses que negavam a supremacia de Roma, rejeitavam o culto às imagens e guardavam o verdadeiro sábado. Sob as mais atrozes tempestades da oposição conservaram a fé. Acossados embora pela espada dos saboianos e queimados pela fogueira romana, manifestaram-se sem hesitação ao lado da Palavra de Deus e de Sua honra. - E. G. White, O Grande Conflito, págs, 69-72,62.

Boyler, comenta:

8. Os valdenses foram iluminados com os brilhantes raios do evangelho desde os primeiros séculos:

* Eles nunca introduziram imagens ou altares em suas igrejas;

* Nunca invocaram anjos ou santos;

* Nunca creram em um purgatório;

* Nunca reconheceram outro Mediador a não ser Jesus Cristo, outro mérito, a não ser Sua morte;

* Nunca aceitaram a doutrina da missa, da confissão auricular, da imposição de jejuns, do celibato dos sacerdotes, da doutrina da transubstanciação;

* Antes eles sempre sustentaram as Escrituras Sagradas como perpétua regra de fé, e não recebiam ou criam em qualquer coisa exceto o que as Escrituram ensinam;

* E sua doutrina sempre foi a mesma. E isto é comprovado pelos escritos que foram preservados das chamas que reduziram suas casas e igrejas em cinzas.

* Entre estes escritos em sua própria língua, acha-se o poema a Nobre Lição, datada no ano 1100, que apresenta regras do viver santo. Igualmente foi encontrado um Manual de Instrução das doutrinas da religião cristã, de acordo com a Palavra de Deus e sem qualquer mistura de tradição, também da mesma época. Uma explicação do Pai Nosso, no ano 1120, e uma explicação do Credo dos Apóstolos com algumas passagens das Escrituras explicando cada artigo. Também um tratado sobre uma explicação resumida dos Dez Mandamentos, e um pequeno livro intitulado, As Obras do anti-Cristo.

9. Um documento católico do ano 1398 mostra os valdenses da Áustria como repudiando noventa e dois pontos de doutrina e prática da igreja católica, incluindo os seguintes itens:

* Eles crêem que sua autoridade para pregar vem apenas de Deus, e não do papa ou de qualquer bispo católico;

* Eles crêem que são os representantes e legítimos sucessores dos apóstolos de Cristo;

* Eles condenam a igreja romana porque do tempo do papa

Silvestre adquiriu e conservou posses seculares;

* Eles crêem que a bendita Virgem e outros santos não devem ser invocados.

* Eles negam o purgatório, e repudiam sem valor as vigílias, missas, orações e intercessão pelos mortos, beijar relíquias, peregrinações, indulgências e excomunhões.

* Eles crêem que o papa é a cabeça e srcem de todos os hereges .

* Eles crêem que não há nenhuma santidade na consagração de igrejas, água benta, ramos de palmeira abençoados, cinzas, velas, etc.

* Eles denunciam o papa por enviar cruzadas para combater os muçulmanos.

10. Na confissão de fé dos valdenses de 1508, sobre o ponto da divindade, eles explicam, no artigo III:

Que Deus é conhecido pela fé nas Escrituras ser um quanto a substância da Divindade, e Três Pessoas, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ensinam que quanto as Pessoas são distintos, mas quanto a essência e substância há igualdade. A Divindade acha-se empenhada na obra da Criação, Redenção e Santificação.

11. Com referência ao arrependimento, no artigo V, eles explicam:

Ser o arrependimento aquilo que vem do conhecimento do pecado, que através da lei primeiro desperta a consciência com tristeza e temor. Pois pela Palavra de Deus eles são convencidos inteiramente do pecado, e a mente torna-se sensível com referência à má consciência, torna-se inquieta, cheia de contrição e ansiedades. O coração acha-se contrito e quebrantado, de formas que um homem por si mesmo por meio não se pode erguer ou alcançar

conforto. Sente-se aflito, seu espírito treme diante do santo Deus, cuja lei foi transgredida. Assim como disse Davi: "Não há saúde em minha carne por causa da minha transgressão, nem há repouso em meus ossos por causa do meu pecado. Sou como um miserável, quebrantado, e lamento durante todo o dia.

Eles ensinam que o pecador, estando assim aflito, não deve se desesperar. Deve antes retornar a Deus de todo o coração, pela em Cristo. É parte essencial do arrependimento apoderar-se da misericórdia, manifestando contrição pelo fato de haverem pecado. Pois embora estejam carecidos de justiça, podem contudo implorar pela Divina graça e misericórdia, para que Deus tenha misericórdia deles, que perdoe seus pecados pelos méritos de Cristo, que por nossa causa se fez pecado para que pudesse satisfazer a justiça de Deus e reconciliar-nos com Ele.

12. No Poema: NOBRE LIÇÃO, escrito no ano 1100, temos muitos ensinamentos claros sobre fé e doutrina dos valdenses. O Poema de 479 linhas transborda com princípios, regras, fé e doutrinas da fé cristã, tais como:

* A Divindade - Pai, Filho e Espírito Santo, envolvidas na obra da redenção;
* A queda do homem;
* A redenção mediante a graça divina;
* A encarnação de Cristo, ressurreição e ascensão ao Céu;
* A imutabilidade do Decálogo como foi dado por Deus;
* O livre arbítrio, e a necessidade da graça divina para produzir boas obras;
* A necessidade da santificação na vida cristã progressiva;
* A obra do Espírito Santo;
* A Palavra de Deus como regra de fé e vida;

* A pregação do evangelho; o dia do juízo, a recompensa dos salvos e a vida eterna.

Este magnífico poema, escrito por pessoas evidentemente bem esclarecidas nos ensinos das Escrituras, era destinado para ser lido nas congregações para instrução do povo na sã doutrina, em oposição aos dogmas que prevaleciam no cristianismo tradicional:

"Oh! irmãos prestai atenção a uma Nobre Lição. Devemos sempre vigiar e orar. pois vemos o mundo aproximar-se do fim; devemos esforçar-nos para realizar boas obras, ao observarmos que o fim deste mundo se aproxima. Já se passaram mil e cem anos completos desde que foi escrito: Irmãos, estamos nos últimos dias."

J. A. Wylie, comenta:

Este credo eles se apegavam e exemplificavam na vida as virtudes do evangelho. A pureza dos valdenses tornou-se um provérbio, de tal forma que um valdense era identificado quando não apresentando algumas das corruptas características daquele tempo. Na Nobre Lição tem a seguinte passagem: "Se há um homem honesto, que deseja amar a Deus e temer a Jesus Cristo, que não engana e faz juramento, nem mente, comete adultério, não mata e rouba, nem se vinga a si mesmo de seus inimigos, - eles prontamente dizem que é um vaudois, e digno de morte."

Froom, comenta:

Todo o conteúdo deve ser lido, mas três trechos são suficientes como ilustração da importância doutrinária do poema:

* O Poema declara que depois do apóstolos alguns pregadores "que mostraram o caminho de Jesus "haviam continuado "mesmo até o tempo presente" - semqualquer sugestão ou menção

de uma redescoberta ou reavivamento. Aqui também os valdenses são mencionados por nome. Esses evangélicos protestantes eram perseguidos sob o termo de Vaudés: "Eles dizem que tal pessoa é um Vaudes e é digna de castigo. E eles encontram argumentos mediante enganos e mentiras, de se apoderar daquilo que os vaudes alcançaram mediante seu justo trabalho."

* A grande apostasia é datada de Silvestre e seu espúrio oferecimento de perdão, no trecho: "Todos os papas desde Silvestre até o presente, e todos os cardeais, e todos os bispos, e todos os abades, e mesmo todos eles juntos, não possuem poder ou são habilitados de perdoar um único pecado. Deus apenas pode perdoar e nenhum outro pode fazê-lo."

* Quanto ao anti-Cristo, o ouvinte é exortado "a estar vigiando... para que não desse ouvidos a sua pregação e obras. Muitos sinais e maravilhas ocorrerão deste tempo até o dia do juízo. Os céus e a Terra arderão e todos os viventes morrerão. Então todos os justos serão ressuscitados para a vida eterna, e cada edifício será destruído. Então ocorrerá o juizo final, quando Deus há de separar Seu povo."

13. No Tratado sobre o ANTI-CRISTO, escrito no ano 1120, - o papado é claramente mencionado como o anti-Cristo e a grande Babilônia do Apocalipse. As principais obras do anti-Cristo são descritas. Destacamos quatro argumentos apresentados, que revelam a compreensão de fé e doutrina dos valdenses:

* A segunda obra do anti-Cristo é que ele rouba de Cristo de Seu mérito, juntamente com toda a Sua suficiente graça, da justificação,da regeneração, remissão de pecados, santificação, confirmação e nutrição espiritual. O anti-Cristo imputa e atribui essas graças à sua autoridade, a uma fórmula de palavras, por eles mes

mos criadas - aos santos e suas intercessões, ao fogo do purgatório. O anti-Cristo separa o povo de Cristo, guiando-o para longe das graças do Céu, para que eles não procurem a Cristo, nem olhem para Ele, mas que procurem essas graças mediante as obras criadas pelo anti-Cristo, e não por uma fé viva em Deus, ou em Jesus Cristo, ou do Espírito Santo, - mas sim pela vontade e métodos criados pelo anti-Cristo, de acordo como prega, que toda salvação consiste em suas obras.

* A terceira obra do anti-Cristo consiste nisto: Que ele atribui a regeneração do Espírito Santo a uma obra exterior morta, batizando crianças naquela fé, ensinando desta forma que o batismo e regeneração devem ser assim alcançados. Portanto outorga santidade e poder intrínsico aos sacramentos, e deposita nisto todo o seu cristianismo, que é contrário ao Espírito Santo.

* A sétima obra do anti-Cristo é que ele governa e mantém sua unidade, não pelo Espírito Santo, mas pelo poder secular, e faz uso do poder secular para impôr assuntos espirituais.

* A oitava obra do anti-Cristo é que ele odeia, persegue, caça, rouba e destrói os membros de Cristo.

14. No Tratado - A Antiga Disciplina das Igrejas Valdenses. No Artigo IV temos um precioso Manual de instrução religiosa, repleto de ensinamentos sobre fé e doutrina, que ilustra os princípios de doutrina dos valdenses - chamado MANUAL DE INTRUÇÃO PARA OS JOVENS.

Nesse Manual, os pastores dos valdenses, chamados barbes, formulavam perguntas aos jovens sobre fé e doutrina ensinado-lhes a seguir o verdadeiro ensino da Bíblia sobre o assunto mencionado. Nesse método de perguntas e respostas, os jovens aprendiam a verdade e também como se defender dos erros dou-

trinários. Prestemos atenção aos diferentes temas sobre a fé evangélica abordados nessas perguntas e respostas, que demonstram claramente os fundamentos da crença valdense.

Para melhor visualização, as respostas que os jovens deviam dar estão em itálico:

*- Se alguém lhe perguntar quem é você, qual seria a tua resposta? - Uma criatura de Deus, racional e mortal.

*- Por que Deus te criou? - Para o propósito para que eu possa conhecê-lO e servi-lO, e ser salvo por Sua graça.

*- No que consiste vossa salvação? - Em três virtudes essenciais.

*- Quais são elas? - Fé, Esperança e Caridade.

*- Como podes provar isto? - O apóstolo Paulo escreveu em 1 Coríntios 13:"Agora permanece fé, esperança e caridade, estas três.

*- O que é fé? - De acordo com o apóstolo Paulo em Hebreus 11:1:"É a substância das coisas que se esperam, e a certeza das coisas que não se vêem."

*- Quantas espécies de fé existem? - Há duas espécies, ou seja, fé viva e fé morta.

*- O que é fé viva? - É aquela fé que opera por amor.

*- O que é fé morta? - De acordo com Tiago é aquela fé sem obras. Ele diz que a fé é sem valor sem as obras; ou a fé é morta quando se crê que há um Deus, se crê a respeito de Deus, mas não se crê nEle para a salvação.

*- Qual é a sua fé? - É a genuína fé apostólica.

*- O que significa isto? O que inclui esta fé? - Significa e inclui tudo o que se acha no credo dos apóstolos e que é dividido em 12 artigos.

*- Quais são eles? - Eu creio em Deus o Pai todo Poderoso.

*- De que modo podes saber que você crê em Deus? - Por isto eu sei; pela observância de Seus mandamentos.

*- Quantos são os mandamentos de Deus? - Dez, como apontados em Êxodo e Deuteronômio.

*- Quais são eles? - "Ouça oh! Israel, Eu Sou o Senhor Teu Deus. Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás imagens de esculturas... etc.

*- Qual é a suma destes mandamentos? - Consiste nestes dois grandes mandamentos, ou seja: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

*- Qual é o fundamento destes mandamentos, pelo qual cada pessoa pode entrar na vida, e sem este fundamento ninguém pode fazer qualquer coisa digna, ou cumprir os mandamentos? - É o Senhor Jesus Cristo, de quem o apóstolo fala em 1 Coríntios: "Nenhum outro fundamento pode ser posto, que é Jesus Cristo."

*- Por que meios pode uma pessoa chegar a este fundamento? - Pela fé, como explicado por Pedro:"Eis que ponho em Sião uma pedra Angular, eleita, preciosa, e aquele que crê nele não será confundido."1 Pe. 2:6. E Jesus disse:" Aquele que crê tem a vida eterna.

*- Como podes saber que crês? - Por isto: Que eu sei ser Cristo verdadeiro Deus, e verdadeiro homem,que nasceu e sofreu pela minha redenção e justificação. E que eu O amo e desejo cumprir Seus mandamentos.

*- Por que meios pode alguém atingir aquelas virtudes essenciais; fé esperança e caridade? - Pelos dons do Espírito Santo.

*- Deves tu crer no Espírito Santo? - Sim, eu creio. Pois o Espírito Santo procede do Pai e do Filho e é uma Pessoa da Divin-

dade e é igual ao Pai e ao Filho.

*- Tu crês em Deus o Pai, Deus o Filho, e Deus o Espírito Santo: tens portanto três Deuses? - Não tenho três Deus.

*- Sim, porque nomeastes três. - Isto para diferencias as Pessoas, e não com referência a essência da Divindade. Pois embora são Três Pessoas, no entanto há apenas uma essência.

*- Em que sentido prestas culto e adoras Aquele Deus em quem crês - E O adoro mediante uma adoração interior e exterior. Exteriormente, ajoelhando-me, erguendo minhas mãos, curvando-me em reverência, por hinos e cânticos espirituais, por jejum e oração. Mas interiormente, mediante uma santa afeição:- por uma vontade que se submete em todas as coisas que são agradáveis a Ele. Eu O sirvo pela fé, esperança e caridade, de acordo com o Seu mandamento.

*- Adoras tu ou veneras qualquer outra coisa como Deus? - Não.

*- Por quê? - Porque Seu mandamento é muito claro e diz:"Adorarás ao Senhor Teu Deus, e somente a Ele o servirás."E novamente:"Não darei minha glória a nenhum outro."E novamente diz:"Como Eu vivo, diz o Senhor cada joelho há de se dobrar perante Mim."E Jesus disse:"Os verdadeiros adoradores de Deus o adoram em Espírito e em verdade." E o anjo não permitiu ser adorado nem por João nem por Pedro ou por Cornélio.

*- De que maneira fazes tua oração? - Oro, repetindo a oração que foi ensinada por Cristo: "Pai nosso que estás no Céu...

*- Qual é a outra virtude essencial que pertence a salvação? - É a caridade.

*- O que é caridade? - É o dom do Espírito Santo pelo qual a pessoa é reformada na vontade, sendo iluminada pela fé, pela qual

eu creio em tudo o que deve ser crisdo e espero em tudo o que deve ser esperado.

*- O que crês a respeito da igreja? - A verdadeira igreja compõe-se dos que aceitam o chamado da graça de Deus através dos méritos de Cristo e são reunidos pelo Espírito Santo. A igreja considerada com referência ao seu ministério, é o grupo de ministros de Cristo, juntamente com o povo entre aos seus cuidados, usando esse ministério pela fé, esperança e caridade.

*- Por quais maneiras se conhece a igreja de Cristo? - Pelos pastores corretamente ordenados e pelo povo que coopera com eles.

*- Por quais marcas conheces os ministros? - Pelo verdadeiro sentido da fé, pela sã doutrina, por uma vida exemplar, pela pregação do evangelho, e pela administração correta do batismo e santa ceia.

*- Por quais marcas conheces os falsos ministros? - Pelos seus frutos, pela sua cegueira, pelas más obras, pelas doutrinas pervertidas e pela maneira incorreta de administrar os sacramentos.

*- Como podes identificar a cegueira deles? - Quando, não conhecendo a verdade que é necessária para a salvação, eles apregoam e observam invenções humanas como ordenanças de Deus. Destes Isaías fala e é citado por Cristo em Mateus 15: "Este povo Me honra com seus lábios, mas seu coração está longe de Mim. Em vão Me adoram ensinando doutrinas que são mandamentos de homens."

*- Por quais marcas podes conhecer as obras más? - Por aqueles pecados da carne que o apóstolo fala em Gálatas 5, dizendo: "Aqueles que praticam estas coisas não hão de herdar o reino

de Deus."

*- Por quais marcas podes conhecer as doutrinas perverti - das? - Quando ensina aquilo que é contrária à fé e esperança, como idolatria de várias espécies, santos, relíquias etc.Pois somente o Pai, o Filho e o Espírito Santo é que devem ser adorados, e nenhum outro.Mas quando eles tributam honra ao homem e as obras de suas mãos, ou às suas palavras, ou à sua autoridade de forma tal que as pessoas ignorantemente crêem que estão agradando a Deus por uma falsa religião e mediante o satisfazer a cobiça e simonia dos sacerdotes.

*- Por quais maneiras podes manter sua ligação com a ver - dadeira igreja? - Pela fé e caridade, pela observância dos manda mentos, e pela perseverança em fazer o que é correto.

*- Qual é a terceira virtude necessária para a salvação? - Es - perança.

*- O que é esperança? - É esperar pela graça e também pela glória futura.

*- Como uma pessoa manifesta esperança pela graça? - Por meio da Mediador Jesus Cristo, de quem João diz: "A graça vem por Jesus Cristo." E novamente declara: "Nós temos visto a Sua glória, cheio de graça e verdade. E todos nós temos recebido de Sua plenitude."

*- O que é graça? - É o dom de Deus pelo qual recebemos remissão dos pecados, justificação, adoção e santificação.

*- Por que base é esta graça esperada em Cristo? - Por uma fé viva e verdadeiro arrependimento, dizendo: "Arrependei-vos e crede o evangelho."

*- De onde procede esta esperança? - Do dom de Deus e as promessas das quais o apóstolo menciona: "Ele é poderoso para

cumprir o que prometeu."Pois Ele prometeu a Si mesmo que todo aquele que O busca, que se arrepende e espera nEle, receberá dEle misericórdia, perdão e justificação.

*- Quais são as coisas que nos fazem perder de vista esta esperança?

1. Uma fé morta e as seduções do anti-Cristo em crer outras coisas além de Cristo, ou seja, nos santos, no poder do anti-Cristo - sua autoridade, palavras, bênçãos, nos sacramentos, relíquias de mortos, no purgatório, etc. O anti-Cristo ensina que a fé é obtida por aquelas maneiras que se opõem à verdade, e que são contra os mandamentos de Deus.

2. A idolatria nos diversos aspectos.

3. Também pela impiedade da simonia.

4. Deixando as fontes de água viva dada pela pela graça, e bebendo das cisternas rotas, adorando, honrando e servindo a criatura, mediante oração, jejuns, sacrifícios, doações, ofertas, peregrinações e invocações.

5. Apoiando-se em si mesmo para a aquisição da graça, que apenas pode ser dada por Deus em Cristo. Em vão trabalham, e amam suas riquezas e suas vidas. A verdade é que eles não apenas perdem esta presente vida, mas também aquela que há de ser. Porque está escrito: "A esperança do tolo perecerá."

*- O que dizer da bendita Virgem Maria? - A bendita Virgem Maria foi cheia de graça, o quanto lhe era necessária para si, mas não para comunicar aos outros; pois Jesus apenas é cheio de graça e pode comunicar essa graça a quem desejar. "Temos recebido de Sua plenitude graça por graça."

*- No que consiste a vida eterna? - Em uma fé viva e operante e na perseverança da mesma. Nosso Salvador disse em João

17:3: "A vida eterna é esta que te conheçam a Ti como único Deus e a Jesus Cristo a quem enviastes." "Aquele que perseverar até o fim será salvo."

PASTORES VALDENSES - MODELO DE MINISTÉRIO PASTORAL FIEL

E. G. White, comenta:

As igrejas valdenses, em sua pureza e simplicidade asse - melhavam-se à igreja dos tempos apostólicos. Rejeitando a supre macia do papa e prelados, mantinham a Escritura Sagrada como a única autoridade suprema, infalível. Seus pastores, diferentes dos altivos sacerdotes de Roma, seguiam o exemplo de seu Mestre que "veio não para ser servido, mas para servir." Alimentavam o rebanho de Deus, guiando-os às verdes pastagens e fontes vivas de Sua santa Palavra. Longe dos monumentos da pompa e orgu - lho humano, o povo congregava-se, não em igrejas suntuosas ou grandes catedrais, mas à sombra das montanhas nos vales alpinos, ou, em tempos de perigo, em alguma fortaleza rochosa, a fim de escutar a palavra da verdade proferidas pelos servos de Cristo. Os pastores não somente pregavam o evangelho, mas visitavam os doentes, doutrinavam as crianças, admoestavam os que erravam e trabalhavam para resolver as questões e promover harmonia e amor fraternal. Em tempos de paz eram sustentados por ofertas voluntárias do povo, mas, como Paulo, o fabricante de tendas, cada qual aprendia um ofício ou profissão mediante a qual, sendo ne - cessário, promoveria o sustento próprio. - O Grande Conflito, págs, 64,65

Samuel Morland, comenta:

Para as circunstâncias particulares da forma de disciplina entre aqueles barbes (pastores) dos valdenses daquele tempo, o que chegou às minhas mãos neste assunto fielmente apresento ao leitor cristão.

COM REFERÊNCIA AO SÍNODO, OS MANUSCRITOS NOS INFORMAM QUE:

1. Os barbes (pastores) se reuniam uma vez ao ano para tratar de assuntos em um concílio geral.

2. E o manuscrito italiano (cujo srcinal pode ser visto na biblioteca da Universidade de Cambridge, com a data 1587) nos informa que este concílio era constantemente realizado no mês de setembro, e que alguns séculos atrás, eles eram vistos reunidos em um sínodo realizado em Val Clusone, não menos que 140 barbes.

3. O mesmo manuscrito acrescenta, que eles tinham sempre seus sínodos, e uma forma de disciplina entre eles. Em épocas de perseguição, então os barbes realizavam o concílio em secreto, em suas próprias casas, e na estação de verão, nos topos das montanhas, enquanto o povo estava ali pastoreando o rebanho.

DESTES BARBES (PASTORES) VALDENSES:

1. Alguns eram casados para manifestar mediante isto sua apreciação a instituição do matrimônio.

2. Outros se mantinham solteiros apenas por conveniência, pois freqüentemente eram obrigados a abandonar suas moradias, a medida que eram requisitados para empreender longas e cansativas viagens a fim de propagar o evangelho nos países remotos,

com quem eles tinham então uma constante e particular correspondência após o ano 1160, a saber - na Boêmia, Alemanha, Colônia, Provença, Dauphine, Inglaterra, Calábria e Lombardia.

3. Esses barbes empreendiam essas viagens por turnos, ou itinerantes para visitar seus irmãos ali, e para pregar o evangelho de Cristo entre eles.

4. Aqueles barbes que permaneciam em casa nos vales, além de oficiar e trabalhar na obra do ministério, tomavam ao seu encargo a disciplina e instrução da juventude - especialmente aqueles que eram apontados para o ministério - ensinavam línguas, moral, teologia. Além disso a maioria dos pastores se dedicavam ao estudo e prática do conhecimento do corpo humano e da cirurgia, habilitando-se desta forma a serem sábios médicos tanto para o corpo e alma. Outros entre eles aprendiam as artes mecânicas, a exemplo de Paulo que fazia tendas, e do próprio Cristo que trabalhava na carpintaria de José.

J. A. Wylie, comenta:

A IGREJA DOS ALPES, NA SIMPLICIDADE DE SUA CONSTITUIÇÃO,PODE SER CONSIDERADA COMO UM REFLEXO DA IGREJA NOS PRIMEIRO SÉCULOS:

1. Todo o território que se achava nos limites valdenses, era dividido em distritos.

2. Em cada distrito era colocado um pastor que guiava seu rebanho para as águas vivas da Palavra de Deus. Ele pregava, distribuía a santa ceia, visitava os doentes, catequisava os jovens.

3. Com o pastor estava associado no governo de sua igreja um conselho de leigos.

4. O sínodo se reunia uma vez ao ano. Era composto de todos os pastores, com um número igual de leigos; e o lugar mais freqüente da reunião era nas montanhas, especialmente em Angrona.

5. Algumas vezes 150 barbes com o mesmo número de leigos, se reuniam. Podemos imaginá-los sentados -sobre a grama do vale: Um venerável grupo de homens humildes, eruditos, fervorosos, presidido por um simples moderador, para analisar sobre as suntos de suas igrejas e a condição do rebanho, para oferecer suas orações e louvores ao Eterno, enquanto a majestade dos montes recobertos de neve os contemplava do silencioso firmamento. Não havia necessidade de ritos e cerimônias místicas para tornar solene suas assembléias.

Froom, comenta:

Os ministros valdenses valdenses eram chamados barbes, que significava "tio".

1. Há traços de uma escola dos barbes em Pra del Tor, no Piemonte, atrás da difícil entrada do refúgio do vale de Angrona.

2. Servia este vale para três propósitos - cidadela, colégio e um lugar anual do Sínodo. Ali transcreviam os manuscritos da Bíblia.

3. Deste recanto, um dos refúgios mais ocultos da Europa, estes missionários saíam, cruzavam os Alpes - Apeninos e Pirineus - para espalhar a mensagem evangélica que teve abundante fruto na Reforma. Sua pregação, sem dúvida, preparou o caminho para Huss, Lutero e Calvino.

UM TREINAMENTO BEM EQUILIBRADO PRECEDIA A ORDENAÇÃO:

1. A Bíblia era o livro texto. Deviam decorar os Evangelhos, Epístolas e algum dos livros poéticos do Antigo Testamento.

2. Deviam estar atarefados nos manuscritos. Cada um devia possuir seus próprios manuscritos.

3. Este período de instrução ocorria nos primeiros dois ou três anos, e era seguido por um período semelhante de isolamento de dois ou três anos para estudos posteriores antes de ser ordenados. Só então estavam qualificados para administrar a Palavra e a santa ceia.

4. Eram igualmente instruídos no Latim, no vernáculo Romance e o Italiano.

5. Alguns aprendiam profissões que lhe eram úteis nas viagens.

6. Muitos se tornavam sábios na arte de curar como médicos e missionários.

SEPARADOS PARA O MINISTÉRIO:

Quando o período de treinamento terminava e após o cará-ter ter sido aprovado - pois apenas os genuínos deviam ser consagrados para o ofício - eles eram separados para o ministério pela imposição das mãos, e aqueles que no futuro cometiam graves pecados eram expulsos da igreja e do cargo de pregar. Poucos pastores eram casados, pois desta forma estavam livres para viajar:

1. Algumas vezes jovens barbes entravam nas grandes universidades da Europa, e propagavam silenciosamente as verdades evangélicas, muitos deles sendo hábeis na arte conversar e instruir.

2. No ministério eles pregavam, visitavam os doentes de

perto e de longe, administravam o batismo e a santa ceia e instruíam as crianças. Na obra educacional eram auxiliados por leigos. Suas comunidades tinham um bom número de escolas.

3. Agiam também como conselheiros dando orientações.

4. Atuavam como árbitro nas controvérsias, disciplinavam os insubordinados e mesmo exclusões

5. Um problema que não podia ser resolvido no distrito era apresentado perante o sínodo geral.

6. No culto público a congregação orava em uníssono antes e depois do sermão. Cantavam hinos, e a maior parte dos cânticos era feito depois do serviço da igreja.

7. Usavam a oração do Pai Nosso e a Bíblia é continuamente citada pelos barbes.

O SÍNODO ANUAL EM SETEMBRO:

1. Geralmente em Angrona.

2. Era presidido por um moderador, com o título de presidente, que era nomeado a cada Sínodo.

3. Não havia nenhuma distinção de hierarquia, exceto o reconhecimento da idade, serviço e capacidade.

4. Eles mesmos escolhiam os líderes que os governavam.

5. Nestes Sínodos os jovens eram examinados e aqueles que pareciam qualificados eram admitidos no ministério.

6. Eram também designados aqueles que deviam viajar para lugares distantes, em geral por turnos. A regra era uma missão de dois anos, mas ninguém retornava até que um outro viesse tomar seu lugar.

7. Igualmente no Sínodo ocorria a mudança de residência

pastoral nos vales ou nas igrejas mais distantes, e os pastores eram transferidos a cada dois ou três anos.

8. Pessoas eram escolhidas para receber doações e ofertas nas igrejas, e estas eram levadas ao Sínodo geral para serem distribuídas, - pois os barbes que serviam como pastores eram geralmente sustentados por contribuições voluntárias - ou seja, seu alimento e vestuário eram supridos.

9. No Sínodo a condição das várias igrejas era relatado, e planos eram idealizados para os anos seguintes, e a indicação feita para os vários cargos.

CARTA DO PASTOR - BARTOLOMEU TERTIAN ENVIADA ÀS IGREJAS EVANGÉLICAS DE PRAGELA:

Que Jesus esteja conosco:

Aos meus fiéis e amados irmãos em Jesus Cristo. Vos saúdo a todos. Amém.

Esta epístola carta é para exortar vossa fraternidade, de acordo com a verdade que graciosamente me foi outorgada por Deus, com relação a vós, para benefício da salvação das almas, em harmonia com a luz da verdade que nos foi dada pelo Altíssimo.

1. Para que cada um de vós seja alimentado e frutifique no mais alto grau na fé.

2. E que de forma alguma haja rebaixamento daqueles bons princípios, regras e princípios que nos foram deixados por nossos ancestrais.

Pois seria de pouco benefício para nós ter sido renovados pela persuasão benévola de Deus, mediante a luz que Ele nos outorgou:

* Se agora nos entregássemos à conversação mundana, carnal, esquecendo o principal objetivo que é Deus e a salvação de nossas almas, pelos prazeres passageiros desta vida.

* Pois o Senhor disse no Evangelho: "Que aproveito o homem ganhar o mundo inteiro, se perder sua alma. É melhor que nunca tivesse conhecido o caminho da justiça, do que, tendo-o conhecido, andar de modo contrário a ele."

* Sim, estareis totalmente sem desculpas e a condenação mais severa, pois a punição infligida será maior sobre aqueles que tiveram a maior medida de conhecimento.

Portanto eu vos exorto para amardes a Deus, não diminuindo mas aumentando o amor, temor e obediência a Ele devido, e uns para com os outros.

1. E também observar os bons princípios, que por nosso intermédio, tens visto e ouvido de Deus.

2. E que haveis de procurar remover e purificar de vosso meio todas aquelas faltas e fracassos que interrompe vossa paz, amor e harmonia, juntamente com tudo aquilo que obstrui vossa liberdade no serviço de Deus e para a vossa salvação, e crescimento na verdade.

3. E tudo isso, se desejais que Deus vos seja propício, em relação tanto a vossa condição espiritual e temporal, considerando que nada podeis fazer sem Ele.

4. Portanto, se desejais ser herdeiros de Sua glória, obedecei assim como Ele vos tem ordenado:"Se desejais entrar na vida, guardai meus mandamentos."

Além disso tomai cuidado que não haja entre vós: Nenhum esporte vão,- glutonaria, - prostituição, - bebedice ou coisas semelhantes, como também, - nenhuma controvérsia, - fraude, - usura,

- inveja, - ou discórdia.

E, finalmente, estai atentos para não dar vosso apoio a qualquer pessoa de vida irregular, que possa tornar-se um escândalo, ou um mau exemplo para outros. Antes, pelo contrário, que o amor, fidelidade e toda espécie de bons exemplos reine sobre vós, fazendo aos outros o que desejaríeis que fosse a vós. Pois de outra forma não poderemos ser salvos, ou encontrar graça e favor com Deus e os homens neste mundo, ou a glória no mundo que há de ser.

É necessário que os líderes e aqueles que dirigem e exercem autoridade entre vós coloquem estas coisas em prática e sejam exemplo. Pois quando a cabeça está doente, todos os membros ficam descontrolados.

Portanto, se tendes esperança e desejo de herdar a vida eterna, ser estimados, exercer influência, e prosperar no mundo tanto nas coisas temporais como espirituais

1. Purificai-vos de toda discórdia que há no meio de vós, para que Deus possa estar sempre no meio de vós. Ele nunca abandona aqueles que confiam nEle.

2. Mas saiba com certeza, que Deus não habita com os pecadores impenitentes nem Seu coração se inclina para aquele que pratica o mal, ou para aquele que é escravo do pecado.

Portanto que cada um emende os caminhos de seu próprio coração e afaste os perigos, se não quiser perecer.

Apenas acrescentarei isto:

* Que vos certificais em cumprir estas coisas, e que o Deus da paz esteja convosco. Nossa humilde e fervorosas orações e súplicas elevamos a Deus em vosso favor e para o vosso bem estar espiritual e material.

* Saudações a todos os fiéis e amados de Cristo. Amém.

Sou totalmente vosso,
Bartolomeu Tertian,
Pronto a servi-los em todas as coisas que estejam
em nosso poder e de acordo com a vontade de Deus.

Esta carta faz parte dos manuscritos srcinais traduzidos por Samuel Morland

MISSIONÁRIOS VALDENSES - MODELO DOS EVANGELISTAS E PASTORES NA VOCAÇÃO DE COLPORTORES

E. G. White, comenta:

Os ministros valdenses eram educados como missionários, exigindo-se primeiramente de cada um que tivesse a expectativa de entrar para o ministério, aquisição de experiência como evangelista. Cada um deveria servir três anos em algum campo missionário antes de assumir o encargo em uma igreja em seu país. Este serviço, exigindo logo de começo renúncia e sacrifício, era introdução apropriada à vida pastoral naqueles tempos que punham à prova a alma. Os jovens que recebiam a ordenação para o sagrado mister, viam diante de si, não a perspectiva de riquezas e glória terrestre, mas uma vida de trabalhos e perigo, e possivelmente o destino de mártir. Os missionários iam de dois em dois, como Jesus enviara Seus discípulos. Cada jovem tinha usualmente por companhia um homem de idade e experiência, achando-se aquele sob a orientação do companheiro, que ficava responsável por seu ensino, e a cuja instrução se esperava que seguisse. Esses coobrei-

ros não estavam sempre juntos, mas muitas vezes se reuniam para orar e aconselhar-se, fortalecendo-se assim mutuamente na fé.

Tornar conhecido o objetivo de sua missão seria assegurar a derrota; ocultavam, portanto, cautelosamente seu verdadeiro caráter. Cada ministro possuía conhecimento de algum ofício ou profissão, e os missionários prosseguiam na obra sob a aparência de vocação secular. Usualmente escolhiam a de mercador ou vendedor ambulante. "Levavam sedas, jóias e outros artigos, que naquele tempo não se compravam facilmente, a não ser em mercados distantes, e eram bem recebidos como negociantes onde teriam sido repelidos como missionários." - Wylie. Em todo o tempo seu coração se levantava a Deus rogando sabedoria a fim de apresentar um tesouro ainda mais precioso do que o ouro ou jóias. Levavam secretamente consigo exemplares da Escritura Sagrada, no todo ou em parte; quando quer que se apresentasse oportunidade, chamavam à atenção dos fregueses para os manuscritos. Muitas vezes assim se despertava o interesse de ler a Palavra de Deus, e alguma porção era de bom grado deixada com os que a desejavam receber.

A obra destes missionários começava nas planícies e vales ao pé de suas próprias montanhas mas estendia-se muito além destes limites. Descalços e com vestes singelas e poentas da jornada como eram as de seu Mestre, passavam por grandes cidades e penetravam em longínquas terra. Por toda parte espalhavam a preciosa verdade. Surgiam igrejas em seu caminho e o sangue dos mártires testemunhava da verdade. O dia de Deus revelará rica messe de almas pelos labores desses homens fiéis. Velada e silenciosa, a Palavra de Deus rompia caminho através da cristandade e tinha alegre acolhida nos lares e corações...

O mensageiro da verdade continuava seu caminho; mas seu aspecto humilde, sua sinceridade, ardor e profundo fervor, eram assuntos de observação freqüente. Em muitos casos o ouvinte não perguntavam donde viera ou para onde ia. Ficavam tão dominados, a princípio pela surpresa e depois pela gratidão e alegria, que não pensavam em interrogá-lo. Quando insistiam com ele para os acompanhar a suas casas, respondia-lhes que devia visitar as ovelhas perdidas do rebanho. Não seria ele um anjo do Céu? indagavam.

Em muitos casos não se via mais o mensageiro da verdade. Seguira para outros países, ou a vida se lhe consumia em algum calabouço desconhecido; ou talvez seus ossos estivessem alvejando no local em que testificara da verdade. Mas as palavras que deixara após si, não poderiam ser destruídas. Estavam a fazer sua obra no coração dos homens; os benditos resultados só no dia do juízo se revelarão plenamente.

Os missionários valdenses estavam invadindo o reino de Satanás, e os poderes das trevas despertaram para maior vigilância. Todo esforço para avanço da verdade era observado pelo príncipe do mal, e êle excitava os temores de seus agentes. Os chefes papais viram grande perigo para a sua causa no trabalho destes humildes itinerantes. Se fosse permitido à luz da verdade resplandecer sem impedimento, varreria as pesadas nuvens do erro que envolviam o povo; haveria de dirigir o espírito dos homens a Deus unicamente, talvez destruindo, afinal, a supremacia de Roma. -- O Grande Conflito, págs, 67,68,72,73.

Portanto, processos de terríveis perseguições desabaram sobre os valdenses.

Froom, comenta:

Os valdenses eram evangelistas e evangélicos. Eram um grupo missionário, que não apenas mantiveram a luz no refúgio das montanhas nativas, mas levaram o evangelho através da Europa.

1. Cada barbe era requerido servir como um missionário, e iniciar-se nos delicados deveres do evangelismo. Este treinamento ocorria sob os cuidados de um ministro mais velho, que era incumbido de treinar corretamente o jovem pastor associado.

2. Era uma antiga lei da igreja que antes de tornar-se elegível como um barbe para um cargo nos vales nativos,um homem devia servir um período como missionário, e a perspectiva de mártir estava sempre perante ele.

3. Os missionários visitavam os grupos espalhados dos valdenses.

4. Mas sua principal obra era evangelizar em cada direção - na Itália, França, Espanha, Inglaterra, Boêmia, Polônia e mesmo na Bulgária e Turquia. Seus caminhos era marcados com congregações de adoradores e com a estaca da fogueira. Podemos acompanhar suas principais atividades pelos monumentos e histórias de seus sofrimentos e morte.

5. O católico Bernard de Fontcaud amargamente reclama que eles "continuavam a espalhar perto e longe, e por todo o mundo, o veneno de sua perfídia." Antes da inquisição eles se empenhavam em debates públicos com os católicos.

6. Depois eles seguiram outro método, ocultando a real missão sob o disfarce de comerciantes, artesões, médicos ou mascates de artigos raros que eram apenas obtidos em terras distantes, como sedas e jóias. Desta forma tinham oportunidade de vender sem dinheiro ou preço, a Palavra de Deus. Sempre carregavam porções

das Escrituras, geralmente eram aquelas que eles mesmos haviam copiado.

7. A história bem conhecida da distribuição da Bíblia entre a classe mais elevada sob o disfarce de um mascate de jóias chegou até nós por intermédio de Passau o inquisidor. A rústica vestimenta de lã e os pés descalços do mascate era um vívido contraste à vestimenta de púrpura e linho fino dos sacerdotes.

8. Whittier dá um quadro belo da cena: "Oh! Boa Senhora, estas minhas sedas são belas e raras - As mais finas da Índia, que as mais belas rainhas devem usar. E as minhas pérolas são puras, como são belos os vosso pescoço. Eu as adquiri com grande sacrifício - porventura não hás de comprá-las, bondosa senhora?

OH! simpática senhora, tenho ainda uma pérola que é a mais pura dos lustres, Resplandece mais do que o diamante das jóias da coroa usada pelo mais poderoso monarca: Ë uma maravilhosa pérola que não tem preço, cuja virtude jamais perecerá; Cuja luz será como um espelho para ti e uma bênção no teu caminho." - John Greenleaf Whitter, The Vaudois Teacher, p.3

T. Fenwick, comenta:

A marca da igreja valdense: Uma candeia iluminando a escuridão da noite sob o arco de sete estrelas e o moto - Lux lucet in Tenebris - A Luz Resplandece na Escuridão. Por uma parte é um maravilhoso emblema da igreja, e por outra uma verdadeira declaração com respeito a ela, através de todos estes séculos quando "as trevas cobriam a Terra e grande escuridão os povos."

Um dos meios que a igreja valdense usou para expandir o conhecimento da verdade, era os colportores. Estes servos de Cristo além de vender jóias e outros artigos finos, vendiam ou davam, a medida que tinham oportunidade, cópias da Palavra de Deus.

Sobre isto Whitter compôs um bem conhecido poema: "The Vaudois Colporteus".

Representa alguém visitando um castelo, onde ele vende uma pérola para uma senhora rica, um membro da igreja romana. Ele então fala de uma pérola que não lhe havia ainda mostrado e descreve seu valor incomparável. A senhora promete comprar a pérola. Ele coloca uma Bíblia em suas mãos ,dizendo: "Guarda o teu ouro, eu nada cobro, pois a Palavra de Deus é gratuita." O colportor então vai embora. Ela recebe luz do alto,mediante o estudo do Livro sagrado. Finalmente ela lança sua sorte com o "Israel dos Alpes." Como Moisés ela escolha "antes sofrer aflição com o povo de Deus, do que desfrutar prazeres momentâneos do pecado, estimando o opróbrio de Cristo como maiores riquezas do que os tesouros da Terra, pois mantinha em vista a recompensa do galardão." Hb. 11:24-27.

J. A. Wylie, comenta:

Depois de passar um certo período na escola dos barbes:

* Não era raro para os jovens valdenses prosseguirem seus estudos nas grandes cidades da Lombardia ou irem à Sorbonne de Paris.

* Ali eles viam outros, estudavam outras matérias, e obtinham um horizonte mais amplo do que nos seus nativos vales.

* Muitos dele tornavam-se eruditos na arte de falar, argumentar e convencer, e freqüentemente convenciam ricos comerciantes com quem entravam em contato comercial, ou os senhores de terras em cujas casas eles se hospedavam.

* Os sacerdotes raramente estavam dispostos a enfrentar com argumentos o missionário valdense.

Conservar a verdade em suas próprias montanhas não era

o único objetivo deste povo. Sentiam sua responsabilidade com o resto da cristandade.

1. Os valdenses procuravam afastar a escuridão e reconquistar o reino que Roma havia subjugado.

2. Eram tanto uma igreja evangelística como evangélica.

3. Existia uma antiga lei entre eles que todos aqueles que se preparassem para o ministério, antes que fossem eleitos para missões em seus vales nativos, deviam servir por três anos nos campos missionários. Os jovens em cuja cabeça os barbes reunidos colocavam suas mãos viam diante de si a perspectiva não agradável e fácil, mas uma possível morte de mártir. Seu campo missionário eram as regiões que se estendiam para além do pé das montanhas nativas.

Iam de dois em dois, ocultando o caráter de sua missão sob o disfarce de uma profissão secular, e mais comumente a de comerciante ou mascote.

* Levavam consigo jóias e outros artigos, naquele tempo não facilmente adquiridos exceto em distantes mercados, e eles eram bem recebidos como mascotes onde eles seriam afugentados como missionários.

* Á porta do pequeno comércio como também os portões dos castelos dos barões, de igual forma se abriam para eles. Mas seu discurso era principalmente revelado em vender, sem dinheiro e sem preço, uma mercadoria mais rara e mais valiosa do que as sedas e as jóias que lhes abriram as portas. Tomavam cuidado com elas, ocultando-as entre os pertences ou mesmo nas suas vestes, porções da Palavra de Deus, geralmente os manuscritos por eles mesmos copiados, e, para estes escritos eles chamavam a atenção de seus clientes. Quando percebiam um desejo deles de a possuí-

rem, eles lhe davam como presente onde não podia ser adquirida.

Não houve reino algum, no centro e no sul da Europa onde esses missionários não penetrassem, e não deixavam nenhuma pista de sua visita nos discípulos que eles formavam:

1. No ocidente eles penetraram na Espanha.

2. No sul da França encontraram amigos companheiros nos albigenses, por quem as sementes da verdade foram espalhadas em Dauphine e Languedoque.

3. Ao oriente, descendo os rios Reno e Danúbio, eles levaram a Alemanha. Boêmia e a Polônia com suas doutrinas, -- sua passagem sendo marcada por templos de adoração e as fogueiras do martírio que acompanhavam seus caminhos. O historiador Leger diz que os valdenses no ano 1210, tinham igrejas na Eslavônia, Sarmátia e Livônia.

4. Mesmo na cidade das Sete Colinas eles não temeram entrar, semeando em terreno arenoso, na esperança que pudesse criar raízes e crescer.

5. Seus pés descalços e vestes de lã os tornavam pessoas singulares nas ruas de uma cidade, onde os sacerdotes se vestiam a si mesmos em púrpura e linho fino. E quando era descoberto sua real missão, como algumas vezes ocorria, os governantes da cristandade, seguindo métodos de perseguição e fogueira "acabavam aguando a semente com o sangue dos homens que a havia semeados." McCrie, Hist. in Italy, pág. 4.

Assim foi a Bíblia espalhada naqueles séculos. Velada e silenciosa, a Palavra de Deus rompia caminho através da cristandade e tinha alegre acolhida nos lares e corações.

De seu exaltado trono Roma olhava com menosprezo sobre o Livro e seus humildes defensores.

* Roma almejava subverter os reis, pensando que se perma - necessem ignorantes não ousariam se revoltar.

* E, portanto, pouca atenção deu a um poder que, fraca como parecia ser, estava destinado no futuro a quebrar a fábrica de seu domínio.

* Pouco a pouco Roma começou a se inquietar. O penetrante olho de Inocêncio III detectou justamente a fonte de onde o perigo estava surgindo. Ele viu nos labores desses humildes homens o começo de um movimento que, se permitisse prosseguir e obter força haveria de desmoronar tudo o que Roma havia alcançado durante séculos de intriga, engano e astúcia. Então sem demora o papa começou aquelas terríveis cruzadas que esmagou os semea - dores mas regou a semente, ajudando a produzir na sua hora in - dicada, a obra reformatória evangélica no Século XVI, que o papa procurara evitar.

CONCLUSÃO

"Os valdenses são aqueles que professam uma existência desde o tempo do papa Silvestre", diz o historiador Pilchdorffius. Reinerius, o inquisidor, implacável inquisidor dos valdenses no Século XIII, declara:"Todas as outras seitas se tornaram aborrecíveis pela razão de blasfemarem de Deus, mas os valdenses têm uma grande aparência de piedade, pois vivem de uma maneira justa perante os homens, e crêem de modo correto concernente a Deus em todas as coisas... Mas há uma coisa contra eles - eles menos prezam o sacerdócio romano, e ganham facilmente crédito entre o povo."

Beza faz um maravilhoso comentário dos valdenses em seu famoso tratado: Pilar de Conhecimento e Religião: "Com respeito aos valdenses eu os chamo como a própria semente da igreja primitiva e pura, sendo aqueles que sustentaram pela admirável providência de Deus, tempestades e provas, enquanto todo o mundo cristão achava-se por muitos séculos em escuridão."

Os valdenses, diz E. G. White, durante a Idade Média, "era a verdadeira Igreja de Cristo,.. a Igreja no deserto.. a depositária dos tesouros da verdade que Deus confiara a Seu povo para ser dada ao mundo.Por trás dos elevados baluartes das montanhas - em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos - os valdenses

encontraram esconderijo. Ali, conservou-se a luz da verdade a arder entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé... Dispersos em muitos países, plantaram a semente da Reforma."

Com a luz progressiva da verdade que resplandece em nosso caminho hoje - a luz dos valdenses, da Reforma do Século XVI, dos reavivamentos nos tempos de Wesley e Whitefield, e da gloriosa luz da obra ministerial de Cristo no lugar santíssimo do Santuário Celestial - o Senhor Seu fiel remanescente a avançar a obra de Reforma progressiva da fé e virtudes cristãs, que foi iniciada "no tempo de Wiclef, cresceu larga e profundamente nos dias de Lutero, e deve ser levada avante por aqueles que estão dispostos a sofrer todas as coisas pela 'Palavra de Deus, e pelo Testemunho de Jesus Cristo.' Apoc. 1:9 "

Que o testemunho e experiência dos valdenses inspire e impulsione o prezado leitor a tornar-se hoje, pela graça de Deus, uma tocha viva da verdade presente, fiel e zeloso representante da luz progressiva que nos foi confiado como depósito sagrado, - como os valdenses o foram durante os séculos de escuridão da Idade Média. Que a leitura e meditação desta maravilhosa história dos valdenses conduza o povo de Deus no tempo presente a refletir, acalentar no coração o ardente desejo de preservar, quaisquer que sejam as circunstâncias adversas, o sagrado depósito de fé e doutrina que temos recebido da compreensão mais profunda do plano da redenção, dos ensinos de Cristo, do alcance espiritual dos princípios da lei de Deus, dos privilégios e responsabilidades que temos de estar sob a jurisdição do Pai, Filho e Espírito Santo; e da preparação requerida para aguardar a vinda de Cristo e ser achados por Ele em paz e preparados.

BIBLIOGRAFIA

* A Bíblia Sagrada -, João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada

* E. G. White -, O Grande Conflito

* Hurst -, Eclesiastical History

* Mosheim -, Eclesiastical History

* Robinson's -Eclesiastical Researches

* Samuel Miller -, Professor de História Eclesiástica no Seminário Teológico Princeton

* Milner's -, História Eclesiástica do Século VII

* Rev. Adam Blair -, History of Waldense

* Dr. Bray -, History of the Old Waldenses and Albigenses

* Claudius Rubis' - History

* Albert de Capitaneis -, Original of the Vaudois

* Boiler -, Antigüidade dos Valdenses

* William Beattie -, Os Valdenses na História Eclesiástica

* T. Fenwick -, Os Valdenses, História e Antiguidade

* William Jones - The History of the Christian Church, vol I e II

* Pierre Gilles -, History of the Valdenses

* Geoge S. Haber -, The History of the Ancient Vallenses e Albigenses

* Muston -, The Israel of the Alpes
* J. A. Wylie -, History of the Waldenses
* John Greenleaf Whittier -, The Vaudois Teacher
* Froom -, Antigas Raízes dos Valdenses na Itália
* Benjamim G. Wilkinson -, Truth Triunfant
* Bower's - The History of the Popes
* Benedict -, A General History of the Baptist Denomina - tion
* Allix -, The Ancient Churches of Piemont
* Arnould -, The Glorius Recovery
* Gibbom -, Decline and Fall of the Roma

* Neader -, General History of the Christian Religion
* Samuel Morland -, The Church of Piemont
* Antonie Monastier -, History of the Vaudois Church
* Crespin -, Hist. des Martyres
* James McCabe -, Cross and Crown
* Thompson -, The Papacy and the Civil Power
* Mc. Crie -, Hist. of Refor. in Italy

* Herderson -, The Vaudois

www.crescermais.net